

Ruben Holdorf, org.

História da Comunicação

Adventista

no Brasil



UNASPRESS

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL

Todos os direitos reservados para UNASPRESS. Não é permitida a cópia total ou parcial sem autorização prévia dos editores.

Editoração: Renato Groger

Revisão: Ellen Ribeiro e Felipe Carmo

Capa: Fábio Fernandes

Diagramação: Fábio Fernandes e Luzia Paula

Ruben Holdorf, org.

História da Comunicação Adventista no Brasil

1ª ed.

UNASPRESS, 2009

Engenheiro Coelho, SP

ISBN: 978-85-89504-21-8

1. Comunicação; 2. História; 3. Jornalismo

1ª edição

2009

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho

Consulte o catálogo e adquira nossas publicações

Tel. (19) 3858-9055 / Home Page: www.unaspRESS.unasp.edu.br

SUMÁRIO

Unidade 1 – JORNALISTAS ADVENTISTAS E SUAS RELAÇÕES COM A IMPRENSA SECULAR	1
Capítulo 1 – Pressupostos históricos	5
Capítulo 2 – Pioneirismo na mídia impressa secular (1942-1983)	11
Capítulo 3 – Valorização de meios massivos de comunicação como instrumentos de evangelização (1984-1996)	51
Capítulo 4 – Retorno aos impressos e estruturação acadêmica (1996-2003) ..	59
Capítulo 5 – Comunicação entendida como comunhão – necessidade de qualificação profissional (2003 em diante)	83
Capítulo 6 – Profissionalismo já!	91
Notas	93
Referências bibliográficas	101
 Unidade 2 – HISTÓRIA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO UNASP: UMA ABORDAGEM DENOMINACIONAL	 103
Capítulo 1 – Aceitando a comunicação (década de 1970 a 1999)	105
Capítulo 2 – Fazendo comunicação (2000 até o final da década)	113
Capítulo 3 – Pensando a comunicação (final da década de 2000 em diante)...	135
Capítulo 4 – Anexos	139
Notas	149
Referências bibliográficas	155
 Unidade 3 – BIOGRAFIAS	 157
Capítulo 1 – Primeiro assessor da Igreja: Roberto Rodrigues de Azevedo	159
Capítulo 2 – Senhor das câmeras e do microfone: Alcides Campolongo	163
Capítulo 3 – Último recado: Arnaldo B. Christianini	167
Capítulo 4 – Comunicador quatro estrelas: Assad Bechara	171
 Unidade 4 – APÊNDICES	 175
Apêndice 1 – Crescimento de olho na missão	177

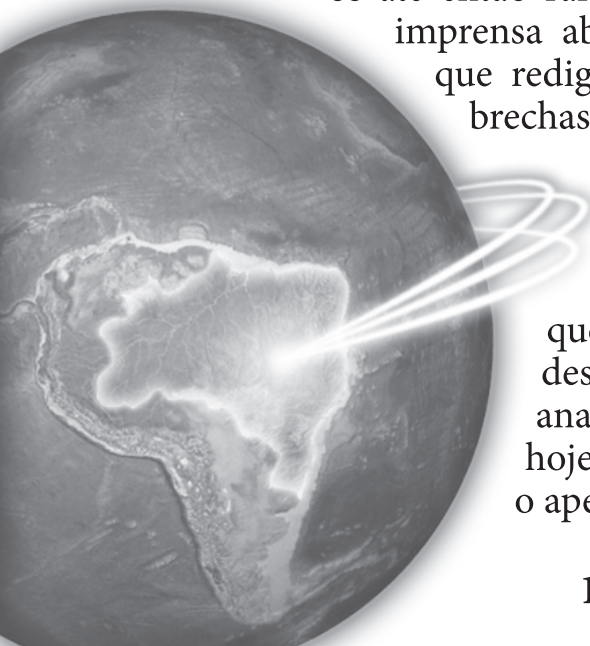
Apêndice 2 – Declaração de consenso	181
Apêndice 3 – Cronograma histórico da comunicação adventista no Brasil	185

JORNALISTAS ADVENTISTAS E SUAS RELAÇÕES COM A IMPRENSA SECULAR

Ruben Holdorf

Ao discutir a pauta a respeito dos fatos relacionados à história dos jornalistas da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e seus vínculos com a mídia impressa secular, despertou-se a curiosidade em resgatar o que a imprensa secular produziu a respeito dos adventistas; que assuntos alimentaram a mídia quando lhes oportunizou esse espaço, e como a Igreja reagiu diante das notícias negativas e boatos preconceituosos propalados pela imprensa escrita. Além do papel desempenhado pelos líderes eclesiásticos e comunicadores na Igreja, sublinhou-se a relevância de se conhecer que temas

os até então raros profissionais adventistas de imprensa abordaram na mídia secular; o que redigiram quando aproveitaram as brechas para a divulgação da Igreja e de um diversificado estilo de vida; que dificuldades enfrentaram diante da crescente secularização da sociedade; de que forma a Igreja reagiu à presença desses profissionais; e como esses analisam a comunicação na Igreja hoje e quais são suas propostas para o aperfeiçoamento deste setor.



A divisão histórica proposta no primeiro capítulo recebeu a corroboração das pesquisas da jornalista Fabiana Bertotti e do doutor Vanderlei Dorneles.¹ Apesar disso, este material não pode ser considerado um produto acabado em si, face às dificuldades encontradas conforme se explica em seguida.

As entrevistas com profissionais adventistas e pastores que trabalharam ou atuam na comunicação constataram o primeiro embaraço: a Igreja praticamente não tem memória. Isto se evidenciou quando da pesquisa junto ao pastor Irineo Koch, então diretor de Comunicação da sede sul-paranaense dos adventistas (Associação Sul-Paranaense), se ele poderia apresentar recortes de periódicos com a Igreja como notícia. Koch respondeu que, por uma falha grave, não guardaram os jornais que saíram as notícias locais.²

Em geral, os relatos desta matéria se baseiam na história oral, dependem da lembrança de cada entrevistado, às vezes imprecisa, ou contraditória. Exemplo disso o pastor Roberto Doehnert, 88 anos, narra, falando do dia em que sua família virou notícia em um jornal paulistano. Todavia, nem ele nem a mulher lembram o nome do jornal e a data da publicação. Mas outros fatos eles conseguem decodificar dos arquivos da memória. Doehnert se entusiasma ao citar os artigos de Arthur Valle publicados todos os domingos na *Gazeta do Povo*, de Curitiba, quando este respondia pelo Departamento de Relações Públicas da antiga Associação Paranaense. Mais animado, de repente surge outra lembrança para Doehnert: o Congresso Jovem realizado em 1956, na Quitandinha, antigo hotel-cassino próximo a Petrópolis. “Eu sei que houve um *flash* da imprensa, só que eu não guardei nada”, confessa Doehnert.³ Ele recorda que o quarteto Bando da Lua cantou no congresso, uma participação de não-adventistas. Uns criticaram isso, mas eles satisfizeram expectativas e gostos dos participantes. A harmonia deles chegou a receber elogios.

Este trabalho resulta mais de um esforço de jornalismo investigativo do que de uma pesquisa científica, apesar dos complementos teóricos presentes ao longo do texto. Para tanto, foram entrevistadas

41 pessoas, *in loco*, por telefone ou *e-mail*. Outras vinte tentativas se frustraram, levantando nova constatação: a de que muitos comunicadores ainda não se habituaram ao uso de *e-mail*, ou de, pelo menos, dar retorno aos contatos e recados deixados com secretárias. Assim, a ausência de muitos nomes e sua importância na história da comunicação adventista não poderá ser contestada. Cerca de quinze horas gravadas em fitas cassetes estão conservadas, cujo conteúdo passou pelo processo de decupagem e edição. Nem todo o áudio poderá ser ouvido, pois existe o compromisso ético de preservar a integridade moral das fontes, já que foram feitas severas críticas ao atual modelo de comunicação adotado pela Igreja. Isto não significa que o material ora exposto sofreu alterações ou omissões. Apenas se deseja impedir a possibilidade de intrigas e retaliações, instigando tão somente a análise e o surgimento de perspectivas viáveis ao aperfeiçoamento da comunicação na Igreja.

Dentre todos os nomes pesquisados, três deles se tornaram unânimes no conceito da esmagadora maioria dos comunicadores e jornalistas: Roberto Azevedo, como o pioneiro desbravador das redações na mídia secular; Arthur Valle, como o primeiro adventista diplomado em Comunicação Social/Jornalismo; e Elon Garcia, como o mais experiente profissional, ainda em atividade, com 58 anos de trânsito nas redações e agências de publicidade, e de colaboração com a Igreja.

A hipótese de que o primeiro jornalista adventista a atuar na mídia secular teria sido Emílio Doehnert, não se comprovou. Emílio, pai de Roberto, exerceu a função de tipógrafo, e não de jornalista, no periódico *Die Zeit (O Tempo)*, em 1921, quando ainda existiam muitos jornais em língua alemã na capital paranaense. O veículo pertenceu à família do empresário Max Schrape, proprietário da Impressora Paranaense, indústria de embalagens, algumas delas muito conhecidas, como a caixa amarela dos chocolates Garoto e os pequenos invólucros das lâminas de barbear Gillette.

Emílio começou a trabalhar em jornal aos 14 anos de idade, em 1910. Em 14/4/1912, no *Der Beobachter (O Observador)*, ele teve o privilégio de compor a notícia do naufrágio do Titanic.⁴ Emílio só

se batizou em 1917. Este jornal de língua alemã defendia os interesses da comunidade luterana, representada pelo Collegio Alemão. O historiador João Marcassa⁵ descreve os embates pedagógicos entre os educadores luteranos e os professores do Collegio Internacional, dos adventistas: “O sistema de ensino usado pelos adventistas no Collegio Internacional suscitou uma disputa com o Collegio Alemão, defendido pelo jornal *Der Beobachter*.” Com o objetivo de conhecer seu contexto, recorreu-se à Biblioteca Pública do Paraná, arquivos de jornais e ao Museu da Memória, mas nada se preservou dessa época.

Discursos apologéticos entre religiosos se tornaram um marco na história do Paraná desde a chegada dos primeiros imigrantes europeus. Os historiadores Wilson Martins, David Carneiro e Ruy Wachowicz analisam esses fatos, sobressaindo-se a troca de farpas entre os jornais *O Dezenove de Dezembro* e *O Municipal*. O primeiro, defendendo o bispo de Curitiba, e o segundo, o pastor da Primeira Igreja Batista. Contudo, isso serve de estímulo para se aprofundar essa pesquisa e apurar a veracidade e importância desses acontecimentos como antecedentes no surgimento de uma cultura adventista local mais aberta ao ramo da comunicação.

Pressupostos históricos

Não há como comparar a mídia impressa brasileira atual com aquilo que se entende como imprensa durante a fase final da colônia, o período imperial e a primeira metade do século passado. Apesar das leis que regem a imprensa terem sua origem na ditadura militar e ainda existirem movimentos resistentes à livre atuação dos jornalistas, o Brasil desfruta de vantajoso processo quanto à liberdade de consciência e expressão. Essa seria a ocasião ideal para a Igreja Adventista do Sétimo Dia tirar proveito e investir ao máximo seus recursos na potencial área da comunicação, a fim de cumprir sua missão evangelizadora.

A urgente necessidade de a Igreja valorizar e usar com diligência a comunicação e suas mídias, principalmente a imprensa e a internet, explica-se pelo fato de o rádio e a televisão dependerem de concessão federal, enquanto que a mídia impressa não é regulada por lei exploratória e a internet não se subordina a qualquer legislação específica. Analisando a história brasileira e as tendências legislativas no Congresso Nacional, surge o alerta de que esse estado de aparente liberdade pode ser passageiro. Segundo o historiador Nelson Werneck Sodré,⁶ a futura Lei de Imprensa, cujo projeto se encontra há mais de duas décadas no Congresso, tem como objetivo assegurar a manutenção do poder vigente e sedimentar as forças da classe dominante.

De acordo com Sodré,⁷ a cultura das forças políticas dominantes atuais sente dificuldade em se desenlaçar das raízes da opressão originadas durante o regime colonial. Em meados do século 18, o marquês de Pombal criou a Real Mesa Censória, proibindo a publicação e a leitura de livros, jornais e a comercialização de papel, cuja prática se dava somente com autorização do Santo Ofício da Inquisição, da

Cúria romana e dos desembargadores. O ato era estendido ao Brasil e demais colônias lusitanas na Ásia e na África. Até mesmo a existência de bibliotecas nas casas poderia levar alguém ao tribunal e suas consequências: prisão, multas pesadas, degredo, humilhação e morte. Livros eram privilégio de clérigos. Devido a essa situação de ignorância social, o escritor português Teófilo Braga rotula o Brasil de “desgraçado país, marasmado pela imbecilidade”.⁸ Pelo fato de a Igreja Católica considerar a imprensa, em particular, um sacrilégio, o estabelecimento de outras instituições também se viu prejudicado, motivo que se somaria ao atraso no desenvolvimento do país, mesmo independente.⁹ Como poderá se perceber adiante, essa configuração do pensamento nativo quanto ao papel da imprensa se enraizará no preconceito contra aqueles que se identificavam com o exercício jornalístico.

Tentando dividir a história da imprensa escrita brasileira em períodos, Sodré¹⁰ estabelece duas fases: a da imprensa artesanal e a da imprensa industrial. Na primeira, a imprensa vivia mais da opinião, fase típica do final da colônia, depois da criação da Imprensa Régia em 1808, até o início da República Velha, final do século 19. Nessa época se destacam os periódicos clandestinos de oposição à metrópole portuguesa e à monarquia brasileira, e os pasquins, impressos que misturavam o bom humor, a sátira e a crítica mordaz ao debate político. Aqui a opinião dos leitores valia muito. Na fase industrial, a opinião dos leitores decresce em importância em relação ao poder dos anunciantes. A partir deste segundo momento histórico, a publicidade passa a ocupar mais os espaços cedidos anteriormente aos colaboradores. Alguns deles fiéis demais. Sodré¹¹ acentua que, devido à industrialização dos impressos, o número de grandes jornais diminuiu em demasia. A moderna empresa capitalista esmagou a pequena imprensa. “O que acontece, na normalidade dos casos, nem é a compra do jornal, mas a da sua opinião.”¹²

Preocupada com a vertiginosa ascensão de correntes positivistas, dos movimentos anarquistas, do sindicalismo, da filosofia marxista e do proselitismo protestante, a partir da segunda década do século passado a Igreja Católica começa a tecer estratégias em duas frentes:

na educação e na comunicação. Na educação, os concílios planejam a criação das universidades (futuras PUCs). Na comunicação, os católicos estimulam um reavivamento religioso e condenam os protestantes. Analisando a propaganda religiosa na imprensa, Lima Barreto critica:

O culto à brasilidade que ela (*Igreja Católica*) prega e seu apego à herança do passado, de respeito não só à religião, mas também à riqueza e às regras sociais vigentes, daí a aliança da jovem fortuna, representada pelos improvisados ricos de Petrópolis, com a Igreja Católica. Mas tal culto tende a excomungar as ideias estrangeiras (*dos imigrantes protestantes*) de reivindicações sociais. O jeca deve continuar jeca.¹³

Fernando Jorge explica que “o ódio contra a imprensa no Brasil é um ódio antigo, secular, proveniente de espíritos sempre anacrônicos, em conflito com os avanços da democracia. Rebento do autoritarismo, do arbítrio do *establishment*, da intolerância dos mandões a serviço do poder, da estreiteza mental.”¹⁴ Mas os golpes contra os impressos não vieram somente da Igreja Católica. Na República, o catolicismo perdeu força para o laicismo. Os reveses sofridos pela imprensa escrita tiveram origem nas novas mídias. O próprio Sodré¹⁵ despreza a força dos impressos ao afirmar que jornais e revistas não são de massa no contexto brasileiro, face o analfabetismo literal e funcional, e o baixo poder aquisitivo da população.

Em 1923, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora do País, por Edgard Roquette-Pinto, a mídia eletrônica passou a ocupar um espaço jamais conquistado pelos impressos. O segundo impacto chegou em 1950, com a TV Tupi, de Assis Chateaubriand. Fazendo uso do som e da imagem, ambas as mídias conseguiram ampla difusão. Antes do final do século 20, os impressos sofreram outro abalo. Em 1995, com a criação do UOL, mídia *online* da *Folha de S.Paulo* e da Editora Abril, sob a direção do ex-*ombudsman* Caio Túlio Costa, a internet mostrou suas credenciais.

A luta iniciada pela Igreja Católica no primeiro quarto do século 20 pelo predomínio nas comunicações continua mais viva do que

muitos podem imaginar. O reitor Nivaldo Luís Pessinatti,¹⁶ do Unisal - Centro Universitário Salesiano, sinaliza que “a Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação gerou e alimentou o grande debate sobre a democratização da comunicação. A descentralização e a reversão do monopólio da comunicação é uma luta mais do que atual e necessária”. Apesar de a Igreja Católica se preocupar há mais de 80 anos em discutir os destinos da comunicação, os pioneiros no evangelismo via mídia são os adventistas do sétimo dia. Só a partir da década de 1960 os católicos justificam sua apologia aos meios massivos como instrumentos de desenvolvimento; a partir de 1970, eles valorizam os meios não-massivos na evangelização e estruturam a Pastoral da Comunicação; hoje, eles entendem a comunicação como comunhão e reconhecem a importância de qualificação profissional.¹⁷

Nesse ínterim, sem uma política de comunicação definida, sem profissionais qualificados, mas contando apenas com a vontade de pioneiros e personagens de talento, a Igreja Adventista iniciou de forma amadora sua aventura na mídia impressa secular. A vontade de superar a falta de critérios, adicionada à indiferença ao preconceito contra elementos ligados à comunicação, transformou figuras como os pastores Roberto Rodrigues de Azevedo, Arthur de Souza Valle, Kiyotaka Shirai, Alcides Campolongo e Anísio Chagas, e os jornalistas Elon Garcia, Ivan Schmidt e Odailson Spada em referenciais da comunicação. Ao mergulhar nas redações, eles se abasteceram do conhecimento e das técnicas, abrindo caminho e desbravando novas fronteiras.

Outra constatação dessa pesquisa faz alusão ao preconceito contra os jornalistas. Neste ponto, torna-se mais prudente omitir o nome de pessoas que se demonstraram contrárias a uma política de comunicação na Igreja Adventista. Um deles deixa claro que, apesar de “achar hoje uma profissão muito boa”, acredita que “talvez em outras épocas não fosse tão relevante”. Dirceu Fernandes Lopes¹⁸ explica que, antes da criação dos primeiros cursos de Jornalismo no país, já havia muita resistência contra a formação superior de profissionais para a imprensa, pois era grande o medo da qualificação e valorização destes pela

sociedade. O ex-presidente da sede sul-americana da Igreja Adventista (Divisão Sul-Americana), pastor João Wolff, explica que o preconceito não se direcionava apenas aos jornalistas, mas contra os universitários em geral, especificando o caso do professor-doutor Renato Oberg, que sofreu muito para cursar uma universidade pública.¹⁹ Ele acredita que no Sul os adventistas eram mais ortodoxos, devido às origens germânicas e luteranas. Tanto que o primeiro adventista a fazer Comunicação foi o pastor Arthur Valle. Antes dele, ninguém.

A natureza do preconceito contra os profissionais da imprensa também é explicada pelo teórico da comunicação, Herbert Marshall McLuhan: “Aqueles que deploram a frivolidade da imprensa e sua forma natural de exibição grupal e ‘lavagem de roupa’ comunitária, simplesmente ignoram a natureza desse meio.”²⁰ Mencionando Max Weber, o teórico da comunicação Michael Kunczik realça o jornalista pertencendo “a uma espécie de casta de párias que na ‘sociedade’ sempre é julgada com base nos seus representantes eticamente inferiores. É por isso que existem, sobre os jornalistas e seu trabalho, ideias estranhas e amplamente difundidas”.²¹ Visualizando esse período de transformações, George Knight²² comenta as dificuldades de os professores das faculdades adventistas obterem titulação mais avançada devido à resistência da Igreja.

Se a Bíblia e os escritos de Ellen G. White advertem quanto ao mau uso da língua e das palavras, ao mesmo tempo encorajam o uso desses recursos comunicacionais na propagação do evangelho. Muitos céticos não se cansam de difamar a comunicação como de origem maligna. White não condena os meios de comunicação e esclarece:

A maneira pela qual Deus usa os homens nem sempre é discernida, mas Ele O faz. Deus dotou os homens de talentos e capacidade inventiva, a fim de que seja efetuada a Sua grande obra em nosso mundo. As invenções da mente humana parecem proceder da humanidade, mas Deus está atrás de tudo isso. Ele fez com que fossem inventados os rápidos meios de comunicação para o grande dia de Sua preparação.²³

Avaliando as mudanças mundiais decorrentes das duas grandes guerras, Knight²⁴ alerta para o perigo de uma cultura rumando em direção da secularização. Este é um risco evidente na formação acadêmica de jornalistas em instituições não-adventistas. Os jornalistas e pesquisadores Bill Kovach e Tom Rosenstiel evidenciam que “cada geração cria seu próprio jornalismo”.²⁵

Ao interpretar as entrevistas realizadas e as pesquisas em arquivos, fica evidente a unanimidade em torno de um nome como marco inicial da comunicação adventista no Brasil: Roberto Azevedo. Após análise da comunicação adventista e sua relação com a mídia impressa secular, constata-se que seu histórico se divide em quatro períodos:

1. Pioneirismo na mídia impressa secular, no qual se discorre sobre as ações de Azevedo e Valle na liderança da comunicação, de 1942 a 1983;

2. Valorização dos meios massivos de comunicação como instrumentos de evangelização, quando o pastor Assad Bechara assume a responsabilidade de dinamizar o relacionamento com a mídia secular e fundamentar os critérios para a criação das mídias eletrônicas da Igreja, de 1984 a 1995. Este período não abrange necessariamente apenas o tempo de liderança de Bechara no Departamento de Comunicação da Igreja para a América do Sul;

3. Retorno aos impressos e estruturação acadêmica, fase de novos contatos com a imprensa e da criação dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp. Nesse período, o pastor Siloé de Almeida desempenha importante papel como intermediário nas negociações, atuando como divulgador e relações públicas junto às autoridades e à mídia, de 1996 a 2003, quando organiza, juntamente com o Unasp, o I Congresso Sul-Americano de Comunicação;

4. Comunicação entendida como comunhão: necessidade de qualificação profissional, sob a égide acadêmica dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp, cujos resultados poderão ser colhidos e analisados em médio e longo prazo, talvez a partir da próxima década, se devidamente aplicados.

Pioneirismo na mídia impressa secular: (1942-1983)

Em 1731, o coronel Cristóvão Pereira de Abreu conduziu cerca de três mil cavalos e mulas, e 500 vacas pela picada que ficou conhecida como o Caminho do Viamão, a primeira passagem de tropeiros rumo ao Sudeste. Ele saiu de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, e se dirigiu a Sorocaba, em São Paulo. Esta viagem pioneira marcou o início do tropeirismo no Brasil.

Entre as duas cidades, havia muitas paradas. A mais importante delas se localizava em Curitiba, cujos nomes de bairros atuais remontam àquela época. Caso do Portão (antiga “porta de entrada” na cidade), Sítio Cercado e Fazendinha, onde pousavam as tropas vindas tanto do Sul como de São Paulo. Ao analisar a configuração linguística do Paraná, o professor José Luís Mercer, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ressalta a importância do tropeirismo no que tange à contribuição de termos para a língua portuguesa-brasileira contemporânea.²⁶ Desde o século 18, cidadãos curitibanos e patrulhenses se uniram em casamento e pela amizade. As décadas se passaram e essa conexão histórico-social desapareceu gradativamente, mas não entre os adventistas. No âmbito da Igreja aconteceram casamentos e laços de amizade se fortaleceram.

Roberto Azevedo: patriarca das comunicações

Um patrulhense abriu passagem nas redações de jornais e revistas mostrando a Igreja Adventista e sua missão evangelizadora ao

país. Roberto Rodrigues de Azevedo nasceu em 3/3/1916, em Santo Antônio da Patrulha. Graduado em Teologia na turma de 1940, no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), hoje Unasp, Campus São Paulo, Azevedo assumiu o pastorado em Pelotas. Seu filho, Paulo Azevedo, ratifica o gosto do pai pela comunicação desde o início de seu trabalho no sudeste gaúcho. Erlo Köhler, da Casa Publicadora Brasileira (CPB), confirma que o primeiro contato de Azevedo com a mídia impressa ocorreu em 22/12/1942, no jornal *O Rio Grande*, da cidade do mesmo nome. Nele, Azevedo escreveu um artigo de cunho religioso.

Os quatorze anos em que Azevedo atuou como pastor distrital serviram de aprendizado para as futuras funções no Departamento de Relações Públicas da Associação Paulista (sede estadual da Igreja Adventista). E ele começou num momento conturbado da história nacional. Sodré²⁷ relata que a censura getulista manifestava poderes inimagináveis, a ponto de fechar e expropriar violentamente *O Estado de S. Paulo* em 25/3/1940, deixando-o às moscas durante cinco anos. Somente em 6/12/1945 a família Mesquita recebeu as chaves do jornal novamente. “Há no Estado Novo um medo e pânico da liberdade do pensamento.”²⁸

Porém, essa situação caótica não vingaria por muito tempo. A partir de 1945 o Brasil mergulhou num período conhecido como “anos dourados”, tempos de abertura política, liberdade religiosa, imprensa livre e crescimento econômico. Sodré descreve o período de redemocratização como “iniciado sob excelentes auspícios, com o clima de liberdade reinante.”²⁹ Azevedo soube explorar essa ocasião do pós-guerra. “Finda a guerra mundial, abria-se amplo horizonte à liberdade de pensamento... Havia, entretanto, enorme interesse em torno dos problemas nacionais.”³⁰

Azevedo não teve formação jornalística, mas aproveitou uma oportunidade para cursar um intensivo oferecido pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, na segunda metade da década de 1950, em São Paulo. No início da década seguinte, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo aprovou o registro profissional de Azevedo. Ele assimilava e dominava as técnicas jornalísticas como poucos. Azevedo distribuía *releases*³¹ de visitas de presidentes da sede mundial da Igreja Adventista

(Associação Geral) para a imprensa e fazia os ganchos, transformando os fatos em notícia. Exímio fotógrafo e cinegrafista, ele selecionava as melhores imagens para inseri-las na mídia ou apresentá-las nos eventos da Igreja. “A adoção de técnicas inovadoras nas áreas da comunicação e dos transportes também facilitou a expansão do adventismo.”³²

Köhler sintetiza que o princípio de Azevedo era mostrar a Igreja.³³ Astuto, ele conduzia os jornalistas para os pontos altos da Igreja. “Estrategista eficaz e atualizado, ele dava ênfase a assuntos que interessavam ao grande público”, acrescenta Köhler. Temas como assistência social, lanchas na Amazônia e índios do Araguaia tinham espaço garantido nos jornais. Desse modo, ele alimentava os contatos com autoridades e com a imprensa a fim de falar sobre quem eram, o que faziam e o que pensavam os adventistas. “Amizades e relacionamentos eram fundamentais na sua atividade”, corrobora seu filho Paulo.³⁴ Na sequência, ele apresentava o material usado na recolta. Um mês antes da campanha, Azevedo abordava as atividades de interesse da comunidade. Depois divulgava as instituições da Igreja.

Sua experiência o motivou a criar o Departamento de Relações Públicas da Associação Paulista, local em que nasceria uma grande amizade com o pastor Kiyotaka Shirai, seu parceiro em São Paulo. Ao ocupar o mesmo setor na sede da Igreja para o Sul, São Paulo e Centro-Oeste (União Sul-Brasileira), cuja sede era em São Paulo, ele passou a se relacionar com outro expoente das comunicações, o pastor Arthur Valle. Azevedo revelava dificuldades para escrever. Ele gostava mesmo de registrar imagens. Quando conheceu o pastor Valle, estava preparado o caminho para a primeira dupla de repórteres da Igreja Adventista. Os textos eram de Valle e as fotos de Azevedo. Em São Paulo ele trocava, deixando as fotos para o pastor Shirai. E, no Rio, os textos ficavam sob a responsabilidade do pastor Anísio Chagas. Em meio a esse turbilhão de informações, de vez em quando se levantavam vozes criticando seu trabalho. Diante dessa vicissitude, Azevedo resolveu abrir os canais e mostrar a impressão de sua obra aos membros da Igreja. E impressionou. Durante as reuniões jovens e congressos, ele

expunha as imagens usando seis projetores de uma vez, com carros-séis de 80 *slides*, instigando o apoio das pessoas.

Aproveitando-se do interesse pelos temas nacionais, Azevedo traçou uma linha de conexão entre os índios carajás do Rio Araguaia e os maués, que habitavam terras próximas à fazenda da família adventista dos Michiles, no Amazonas. Reportagem feita, a imprensa publicava. Durante o regime da ditadura militar ficou mais fácil ainda. O objetivo nacional permanente de integração territorial abrangia também os povos indígenas. E isso se evidencia na matéria de 12/12/1967 (p. 13), no jornal *O Estado do Paraná*, quando Arthur Valle e Roberto Azevedo relatavam a novidade de que “Carajá tem casa para solteiro”, bem na época da criação do Banco Nacional de Habitação (BNH).

Em 3/5/1970 (p. 6), na *Folha de S. Paulo*, o título dizia “Carajás: a assistência vem de barco pelo Rio Araguaia”, conectando-o à Assistência Social Adventista. Sempre de forma crescente e com habilidade, o título seguinte já exibia o nome da Igreja. “Adventistas dão importante assistência para os índios” estampava o jornal *Última Hora* de 23/7/1970 (p. 8). A respeito do trabalho de assistência social das lanchas na Amazônia, Knight menciona que “em 1930, sob a inspiração do presidente da Missão Baixo-Amazonas (uma das sedes da Igreja na Amazônia), Leo B. Halliwell, a Igreja construiu sua primeira lancha. A Luzeiro, batizada em 1931, levava assistência médica e a mensagem adventista ao povo que vivia às margens do Amazonas e de seus afluentes”.³⁵ E continua o relato, comemorando que “na metade da década de 1950 o adventismo era uma autêntica corporação religiosa mundial. Seu programa missionário havia superado as expectativas de sucesso”.

De acordo com Paulo Azevedo, calcula-se que seu pai tenha redigido o equivalente a cinquenta metros de notícias para a imprensa, somente sobre os indígenas e a assistência social das lanchas Luzeiro do Norte, no Amazonas, Bom Samaritano, no Rio Ribeira, e demais atividades médicas da Igreja. E os jornais não lhe negavam espaço, sequer economizavam usando técnicas de pré-diagração e edição. O *Diário Popular* de São Paulo, por exemplo, publicou matérias de página inteira

em 4 e 7/3/1970, destacando a assistência médica no Vale do Rio Ribeira, região sul do Estado. No mesmo jornal, em 22/2/1973 (p. 46), o título celebrava que “Vacina chega com a lancha adventista” ao Ribeira.

Outro método usado por Azevedo para cevar amizades na mídia impressa era a entrega de presentes, principalmente produtos da Superbom. “Ele mandava brindes da Superbom para as redações. A Superbom abria caminho. Ele mandava pacotes da Superbom em fim de ano, datas especiais e aniversários. Ele mantinha contato”, relembra Wolff. Descrevendo o ambiente da época, Paulo Azevedo declara que a Igreja se escondia, a Voz da Profecia não dizia ser adventista. Não havia identificação da Igreja nos produtos da Superbom nem no Hospital Silvestre. Artigos eram escritos condenando alunos universitários, questionando os gastos com pós-graduação no exterior. Percebendo essas deficiências, Roberto Azevedo começou a relacionar estas instituições com a Igreja de forma mais transparente. Não demorou muito para surgirem opositores e críticos. Com sentimentos, Paulo comenta que na antiga sede sul-americana da Igreja em Montevideu, no Uruguai, chamavam-no de fotógrafo da Divisão, homem-sombra do lado dos chefes e turista. Eles não captavam a importância da comunicação. Em entrevista ao pastor Anísio Chagas, outro pioneiro da comunicação, a esposa de Azevedo, Flora Silveira, confirma que “ele foi muito incompreendido. Naquele tempo ninguém pensava em relações públicas com medo que isto provocasse a perseguição. Foi taxado de ‘turista’, pois estava convicto do seu ministério através da comunicação de massa”. Wolff completa: “Muita gente achava um desperdício o trabalho de Roberto Azevedo. Mas ele primava pela qualidade. Foi muito forte, exigente. Ele foi convidado para ser presidente de campo (*Associação*), mas ele dizia que estava fazendo escola, abrindo caminho. Em termos de América do Sul, ele teve resistência tremenda de outros países, que achavam de somenos importância esse negócio de jornalismo.”

Sua convicção quanto ao relacionamento com Jesus Cristo se evidencia em um artigo escrito em 9/6/1963, no *Diário de S. Paulo*, cujo título “Salvos do refugio” indicava que Azevedo também não tinha

papas na língua. Em poucas linhas ele manifesta o poder salvador de Jesus Cristo. Chagas detalha que Azevedo utilizou o jornal, o rádio e a TV com verdadeira paixão. Ele extravasou os limites de sua geração. Investiu todos os seus recursos em equipamentos para fazer um trabalho eficiente. O entusiasmo era tão grande que se esqueceu de adquirir casa, carro e tudo o que significava conforto pessoal.

Uma deficiência cardíaca o levou à morte em 11/5/1980, no Hospital Adventista São Paulo. “Silencia o incansável divulgador da obra adventista” foi o título da *Revista Adventista* anunciando seu falecimento:

O pastor Roberto Rodrigues de Azevedo, conhecido em todo o Brasil por suas reportagens, fotos e filmes-documentários, descansou de suas lides de desbravador das relações públicas adventistas. A causa do Senhor no Brasil perde assim um dos mais ativos divulgadores de sua obra, aquele homem alto e franzino que, com humildade, constante bom humor e incansável empenho sabia como conseguir a melhor reportagem promocional da obra adventista nos mais diversos meios de comunicação de massa: jornais, revistas, rádios e tevês. Nesse propósito, sacrificou muitas vezes o convívio com a família para percorrer os vários Estados brasileiros, fotografando, filmando e tendo contato com autoridades e com a imprensa.³⁶

Edson Flosi orienta que “o jornalista que leva a sério a sua profissão tem que estar permanentemente de plantão, disposto a interromper o dia de folga ou o mês de férias”.³⁷ Durante o sepultamento de Azevedo, o pastor Shirai defendeu o amigo, citando que ele não exigia salas especiais com secretárias ou máquinas de escrever para exercitar suas funções, cujas atividades nem sempre eram reconhecidas de modo devido. Ele fez muitos sacrifícios para contar sempre com o melhor equipamento. Um dos oradores, não mencionado pela *Revista Adventista*, o chamou de “patriarca das comunicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil”. Wolff o chama de “pai na América do Sul do assunto de comunicação”. Chagas o rotula de “apóstolo do jornalismo no Brasil”.³⁸

E Azevedo faz jus ao título de “patriarca das comunicações”. Afinal, quem conseguia publicar na imprensa secular matérias sobre Santa Ceia, Departamento das Dorcas (atual Adra), congressos jovens, reuniões e concílios da Igreja e mesmo ordenação de pastores, contava com um invejável talento. Em 12/4/1970 (p. 38), *O Estado de S.Paulo* citou o posicionamento da CPB contra os vícios com o título “Editora combate todos os vícios nocivos ao homem”. Até o sensacionalista paulistano *Notícias Populares* não era discriminado por Azevedo. Em 3/8/1970 (p. 15), o título identificava “Brasileiro eleito líder mundial dos adventistas”. Em diversos jornais se lia a manchete “Eleitos dois brasileiros para a liderança mundial dos adventistas”, noticiando a nomeação de Moysés Nigri e Léo Ranzolin para a sede mundial da Igreja, em Washington.

Mais uma façanha de Azevedo pode ser observada no *Notícias Populares* de 13/1/1973 (p. 6), tendo como título “Ordenados mais dez pastores adventistas”. Aberturas como estas sensibilizavam até mesmo os profissionais adventistas que já atuavam no mercado. “Eu tenho de lembrar aqui de uma pessoa que não lidou propriamente dentro da imprensa, mas que para mim foi um marco da comunicação dentro da Igreja: Roberto Azevedo”, recorda Odailson Spada, descrevendo a Igreja daquele tempo como uma caixa preta para o público em geral, inacessível.³⁹ Spada reconhece que foi Azevedo quem colocou pela primeira vez a Igreja no noticiário fora da Voz da Profecia. Analisando a mudança de pensamento dos líderes da Igreja, Spada diz que antes de Azevedo a Igreja se preocupava apenas com o aspecto espiritual, quando na verdade a Igreja é uma entidade social. “A partir daí começa a se pensar na Igreja como uma entidade social, também, não só espiritual”, arremata.

Doehnert considera Azevedo um sertanista, um “Villas-Bôas adventista”. Uma reportagem publicada no *Diário do Paraná* de 23/7/67 (p. 3, 3.º caderno), chamava Azevedo de “sertanista”. Com fotos de Azevedo e texto de Arthur Valle, o título era “Índios também amam o progresso”.⁴⁰ Tentando compreender as transformações sofridas pela Igreja, Wolff lamenta o fato de não existirem mais notícias sobre as

lanchas. Ele diz que as lanchas morreram com o desaparecimento de Azevedo. As lanchas sempre foram a ponta de lança para todos os movimentos de assistência social no país. Na época da colheita, as lanchas do Amazonas, do São Francisco, do Ribeira e de Paranaguá eram uma família. “E hoje você não tem mais isso. Outro ponto alto nosso era o Hospital do Pênfigo”, exprime Wolff.

Recortes de jornais constataam este fato em duas reportagens de Arthur Valle. A primeira, na *Gazeta do Povo* de 24/8/1963 (p. 4), em Curitiba, com a manchete “Pomada revolucionária vence o ‘fogo selvagem’”. A mesma matéria saiu três dias depois em *O Estado do Paraná* (p. 12), com fotos de Azevedo. Wolff desabafa a respeito do Hospital do Pênfigo, que também desapareceu das manchetes: “É só outro hospital. O pastor Artur Nogueira usava esse material para divulgação. Saía na imprensa. Depois, ele fazia os álbuns com os recortes e visitava os sapateiros de Novo Hamburgo. Jogava em cima da mesa e não falhava a contribuição. Eu aprendi a gostar da colheita assim. Passei a acreditar nela.”

Relembrando esse momento nostálgico, Wolff explana que o carro-chefe de Azevedo era a Ilha do Bananal com os índios carajás. Em 1966, quando era presidente da Associação Paranaense, Wolff assistiu a uma reunião da Divisão em Montevideu e se impressionou com o trabalho da colheita desenvolvido pelos adventistas peruanos da União Incaica (na época, Peru, Bolívia e Equador). Ele voltou e resolveu trabalhar com uma exposição. Uma pintura grande da lancha que seria lançada na Baía de Paranaguá foi colocada na Praça Tiradentes, juntamente com os folhinhos e suvenires dos carajás. E à medida que o povo contribuía, um brinde dos indígenas era devolvido em agradecimento. No ano seguinte (1967), eles fizeram outra exposição, onde hoje um coral de crianças realiza o *show* de Natal na agência do Banco HSBC. Ali, eles instalaram uma exposição fotográfica de Azevedo. Uma oferta com audiovisual fixo, mostrando as escolas, hospitais, lanchas e colégios, e alguém explicando. E, para a abertura do evento, eles trouxeram um carajá como atração. O chefe dos carajás chegou a dar entrevista para as emissoras locais de televisão. E Azevedo coordenava tudo isso. Esse fato virou notícia no

Diário do Paraná de 17/9/1967 (p. 3, 3.º caderno) com a manchete “DAS SELVAS DO ARAGUAIA PARA PARANAENSE VER”. As fotos eram de Azevedo, mas o texto de Arthur Valle. O lide⁴¹ da reportagem, não muito próprio para o jornalismo praticado atualmente, era o seguinte:

Ruas de muitas cidades do Paraná foram palco de originais aulas de geografia humana. As praças ficavam apinhadas de estudantes e professores para ver objetos indígenas e ouvir explicações de representantes da Ofasa. Esta organização – Obra Filantrópica e Assistência Social Adventista – montou “stands” de objetos carajás e saterés nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa, Londrina e Maringá, com o objetivo de levar ao público a vida e costumes dos nossos silvícolas, especialmente, das tribos onde a organização exerce atividades assistenciais.

Ao examinar os efeitos da campanha da recolta e seus vínculos com a Assistência Social Adventista, Knight justifica:

A Igreja iniciou durante o começo da década de 1900 a “Recolta da Colheita” a fim de conceder aos não-adventistas a oportunidade de auxiliar projetos adventistas. O adventismo evidentemente levou consigo, por quase toda parte onde penetrou, sua obra médica, educacional e editorial. A base institucional da denominação expandiu-se em proporção à expansão da própria Igreja.⁴²

Arthur Valle: primeiro diplomado

Torna-se uma tarefa muito difícil analisar a vida de Azevedo isolada da companhia do pastor Arthur de Souza Valle. Graduado em Teologia com Wolff, em 1955, aos 28 anos de idade, Valle iniciou seu trabalho na Associação Paulista, permanecendo aí até 1961, quando o transferiram para Florianópolis. Na capital catarinense mal começou a trabalhar e recebeu novas funções à frente do Departamento de Relações Públicas, Temperança e Rádio e TV da Associação Paranaense, onde permaneceu até 1968.

Nesse intermédio, aproveitou a oportunidade e cursou Comunicação Social na Universidade Católica do Paraná, habilitando-

se em Jornalismo na turma de 1966. Portanto, o primeiro adventista graduado em Comunicação no Brasil. Pela mesma trilha ainda passariam os pastores Enéas Simon e Assad Bechara, Irlan da Costa e Silva (filho do pastor José Irajá), Patrícia Reichert (filha do médico Jônatas Reichert) e Fabiana Bertotti.⁴³

De 1968 a 1974, Valle assumiu o Departamento de Comunicação da União Sul-Brasileira, passando em seguida para o mesmo setor na Divisão Sul-Americana, onde se empenhou até sua morte abrupta em 25/1/1983, aos 56 anos, num acidente automobilístico próximo a Curitiba. A *Revista Adventista* de março de 1983 concedeu pequeno espaço para noticiar seu falecimento, sob o título “Divisão perde líder de comunicação”. Encerrava-se aqui um longo período de pioneirismo da Igreja Adventista na mídia impressa secular. As mortes de Azevedo e Valle criaram um vazio na área de comunicação. A Igreja voltava olhares para as mídias eletrônicas. Wolff alega que essa postura diferente da Igreja impediu que se continuasse crescendo naquilo que eles lançaram. Pelo contrário, houve um declínio nesse aspecto. O jornalista Ivan Schmidt⁴⁴ frisa que o grande iniciador desse trabalho de relações públicas e contatos com a imprensa foi o pastor Roberto Azevedo. Schmidt acha que as ações desenvolvidas naquele tempo pelo pastor Azevedo, sozinho, nunca mais a organização fez com todo mundo que por um acaso estivesse trabalhando na área de relações públicas. Referindo-se ao pastor Valle, Schmidt emenda que ele tinha uma vantagem, porque era um homem que escrevia com muita facilidade, o que já não era o caso de Azevedo. Era possível encontrar em várias publicações seculares temas sobre Ellen White, o dom de profecia. “Naquele tempo, imagine você encontrar um artigo sobre Ellen White num jornal qualquer do interior Paraná, do Rio Grande do Sul. Isso tudo o pastor Arthur é quem produzia e mandava para as redações. E muitas publicações aproveitavam. O pastor Arthur foi realmente um gigante nessa questão”, entusiasma-se Schmidt.

Juntos, Valle e Azevedo assinavam matérias e artigos sobre os mais variados assuntos. Nos jornais e revistas eles falavam a respeito

do ano-novo; das visitas de personalidades da Igreja; sobre a onda de violência; combatiam o tabagismo; promoviam o turismo nacional; interpretavam os sinais do mundo como indicativos da iminente volta de Jesus; destacavam o curso de enfermeiros-padioleiros; avaliavam o desenvolvimento tecnológico; engrandeciam a família, a importância do sexo no casamento; noticiavam os concílios pastorais, a ordenação de pastores; tornavam conhecido o Hospital do Pênfigo, os clubes de desbravadores; divulgavam notícias da arqueologia bíblica; semana de oração; educação; literatura; saúde; convenção mundial, as atividades dos jovens da Igreja e os batismos.

A lista de periódicos também é grande. Provavelmente muito desse material se perdeu. As reportagens de Valle e Azevedo apareciam em jornais como o *Correio do Povo* e *Zero Hora*, de Porto Alegre; *O Estado do Paraná*, *Tribuna do Paraná*, *Diário do Paraná*, *Gazeta do Povo*, *Diário Popular*, *Última Hora*, *Diário da Tarde* e *Correio do Paraná*, de Curitiba; *Folha de Londrina*; *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa; *Folha do Norte*, de Maringá; *A Notícia*, de Joinville; *Última Hora*, *Diário Popular*, *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Diário de S.Paulo*, *Jornal Paulista* (em japonês), *Folha da Tarde*, *Notícias Populares*, *Diário da Noite* e *A Gazeta*, de São Paulo; *Jornal de Piracicaba*; *Correio Popular* e *Diário do Povo*, de Campinas; *O Liberal*, de Americana; e *Correio Braziliense*, de Brasília, apontando os mais importantes de um rol infindável.

Pelo *Correio do Paraná* circulou o repórter adventista Elon Garcia. Sua passagem abriu portas para o contato posterior com o pastor Valle. Nesse jornal, Valle conseguiu feitos incomuns. As manchetes de capa sinalizavam para semana criacionista; semana de oração; batismos; visita de quartetos; concílios pastorais; estudos bíblicos; cursos bíblicos; atividades da lancha Luzeiro; e esclarecimentos sobre o fogo selvagem.

Valle mal iniciara o curso de Jornalismo e já enviava textos para a imprensa. Em 29/6/1963, o *Diário do Paraná* publicou a reportagem “Trabalho é matéria do currículo escolar e pode reprovar: ginásio”. No conteúdo, uma descrição do funcionamento, da política pedagógica e

das instalações do Ginásio Adventista Paranaense (hoje IAP, em Ivatuba, Norte do Estado), a dezessete quilômetros do centro, na periferia de Curitiba, ocupando uma área de 74 alqueires. E o tema “educação” continuou aparecendo no decorrer de sua gestão no Paraná.

Em 11/10/1964, a página 12 de *O Estado do Paraná* exibia o título “PRIMAVERA: ALEGRIA DA MOCIDADE” em letras garrafais. Com fotos do pastor Sesóstris César, Valle mais uma vez enalteceu a beleza do “IAP”, a escola de música e a crença no criacionismo. Três anos depois, em 19/3/1967, o terceiro caderno do *Diário do Paraná* publicava a manchete “PROFESSOR DE HOJE FALA DE HOMENS DE AMANHÃ”. Na matéria, o pastor Floriano Xavier dos Santos reconhecia a educação como o melhor investimento. Tendo como gancho a Guerra dos Seis Dias no Oriente Médio, Valle publicou no terceiro caderno do *Diário do Paraná* de 25/6/1967 a matéria “ÁRABES E JUDEUS: UMA LUTA DESDE O PAI ABRAHÃO”. Mas o prazer maior dele era quando fazia a dobradinha com Azevedo. Isso se verificou na reportagem de capa do terceiro caderno do *Diário do Paraná* de 1.º/10/1967, “ENTRE OS CARAJÁS É DIFÍCIL SER HOMEM”. O olho de abertura dizia que “o adolescente que quer ser homem entre os carajás passa por uma prova bem difícil. Tem de ser derramado o próprio sangue numa cerimônia bastante rústica e selvagem”. Com fotos de Azevedo, Valle trabalhava a cultura indígena sem qualquer comentário proselitista.⁴⁵ “Quando fui para a Divisão Sul-Americana, já estava lá o pastor Arthur, desde o tempo do pastor Enoch de Oliveira. Ele escrevia quase que semanalmente em alguns jornais de Brasília e cuidava de colocar na imprensa da América do Sul os eventos da Igreja. O mais forte no pastor Arthur foi a habilidade de escrever”, admite Wolff. Knight alega que “desde aquele tempo os adventistas têm tido melhor relacionamento com a maior parte da comunidade cristã”.⁴⁶ Schmidt reconhece que Valle revolucionou o trabalho de relações públicas na Igreja.

É possível imaginar uma matéria na revista *Veja* discorrendo sobre batismo na Igreja Adventista e a volta de Jesus, com fotos

estouradas de piscinas repletas de pessoas sendo batizadas? Parece improvável aos olhos humanos. Entretanto, a revista *O Cruzeiro*, a maior da época, em sua edição semanal de 23/1/1969, trazia como título “OS ADVENTISTAS PODEM SALVAR O MUNDO”, sob a frase “Nossa missão é servir e ser útil”. Os autores da peripécia: Arthur Valle e Roberto Azevedo. Na legenda mostrando uma piscina, lê-se: “O batismo adventista: uma festa dentro d’água”. As demais fotos registravam o presidente mundial dos adventistas, pastor Robert Pierson, e a convenção de 1966, em Detroit. A reportagem ocupava três páginas e enfatizava o crescimento de 15% ao ano dos adventistas no Brasil. O lide rezava que “Guerras, fomes, terremotos e insatisfação social são sinais de que o fim do mundo está se aproximando, e só o Cristianismo tem condições de salvar a humanidade, desde que praticado”. Segundo Sodré, em 1969 “as revistas brasileiras eram, antes, lidas no Centro-Sul”,⁴⁷ justamente a região com o maior número de adventistas e foco da atuação de Azevedo e Valle.

Nem todos os exemplos desta pesquisa são exclusivos de uma cidade, estado ou região do Brasil. As matérias eram publicadas quase ao mesmo tempo nos principais jornais do país. Em 1966, Valle e Azevedo fizeram uma série de reportagens sobre as riquezas da Amazônia. O terceiro caderno do *Diário do Paraná* de 4/9/1966 apresentava o título “GUARANÁ: RIQUEZA DA AMAZÔNIA”; e na edição de 18/9 saía a manchete “VITÓRIA RÉGIA: PRESENTE DE DEUS À SELVA AMAZÔNICA”. O crédito a Arthur de Souza Valle indica que ele cursava Jornalismo na Universidade Católica.

Um mês após, em 9/10/1966, Valle fez uma reportagem completa sobre a lancha Luzeiro do Sul na Baía de Paranaguá. A sexta página do terceiro caderno do *Diário do Paraná* tinha como título “Assistência vai de lancha”, com quatro fotos estouradas. Em momento algum Valle cita a Igreja Adventista. O pastor José Bessa era chamado de “sr. José Bessa”. O lide salientava: “A notícia das atividades da lancha assistencial Luzeiro do Sul transpôs as fronteiras do Brasil. Operando na Baía de Paranaguá e atendendo gratuitamente

aos necessitados, essa lancha tem merecido os mais favoráveis comentários. De Montevideu veio o norte-americano J. McClure para ver de perto essas atividades assistenciais.”

Valle aproveitava para valorizar os membros da Igreja que se projetavam na comunidade, caso da professora de piano Mariazinha de Almeida, campeã de um torneio bíblico. O *Diário do Paraná* de 2/7/1967, com fotos de Azevedo, publicava o título “É paranaense a campeã nacional da Bíblia”.

Outros pioneiros

Dentre os pioneiros, pode ser que algum nome seja olvidado. Tanto Garcia como Wolff indicam para compor a lista de pioneiros o pastor Wady Bechara, tio de Assad Bechara. Sem muitos detalhes, Wolff também aponta Isaías Andrade, de Belém do Pará. Chagas cita Arnaldo Christianini e Ivo Cardoso.

Quem não deve ser omitido é o pastor Kiyotaka Shirai. Shirai nasceu em Sapore, no Japão, em 1920. Aos 13 anos de idade veio para o Brasil, onde se graduou em Teologia, em 1955. Nos Estados Unidos, ele arrebatoou o diploma de Administração, em 1958. Desde o início de seu ministério em São Paulo, Shirai se afinava com a comunicação, chegando a exercer a liderança do Departamento de Comunicação da Associação Paulista Sul. Ele registrava em fotografia e filmes as imagens de todos os eventos e fatos na Igreja. Morreu em 27/9/1987, no dia em que completava 67 anos.

Um dos mais arrojados e picantes textos, cujo potencial argumentativo refutava qualquer tentativa de crítica à Igreja Adventista, pertencia ao jornalista e pastor Arnaldo Benedito Christianini. Sua carreira jornalística começou em 1933, aos 18 anos de idade. O talento de Christianini para escrever explica os mais de oito mil textos publicados em jornais e revistas durante a carreira.

Antes de ser batizado pelo pastor Itanel Ferraz, em 1952, Christianini fora proprietário dos periódicos *Correio de Piraju* e *Jornal*

Hoje. Os livros que escreveu, alçaram-no a várias sociedades literárias no Brasil e em Portugal, como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Chagas o denomina “fora de série”. Morreu em 1984, aos 69 anos, de enfarte, em Campinas, deixando uma carta a um amigo, da qual se extrai o seguinte trecho: “Não posso escrever mais nada. O meu recado (da vida) está dado. Estou apenas aguardando a minha translação.” No editorial da *Revista Adventista* de novembro de 1984, o redator Rubem Scheffel atribui a Christianini inúmeros dotes, fazendo...

Lembrar a Parábola dos Talentos, referida em Mateus 25, e na qual poderíamos identificá-la com o homem que recebeu cinco talentos de seu senhor. De todos os seus dotes, porém, o que mais marcou sua vida foi a arte de escrever, e este é justamente o grande legado que deixa à posteridade... A assinatura de ABC numa obra ou artigo sempre lhe conferia, de imediato, credibilidade total.⁴⁸

A maioria dos escritores preferia publicar artigos a reportagens. O espaço conquistado com muita paciência se transformava em oportunidade evangelística. O pai do programa Telepaz - o “telefone da paz” - no Brasil, pastor Wady Bechara, guardava essas características, típicas de descendentes sírios e libaneses. Sem alarde, Wady escrevia muitos artigos e matérias. Ele pedia auxílio para alguém tornar seu texto mais jornalístico. Em geral, era o Elon Garcia quem fazia isso. “Ele tinha aquela paciência de Jó. Ia ao jornal, ficava sentado esperando pacientemente ser atendido pelo Antoninho, secretário de Redação da *Gazeta do Povo*. Então, entregava em mãos pro secretário e a matéria saía”, descreve Garcia.⁴⁹ As matérias e artigos sempre focavam a obra filantrópica da Igreja.

Um articulista de carteirinha era o pastor Alcides Campolongo, o pioneiro da televisão religiosa no Brasil. Artigos em *O Estado de S.Paulo*, *O Tempo* (SP), *Tribuna do Noroeste*, de Araçatuba (SP), não superavam os publicados no *Diário de S.Paulo*. Os textos de natureza doutrinária, dogmática, continham uma sinalização à Igreja Adventista do Sétimo Dia acima do título. Entre 1959 e 1966 havia dezenas deles. Os assuntos expostos aos leitores não escondiam o pensamento do autor. “O mundo

caminha para o fim”, “O monumento da criação”, “O maior dos acontecimentos”, “Os sete selos”, “As sete trombetas do Apocalipse” e “O Decálogo” eram alguns dos artigos mais polêmicos diante da opinião do público. Campolongo sempre chamava o leitor de “amigo”, não se esquecendo de prover os endereços das igrejas da capital bandeirante e os horários de culto. Com frequência a lista de endereços superava o volume de texto.

A respeito da ausência de endereço nas comunicações, Garcia tece um comentário cuja essência acredita e defende, discordando da posição adotada pela Igreja hoje:

Nós não damos o endereço da loja em termos de *marketing*. Falamos da nossa filosofia e não dizemos onde se vende o produto. Fazemos matérias globais, nacionais. Naquele tempo nossas matérias de jornais, rádios e televisão eram locais. Nós focávamos na Igreja Central. Onde se compra esse produto? Alameda Doutor Carlos de Carvalho. Qualquer foca de jornal sabia. Inclusive o diretor da *Gazeta do Povo*, o Francisco Camargo,⁵⁰ vizinho do lado esquerdo de quem entra na Central. A Igreja do Portão fazia um evento e saía o endereço da Carlos de Carvalho. Os nossos veículos não dão a informação do ponto de venda. Onde é que é a igreja? Eu acho que não adianta nada você pregar, pregar, pregar e não levar a pessoa pra Igreja. Não adianta querermos fazer igreja eletrônica. Nossa filosofia como Igreja é a comunhão, estar juntos, congregados, estar na igreja.

Campolongo mostrava o mapa para se chegar à Igreja. Ele gostava de escrever sobre criacionismo, família, cristologia, escatologia e salvação. Em 8/7/1962, no *Diário de S. Paulo*, o artigo de Campolongo opinava sobre “O magno poder de Deus”. Na página ao lado, um companheiro interessante, Dom Salomão Ferraz, da Ordem de Santo André, com o artigo “Soberania da graça”, dizendo que “a Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”.

O jornalista e pastor Ítalo Manzolli também se especializou em artigos doutrinários na imprensa secular. Em 1973, Manzolli escrevia uma coluna no controvertido *Notícias Populares*. Sem rodeios, Manzolli

se dirigia ao cerne da questão, explorando temas que hoje suscitariam acirrados debates. No jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, de 9/8/1970 (p. 14), Manzolli delineava sobre “A introdução do domingo no cristianismo”. Ao final da argumentação, Manzolli apelava ao leitor ostentando intrepidez nas palavras: “Prezado leitor, após cuidadoso exame da Bíblia, da história tanto civil como eclesiástica, dos escritos teológicos, comentários, manuais de igrejas, somos levados a concluir que não há nenhuma autorização nas Escrituras Sagradas para a observância do domingo.”

Três semanas depois, na nona página do mesmo jornal, Manzolli mostrava “O selo de Deus ao mundo atual”. E descarregava toda a sua verve:

Não importa a quantidade de religiões e igrejas que há em nosso mundo atual. Jesus resumiu tudo isto em dois caminhos: largo e o estreito. O estreito são poucos os que seguem, mas é o caminho que conduz à vida eterna, então é o caminho que estão os servos de Deus, e os servos de Deus conforme já vimos em Apocalipse 7 versos 3 e 4 são distinguidos pelo Senhor através do selo do Deus vivo; e este selo constitui na guarda do sétimo dia da semana que é o sábado.

Artigos que contrariavam as crenças populares, como o respeito ao sábado, o estado dos mortos e a inspiração bíblica assinalavam o percurso de Manzolli na mídia impressa. “O pastor Ítalo Manzolli escrevia uns artigos e mandava aos diretores de Comunicação para publicarem nos jornais. Isso não funciona. Ele mandava dez artigos para dez jornais. Um era publicado. Eram artigos mais doutrinários”, contraria Chagas.⁵¹ Trata-se de uma posição ímpar de Chagas, afinal a tática empregada por Manzolli apresentava seus resultados com a publicação do artigo, mesmo que fosse em um periódico. O pastor Darci Trojan também aparecia numa coluna publicada no *Diário da Região*, de São José do Rio Preto, SP, em 16/8/1970, escrevendo o artigo “Que nos reserva o futuro?”, no qual conjeturava se haveria “um dia os Estados Unidos da Europa, ou Estados Unidos do Mundo”. Em Belém, o pastor Osmundo Graciliano assinava uma coluna no *Diário do Pará*.

Em vários momentos a Igreja recebeu a atenção da mídia. A partir do instante em que se compreendeu o valor da comunicação, a imprensa secular voltou suas lentes e palavras para a Igreja. Alguns deles inusitados. O *Correio do Paraná* de 15/5/1962 (p. 4) anunciava que “Chegou o professor Siegfried Hoffmann: vai liderar a Semana de Orações da mocidade adventista curitibana”.

A chegada ao Brasil de um quarteto norte-americano também se transformava em notícia. O *Diário do Paraná* de 24/10/1962 noticiava que “King’s Heralds virá a Curitiba domingo no CEP” (Colégio Estadual do Paraná). Desferindo nas entrelinhas sua linha antiamericana, *O Estado do Paraná* de 28/10/1962 não aceitava o nome anglófono do quarteto adventista e o traduziu para o título “Os Arautos do Rei hoje no Estadual”, deixando dúvidas quanto à origem dos cantores.

Em 22/12/1962, o *Diário do Paraná* colocava acima da manchete de capa uma foto com o título “Prêmio pela honestidade”. O curto texto dizia o seguinte:

Adir Bandeira recebeu um presente de Natal por ser honesto. Adir que mora na Vila Parolin e é contínuo da firma Gastão Câmara, encontrou na rua uma carteira de dinheiro com Cr\$ 53 mil. Olhou o endereço do dono e telefonou ao professor Arthur Dassow, diretor do Ginásio Adventista Paranaense, comunicando o achado. O professor Dassow o premiou pela honestidade com um presente de Natal.

Em março de 1963, a Igreja alertava a sociedade sobre a imoralidade dos filmes nos cinemas curitibanos. Essa campanha provocou um dos fatos mais burlescos encontrados nas páginas dos jornais da época. No *Diário Popular* de 15/3 uma matéria apresentava o desejo da Associação Paranaense da Igreja Adventista em ver o Cine Curitiba fechado. A reportagem polarizou forças e recebeu apoio da Liga das Senhoras Católicas, políticos, Instituto de Educação e do próprio jornal, de propriedade de Abdo Kudry. No dia seguinte, 16/3, duas manchetes na primeira dobra do jornal: “5.000 jovens adventistas no Paraná: luta pela moralização dos costumes”,

anunciando um congresso da Igreja ao lado da notícia mais esperada, “PROIBIDA PROJEÇÃO DE FILMES IMORAIS NO CINE CURITIBA!”. O primeiro *round* fora vencido e a Igreja virou manchete. Contudo, nas páginas comerciais da publicação do *Diário Popular* de 9/12/1963, encontra-se o seguinte anúncio: “Cine Curitiba – hoje às 14 e 20 horas: Abutres do Mar, Monstro Sanguinário e As Virgens de Roma”. Parece que a campanha naufragou e foi devorada pelos abutres da imoralidade.

No início de 1966, insinuou-se na imprensa que os missionários adventistas da Amazônia contrabandeavam pedras preciosas para o exterior. Investigando a origem dos boatos, *O Estado do Paraná* de 6/3/1966 (p. 6.) anunciava que “Nada há contra os adventistas no caso dos minérios, afirma pastor”, referindo-se ao presidente da Associação Paranaense, Itanel Ferraz, que destacou os 34 anos da Assistência Social Adventista na Amazônia:

Sobre a notícia de que missões religiosas saqueavam a Amazônia, contrabandeando minérios, o pastor Itanel Ferraz, presidente dos adventistas do Paraná, afirmou ontem a *O ESTADO* que a notícia veiculada na última quinta-feira, originou-se de um telegrama da agência Transpress, que dizia apenas que “missionários estrangeiros estariam implicados no contrabando”.

A *Gazeta do Povo* do mesmo dia noticiava que “Adventistas não são os contrabandistas”.

Por ocasião do trigésimo aniversário da Voz da Profecia, o *Notícias Populares* de 21/4/1973 vinha com a manchete “A Voz da Profecia comemorou 30 anos”, e o *Última Hora* paulistano do dia seguinte trazia o título “Voz da Profecia: 30 anos no ar”. A partir de 1973, já se podia verificar a predominância na publicação de notas ou pequenas matérias. As grandes reportagens que se perfilaram nas redações durante a década anterior e início dos anos 1970, encontravam dificuldade de cessão de espaço nos diários dos grandes centros da comunicação nacional, como São Paulo e Rio de Janeiro. As redações aceitavam matérias sobre o tabagismo. Knight realça esse fenômeno

de alerta à sociedade: “Ainda na década de 1960, a Igreja desenvolveu um programa chamado Plano para Deixar de Fumar em Cinco Dias (mais recentemente chamado Respire Livremente) a fim de ajudar as pessoas a parar de fumar.”⁵² O *Diário do Paraná* de 4/7/1973, em seu terceiro caderno, cedia espaço para a notícia “70% do câncer do pulmão é causado pelo vício do fumo”. Nela, o coordenador do curso, Ajax Walter César da Silveira, presidente da Sociedade Médica Brasileira de Combate ao Fumo, apresentava estatísticas contra o tabagismo, propostas de cursos para deixar de fumar e sugestões de outros cursos com ênfase na saúde, como o combate ao alcoolismo.

Nem sempre a Igreja protagonizava boas notícias. Um acidente rodoviário em Santa Catarina, próximo a Lages, matou 21 pessoas que voltavam para São Paulo após um congresso jovem em Gramado e converteu a Igreja em manchete nos principais jornais do país. O *Zero Hora* de 24/12/1973 (p. 35) alardeava que “Adventistas morreram quando retornavam de um congresso”. Na tragédia, além dos mortos, 14 pessoas ficaram feridas no choque entre o ônibus e uma carreta. Entre os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro não havia unanimidade sequer sobre o número de mortos e feridos. Nas manchetes também era visível a ignorância e o preconceito da mídia quanto às doutrinas bíblicas defendidas pelos adventistas. O populesco *Folha da Tarde* (atual *Agora São Paulo*), do Grupo Folha, trazia na capa “Um só desastre mata 21 romeiros paulistas”, como se os adventistas tivessem viajado em busca de cultuar um santo ou atrás de uma festa de arraial. Sob uma foto do *Jornal do Brasil* de 26/12, a legenda dizia “Familiares e fiéis dos adventistas mortos oram pelos seus junto aos esquifes enfileirados”, contrariando a crença na mortalidade da alma. A *Folha da Tarde* pipocava novamente com o título “Adventistas reverenciam seus mortos”. Na *Folha de S. Paulo*, fotos, legendas e títulos confundiam os leitores. A manchete do jornal era: “As portas da Catedral estavam fechadas”, matéria relacionada ao fechamento da Catedral da Sé, impedindo a presença de fiéis à missa do galo. A foto mostrava o interior da Igreja Adventista Central Paulistana com a legenda: “O adeus – Três

mil pessoas assistiram ontem na Igreja Adventista Central, na Rua Taguá, ao ofício religioso para o sepultamento em São Paulo de 17 dos 19 membros mortos em desastre na BR-116.” A confusão provocada por falha da diagramação, ou má intenção dos editores, deu a entender aos leitores pouco atenciosos que a Igreja Adventista proibira a entrada de pessoas à cerimônia fúnebre.

Desbravando as redações

Antes de falar dos profissionais que atuaram na imprensa secular, seria inconveniente desprezar o papel do núcleo de jornalistas de Curitiba, caso único no país, onde onze jornalistas⁵³ conseguiram penetrar nas redações num espaço de 58 anos. E foi na capital do Paraná que os pastores conectados ao setor se graduaram e transformaram a região num autêntico laboratório de comunicação. Transitaram por lá dois líderes de comunicação (Arthur Valle e Assad Bechara), dois futuros presidentes para a Igreja na América do Sul (Enoch de Oliveira e João Wolff) e dois gerentes da CPB (Emílio Doehnert e Bernardo Schünemann). Todos aprenderam a valorizar, estimular e oportunizar meios para o desenvolvimento da comunicação.

“Eu sei que a coisa começou aqui. Eu acho que o núcleo de comunicação adventista de Curitiba foi muito forte e influenciou bastante”, acredita Odailson Spada, 37 anos de jornalismo. Spada tenta encontrar uma explicação para o fato, mas ele não tem certeza se foi por uma coincidência ou a liderança da Igreja estava preparada para assimilar essa realidade. Curitiba apresentava duas características fora da Igreja que talvez influenciaram muito. Primeiro: Na época era o grande centro da educação superior no Brasil. Inclusive a qualidade de ensino era melhor. O Colégio Estadual do Paraná era modelo (e continua, segundo o Enem de 2007) para o Brasil de escola pública. Havia também o Cefet, hoje a única universidade tecnológica do país. Segundo: a comunicação, se bem que não tenha sido de ponta no Brasil, tornou Curitiba um celeiro de jornalistas para o país inteiro. Talvez isso também tenha fomentado

o interesse, inclusive da Igreja. A primeira universidade brasileira surgiu em Curitiba, em 1912, a Universidade do Paraná, futura UFPR. O governo da República Velha não admitia a capital federal em segundo plano diante de uma cidade com características provincianas e se negou reconhecer a existência de uma instituição superior em Curitiba. Descrevendo a Curitiba do início da República, Guilherme Stein Jr. narra que ela “já era naquele tempo o que podemos chamar quase uma cidade universitária, com grandes colégios”.⁵⁴ Por ensejo das comemorações aos 300 anos da cidade, um repórter parafraseou Carlos Drummond de Andrade e discorreu sobre as peculiares características dos cidadãos.

Caminhar por Curitiba é, como diria Carlos Drummond de Andrade, “caminhar por uma rua que passa em muitos países”... Curitiba é o resultado da miscigenação de idiomas, culturas, tradições e crenças... Assim é Curitiba, várias cidades dentro de uma. Muitos povos formando um só. O que realmente faz de Curitiba uma cidade especial é que aqui o ser humano está sempre em primeiro lugar. Aqui, o povo se sente amado e respeitado.⁵⁵

Ivan Schmidt, 40 anos de profissão, tem outra opinião a respeito do núcleo curitibano e sugere:

De fato, nós temos um bom grupo de profissionais atuantes e até fazendo um trabalho que é reconhecido. Mas eu diria que, provavelmente, o que influenciou foi a qualidade dos profissionais. Se não tivessem sido bons profissionais, não teriam se colocado no mercado. Se o profissional não tem qualidade, não importa se ele é dessa crença ou de outra, ele não tem chance, não tem oportunidade.

Serviu de contrapeso na formação dos jornalistas graduados nas universidades locais, a influência de pensadores marxistas, a qual eles souberam administrar. A Universidade Católica, hoje PUC, por exemplo, teve o curso de Jornalismo fechado durante dez anos por ordem do governo João Figueiredo. Três outros se graduaram na Universidade Federal, com uma carga maciça dos teóricos da Escola de Frankfurt e da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e Albert

Camus. O ambiente nas redações, sobretudo em *O Estado do Paraná* e *Diário Popular*, cujas direções ainda se encontram sob a tutela de descendentes de sírios e libaneses, cheirava o anti-imperialismo norte-americano. Knight adverte à Igreja quanto aos perigos de movimentos nacionalistas. “A questão cultural que mais provoca dissensão no meio adventista, no alvorecer do século XXI, é o nacionalismo”,⁵⁶ afirma. Será que este ajuste permitiu a presença de jornalistas adventistas nas redações? Outro item a se considerar aponta para o envolvimento da maioria deles na Editoria de Política.

Elon Garcia: Comunicador convicto

Ao ser instigado a indicar o grande nome adventista no jornalismo, Spada se refere a Elon Garcia como o líder da comunicação. Garcia se mostrava frio e competente, como publicitário e como radialista, e com uma visão bastante apurada do que é comunicação. “Talvez seja uma pessoa que não tenha tido um curso de Jornalismo, mas ele soube aproveitar a sua experiência e traduzir isso num excelente nível de comunicação”, confirma.

Elon da Silva Garcia nasceu em 26/2/1935. A potente e melodiosa voz abriu portas e provocou sua ascensão profissional. No início dos anos de 1950 havia muito preconceito contra radialistas. Garcia acredita que isso resultava da falta de compreensão de alguns membros e líderes da Igreja. Em 1952, a Rádio Guairacá, de propriedade do governador Moysés Lupion, lançou um concurso para radialista e Garcia encarou o desafio. Ele participou do teste por curiosidade, para sentir como era o rádio. Venceu o teste e quase morreu de medo, por causa da Igreja. Ele foi o primeiro no Brasil.

Chefiava a mesa examinadora o jornalista José Wanderley Dias. Concorreram 66 candidatos, muitos já profissionais. Garcia ostentava seu amadorismo. Ele só sabia falar na igreja e no colégio. A seleção aconteceu numa quinta-feira à tarde. Primeiramente fizeram um teste de locução de voz, depois chamaram todos numa sala e deram a relação dos 15 classificados. Seu nome estava incluído.

A respeito desse dia, Garcia relembra que a segunda etapa seria sábado, às dez horas da manhã. Ele levantou a mão e disse ao Wanderley que sábado não iria porque tinha compromisso, agradecendo e pedindo o declínio do seu nome. O jornalista saiu com ele ao corredor e perguntou: “Por que você não pode vir sábado?” “Eu sou adventista e sábado eu não trabalho”, respondeu Garcia. Ele voltou à sala e disse: “O teste ficou transferido para terça-feira, às 21 horas.” Os testes eram divididos em conhecimentos gerais, de línguas e depois, o último, um teste de improviso, no qual o candidato recebia um assunto e falava cinco minutos ininterruptos para ver se apresentava condições de enfrentar o microfone. Foram dois à final e Garcia venceu. O assunto foi sobre o café. Em 1953 seria o Ano Internacional do Café. Curitiba era o grande celeiro exportador. Havia muitas exposições e matérias em todos os jornais. Ele ganhou por isso. Na igreja se aprende a falar de improviso. E ele tinha o respaldo de igreja. O outro concorrente não tinha. Garcia fazia os programas do colégio. No jornalzinho ele redigia o editorial. A respeito desse dia, Garcia descreve:

Na sexta-feira de manhã eu voltei pra fazer o contrato. O advogado da Guairacá me recebeu: “O Wanderley já me falou que o seu descanso semanal remunerado é sábado. Não é domingo. Você concorda com isso?” Concordo, é exatamente isso. “E você troca uma coisa por outra sem problemas? Posso colocar aqui?” Domingo eu trabalho sem problema nenhum. E o senhor me ponha aí, por favor, entre parênteses, do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol de sábado. Ele me pediu uma explicação, mas achou melhor fazer assim. Entregou-me o contrato e pediu para meu pai assinar. Fui à Igreja falar com o pastor. Ele estava descendo a escadaria da igreja, cheio de livros, mas voltou para me atender. “Mas qual é o problema?” O problema é o seguinte: eu venci um teste coletivo para radialista. “E daí, qual é o problema?” O problema é que eu vou ser profissional de rádio. “Mas essa é uma profissão muito boa. Parabéns. E o problema? Não querem lhe pagar?” Não, eu tenho um contrato de quinze salários mínimos iniciais. “Então, eu já sei. Não querem lhe dar o sábado?” Tirei da pasta o contrato e lhe entreguei. Quando ele leu sobre o pôr-do-sol, ele começou a rir. “Mas então, qual é o problema?” O senhor acha

que não tem problema? “Acho que não.” E ele assinou no lugar do meu pai. Eu encontrei um pastor com uma grande cultura, que era o pastor Enoch de Oliveira. Se eu pego outro pastor, ele poderia dizer que eu iria ficar no meio desse povo do mundo. Eu caí num meio no qual fui premiado na vida. O Wanderley chegou à Diretoria Jurídica Regional da Caixa Econômica Federal; o Ney Almada foi presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; o Edumar Pires é juiz de Direito em Curitiba; e o João Féder, presidente do Tribunal de Contas do Estado do Paraná. Todo esse pessoal era de uma formação muito boa. Eles me apreciavam como cristão e a fidelidade de ir à igreja. Ao invés de me colocarem casca de banana, eles ajudavam a passar os problemas.

Da Guairacá, Garcia se transferiu para a Rádio Clube Paranaense. Depois recebeu convite para fundar e se tornar diretor comercial da Rádio Independência do Paraná. Sua única ingerência na mídia impressa ocorreu entre 1958 e 1959 no *Correio do Paraná*, onde mantinha uma coluna de *marketing*, rádio e televisão, fazendo com que, somado à brilhante carreira, entrasse para a história como a primeira imagem e voz da TV Paranaense. Nagib Chede, primeiro empresário de televisão no Paraná, confirmou esse fato em entrevista ao jornalista João Féder, em sua coluna no jornal *O Estado do Paraná*. Na sala de reuniões da agência de publicidade que Garcia preside, há uma placa com a seguinte inscrição: “20/10/1960 – Pioneiro da TV no Paraná”.

Na recepção da agência de Garcia há outro quadro, no qual se lê: “Elon Garcia Publicidade representa confiança e prosperidade”. Ele demonstra em todos os instantes plena convicção nas tarefas que realiza, nas funções que desempenha e na fé que testemunha. E a sociedade percebeu isso e lhe prestou homenagem. Por iniciativa do vereador Celso Torquato, a Câmara Municipal lhe concedeu o título de Vulto Emérito de Curitiba em 27/3/2000. Na moção registrada nos anais da casa legislativa, lê-se que Garcia é “criativo, pensador e idealizador... Religioso efetivo, atua como membro efetivo da Igreja Adventista do Sétimo Dia”. Além das “Reflexões ao Entardecer” nas tardes de sexta-feira e sábado, na Rádio Novo Tempo de Curitiba, Garcia continua

escrevendo, a pedido, uma pequena meditação para a revista dos Alcoólicos Anônimos.

Garcia é capaz de permanecer horas e horas dialogando a respeito de “convicção”. Segundo ele, nunca recebeu uma solicitação ou intimação para trabalhar aos sábados:

As pessoas percebem quando você não tem convicção. Eu nunca fui convidado para trabalhar sábado. E meus superiores sabiam que eu tinha argumentação e convicção para não fazer aquilo. Agora, no domingo, eu estava à disposição. Tanto é que eu trabalhei no rádio todos os domingos. Nunca tive problemas. Inclusive fiz futebol. Faltava alguém lá e eu cobria. Estava à disposição. Eu acho que esta convicção é que leva o profissional, em qualquer área, a não ter problema com a sua religião.

A fim de se tornar mais claro e compreensível na sua argumentação, Garcia relata a seguinte história envolvendo o ex-prefeito Iberê de Mattos:

Eu tomei contato com o coronel Iberê de Mattos, prefeito de Curitiba, para fazer as matérias com ele. Naquele tempo, ainda não tinha o *press-release* e os jornais davam muita atenção aos prefeitos. O jornal tinha que ir lá e não fazer a matéria que a prefeitura queria, mas a que o jornal queria. Então eu tinha bastante contato com o prefeito. Fim de tarde era normal que se servisse um uisquinho no gabinete. Eu não tomava. E o prefeito tomou consciência que eu não tomava. A primeira vez que ele me perguntou: “Você não toma, por quê? Por que você está em trabalho?” Não tomo porque eu sou convicto. “Você frequenta uma igreja?” Sim, sou da Igreja Adventista do Sétimo Dia. “Ahn, que legal!”

Depois houve uma grande caravana que foi para o Oriente Médio em negociação para o início da Petrobrás. Ele foi convidado, também. Quando voltou, enviou-me um recado para que eu fosse urgentemente falar com ele. Eu fui correndo lá. “Olha, o expediente já terminou aqui na Prefeitura e eu o chamei porque você não bebe e precisa saber como jornalista o que eu vi lá. Nenhuma reunião tem álcool. Eles dão sucos de frutas deliciosos, água mineral, e não se bebe. Por quê? Porque se desconfia de uma pessoa que vai assinar um documento e ingeriu bebida alcoólica.” Ele me deu uma aula sobre alcoolismo relacionada à filosofia do Oriente. Saiu matéria sobre isso.

Com esse fato eu quero dizer que a minha convicção chegou a uma autoridade. Ele entendeu que comigo não adiantava. É essa convicção que todo o profissional de nossa área precisa ter. Ele viu coerência em mim. Ele não iria passar essa matéria para outro repórter.

O gosto pela filosofia da vida o leva a divagar em conceitos. Ao escrever um artigo envolvendo religião, Garcia recebeu muitas críticas, pois defendeu que a igreja era algo importante, sem se dirigir diretamente aos adventistas: “Em vez de construir igreja, construa creche, construa posto de saúde. Aí fiz um outro artigo em seguida dizendo que de uma creche não nasceu nada, não nasceu uma escola. E que, de uma igreja, nasceram hospitais e universidades. Então, o foco é a igreja. Onde temos de convidar as pessoas para ir? À igreja.”

Sua mais viva recordação remonta à Telepaz, projeto que nasceu da parceria e da visão do casal Paulo Passos e Doraci Menegusso, dos pastores Wady e Assad Bechara e do próprio Elon Garcia. Os jornais locais noticiaram o fato. A primeira mensagem gravada por Garcia aconteceu em 26/3/1971 e virou notícia em *O Estado do Paraná* com o título “Serviço pioneiro”. A mensagem falava: “Você ouve Telepaz. Sê forte e corajoso, não tema. O Senhor Teu Deus é contigo. Disse Jesus, vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei.” Depois disso, uma voz feminina continuava: “Para uma comunicação pessoal, ligue para o número 23-2193, diga o seu nome e o número do seu telefone, seu endereço, agora fale.” “Logo que foi lançada a primeira mensagem, tivemos a grande alegria de receber o primeiro telefonema pedindo aconselhamento”, recorda Garcia. Havia um conselheiro 24 horas, que era o pastor Wady Bechara. Garcia se alegra ao frisar que a mídia se pautou muitas vezes em cima de Telepaz:

Inclusive a mídia publicava a mensagem de Telepaz na íntegra. Naquele período em que eu escrevia a mensagem e a lia, o D’Aquino, da *Gazeta do Povo*, sempre deixava um cantinho para inserir aquele texto. O D’Aquino fazia até a matéria sobre a mensagem. Telepaz foi um grande assunto. Os colunistas de Curitiba se importaram com isso. O jornalista Dino Almeida,

já falecido, fez até o curso Como Deixar de Fumar em Cinco Dias. Todo ano, José Wanderley Dias escrevia uma crônica sobre Telepaz em sua coluna “A Vista de Meu Ponto”, na *Gazeta*, e eu a interpretava na Rádio Colombo, cujo diretor era Pirajá Ferreira, também adventista. Uma delas começou assim: “No Templo Elon Garcia...”, falando do templo (Igreja) que eu frequentava.

Ivan Schmidt: assessor no palácio

Notado e admirado pelas pessoas que o rodeavam, Ivan Schmidt⁵⁷ deu testemunho de sua fé nas redações e nas assessorias do governo. Desde a adolescência, Schmidt almejava publicar notícias na *Revista Adventista*. No final dos anos 1950 saíram três pequenas notícias da Missão Catarinense enviadas por ele. O inusitado ficou por conta de um artigo na revista *O Atalaia*, editada por Carlos Trezza. Seu namoro com a CPB era antigo. Graduado em Teologia na turma de 1966, Schmidt carregava na bagagem a experiência de ser editor do *Colegial* e de *O Seminarista*. Após dois anos exercendo o pastorado, ele recebeu um convite da CPB para substituir Rafael de Azambuja Butler, recém-falecido, em 1968, quando assumiu como editor do *Nosso Amiguinho* até sua saída da CPB, em 1972.

Ainda na CPB, Schmidt conseguiu o registro profissional de jornalista. Paralelamente, era editor do jornal *O Evangélico*, de Wilson Rossi. Tentou entrar na *Folha de S. Paulo*, mas Perseu Abramo, irmão de Cláudio, barrou sua admissão por motivos religiosos. Como a família de sua mulher era de Curitiba, eles resolveram mudar de domicílio. Sua saída do corpo de pastores da Igreja se procedeu sem traumas, segundo ele. Durante muitos anos, o pastor Enoch de Oliveira insistiu para que ele voltasse ao grupo de funcionários da Igreja. Contudo, ele relutou até que um dia ele lhe perguntou na Igreja Central: “Vai ser a última vez. Quer voltar?”. Schmidt lhe respondeu que estava bem e o então presidente da Igreja na América do Sul encerrou: “Então não falamos mais sobre o assunto.” Os dois continuaram amigos.

Em *O Estado do Paraná*, ele permaneceu menos de um ano. Atuou como repórter, editor e substituiu nas férias os secretários de Redação de *O Estado* e da *Tribuna do Paraná*.

Foi um bom aprendizado porque, na época, o diretor de redação, Mussa José Assis, me convidou para assumir a chefia de reportagem do jornal *O Estado do Paraná*. E as coisas estavam bem-encaminhadas. Realmente, eu seria o chefe de reportagem, quando o próprio Mussa me disse: “Olha, houve uma reformulação aí nos planos da casa e você vai ser o chefe de reportagem do Canal 4, *TV Iguaçu*.” Então eu mudei de redação. Fui trabalhar na redação do Departamento de Notícias da *TV Iguaçu*. Fiquei lá de 1973 a 1975, onde eu pude fazer um trabalho muito bom. Na época, a *TV Iguaçu* tinha um contrato com a Rede Globo para retransmissão da programação.

Antes de o presidente Ernesto Geisel retirar o direito de retransmissão da programação da Globo, Schmidt aceitou nova proposta de trabalho e se transferiu para a Assessoria de Imprensa da Secretaria da Agricultura do Estado, onde desenvolveu o restante da carreira.

Na fase derradeira do jornal *Correio de Notícias*, Schmidt chegou a ser colunista. Sua passagem pelas assessorias do governo Álvaro Dias, de 1986 a 1989, e Secretarias da Agricultura e do Planejamento, o qualificaram para a dura tarefa diária. No governo de Roberto Requião, entre 1990 e 1993, Schmidt exerceu a chefia da Assessoria de Imprensa do Palácio Iguaçu. Ele sempre foi um observador da política, espectador de grandes lances políticos do Paraná, porque teve o privilégio e a oportunidade de estar ao lado dos governadores em momentos importantes. Schmidt ia se abastecendo daquelas informações, de todos os fatos e muito daquilo, claro, ele abordou em sua coluna.

Durante os anos em que esteve no Grupo Paulo Pimentel, Schmidt procurou usar as oportunidades para conectar a Igreja à comunidade. Seus textos trabalhavam em cima de ideias, fatos, assuntos que se situam no cotidiano das pessoas. Nesse período em que atuou em *O Estado do Paraná*, ele sempre colaborou além do trabalho, não obstante as suas funções normais, como repórter. Como redator, ele

procurava publicar uma matéria ou outra e mantinha durante muito tempo essa colaboração. Assim, ele destacava o trabalho assistencial da Igreja, de hospitais e dos colégios.

A respeito dessas oportunidades abertas pela imprensa, Schmidt lamenta que a Igreja nunca teve uma política agressiva de comunicação. Ele acha que a Igreja perdeu oportunidades extraordinárias de se mostrar à coletividade, de ser notícia (no jargão jornalístico) e contar até hoje com um respeito muito maior da população. Ele se lembra que a Igreja foi notícia quando realizou um evento pouco mais relevante. Por exemplo, um dos primeiros congressos sul-americanos de jovens, organizado em Curitiba, em 1970. “Na noite em que o congresso estava sendo aberto, o Jornal Nacional começava a fazer essa coisa de integração nacional. O bloco de Curitiba destacou a abertura do congresso dos jovens adventistas. Então, aquela foi uma notícia nacional”, ilustra Schmidt.

O jornal *O Estado do Paraná* de 21/1/1970 enfatizava o congresso com o título “Curitiba hospeda cinco mil adventistas”. O lide da reportagem, exageradamente longo e com uma redundância imperdoável no jornalismo (“há... anos atrás”), ditava o seguinte:

Curitiba, desde ontem, foi tomada por uma invasão de automóveis com placas do Uruguai, Argentina e Chile, enquanto que na estação rodoviária chegavam a todo momento rapazes e moças falando espanhol. Isto porque o Paraná está sendo sede do II Congresso Sul-Americano da Juventude Adventista – o primeiro foi realizado na Quitandinha, em Petrópolis, *há 14 anos atrás* – e durante cinco dias cerca de cinco mil jovens de toda América Latina debaterão seus problemas, orientados por pastores adventistas.

A matéria anunciava a presença do pastor Léo Ranzolin, enfatizando o caráter desprendido dos jovens adventistas, que doariam cem litros de sangue ao Hospital de Clínicas e mais de mil Bíblias à população.

Como exemplo de sua aptidão textual e domínio do vernáculo, no artigo “A conspiração do silêncio” Schmidt analisa a história da Encíclica Escondida. O texto surgiu de uma pequena informação apanhada por ele num jornal. A partir disso, Schmidt a associou a um livro que acabara

de ler, cujo conteúdo relatava toda a história da Encíclica Escondida. O antecessor de Pio XII a havia deixado praticamente pronta, rascunhada. Nela, o papa combatia claramente o antissemitismo. Contudo, Pio XII resolveu engavetá-la. E ninguém soube até hoje que fim levou aquele documento. Assim, Schmidt resolveu resgatar esse momento da história.

No início de 2005, Assis convidou Schmidt para assumir a redação dos editoriais de *O Estado do Paraná*, onde permaneceu poucas semanas.

Odailson Spada: Vencendo preconceitos

Ao chegar à Igreja Central, numa noite de culto, o acadêmico da UFPR, Odailson Elmar Spada, recebeu de um dos anciãos uma proposta em dinheiro para montar um escritório de contabilidade e abandonar o curso de Jornalismo. “Isso não é profissão para adventista”, fuzilou o líder daquela congregação. Em 1969, ainda estavam bem frescos os resultados de manifestações estudantis no país e na França. O preconceito contra o jornalismo transformava o curso no vilão do ensino superior. “Existia muito aquela ideia de que certas profissões não eram compatíveis com a norma do cristão”, exprime Spada, com certa mágoa. A aprovação do pastor da igreja, Assad Bechara, no vestibular do curso de Comunicação Social da Universidade Católica, silenciou os críticos e ninguém mais abordou o assunto.

Graduado na turma de 1973, no ano seguinte Spada iniciou como repórter policial da *Tribuna do Paraná*, jornal do mesmo grupo de *O Estado do Paraná* e *TV Iguaçu*. Em 1978, ele foi contratado pelo *Correio de Notícias* na mesma editoria e, em 1979, aportou na redação do *Indústria & Comércio*, de propriedade de Odone Fortes, um ex-adventista. Aqui, Spada se identificou com a área de economia. A comunidade acadêmica conhecia o jornal de Fortes como a segunda universidade, face à qualidade do material impresso e a eficaz orientação e garimpagem de talentos conduzida por Aroldo Murá Haygert, diretor de Redação. Por outro lado, admitia muitos estudantes a fim de evitar a contratação de profissionais, cujos salários atrasavam frequentemente.

Atendendo à necessidade da Associação Paranaense de projetar a Igreja na mídia, Spada concordou em ser assessor de imprensa do Departamento de Comunicação, auxiliando o pastor Arlindo Rossi. Com a transferência de Rossi, a direção da Associação desativou o setor. Assim, em 1983, Spada voltou ao *I&C*, onde permaneceu até 1987, mudando-se para a Assessoria de Imprensa da Secretaria da Agricultura do Estado. Dois anos depois, deslocou-se para Guarapuava, dirigindo o jornalismo da Fundação Pioneira de Radiodifusão do Paraná e editando o jornal da Cooperativa Agrária de Entre Rios. Nestes locais, desenvolveu matérias sobre bolsa de valores, *agrobusiness* e pecuária, nas quais se especializou.

Meia década se passou e Spada retornou a Curitiba, onde atuou no Colégio Curitibano Adventista como conselheiro de divulgação e professor de Editoração Eletrônica de 1994 a 2005. Paralelamente às atividades nesta instituição, Spada não abandonou o ofício jornalístico e continuou assumindo trabalhos de *free lance*⁵⁸ para políticos.

Apesar de sua atividade profissional ter se ligado durante a maior parte de sua carreira à área agrícola, Spada nunca deixou de prestar serviços à Igreja diante de grandes eventos, como os congressos de educação da Associação de 1976 e 1996. No primeiro congresso, comemorativo aos 80 anos de educação adventista no Brasil, ele intermediou a presença dos mais antigos ex-alunos da Escola Adventista de Curitiba, com destaque para Arthur Wischral. Filho de Jorge e Maria Wischral, Arthur estudou no Collegio Internacional no início do século, conforme comprovam os boletins apresentados por sua neta. Segundo o pastor Roberto Doehnert, a família Wischral foi a segunda a ser batizada em Curitiba, depois dos pais de Alfredo Otto, que viria a ser sogro de Antônio Nogueira. Arthur Wischral não era batizado quando se deslocou para a Alemanha, pouco antes do início da Primeira Grande Guerra, em 1914, a fim de estudar fotografia. Concluído o curso, Wischral voltou para Curitiba, mas não se interessava mais pela Igreja. Nesse intervalo, seus pais apostataram e formaram um grupo de fanáticos, conhecido como wischralitas, um movimento

de “adventistas ultra-ortodoxos”. Wischral conquistou notoriedade pública galgando postos no estado como fotógrafo do governo e, de acordo com seus descendentes, fotojornalista da revista *Paris Match*. A *Revista Adventista* registrou sua presença no evento:

Compareceram, na ocasião, muitos ex-alunos da Escola Internacional, posteriormente Centro Educacional Adventista de Curitiba, alguns deles dos mais antigos... Foram também entrevistados outros ex-alunos: Otto e Carlos Seeling, e Arthur Wischral, o qual relatou muitos fatos pitorescos de sua carreira estudantil na Escola Internacional: lições de moral, peraltices, mostrando que, naquele tempo, as coisas não eram muito diferentes das de hoje.⁵⁹

Inquirido sobre as matérias lançadas na imprensa, semelhante a outros citados anteriormente, Spada responde que infelizmente ele não guardou nada. No entanto, ele redigiu *releases* para a imprensa e agendou entrevistas com pastores, abrindo caminho para o lançamento do Folhetão,⁶⁰ em 31/3/1979. E deu certo. Muitas pessoas testemunharam que aguardavam ansiosas a visita dos adventistas entregando o material evangelístico e oferecendo estudos bíblicos.

Faz treze anos que a Associação Sul Paranaense comemorou os cem anos da educação adventista no Brasil, recordando a abertura da primeira escola em Curitiba. Não obstante, percorrendo os corredores e departamentos da sede da Igreja para o sul do estado, você não encontra nenhum recorte de jornal referente ao evento, a não ser depoimentos, muitos sem precisão e contraditórios. Spada aquece os neurônios, mas não consegue sintetizar os acontecimentos. Apenas lembra que enviou muitos *releases* à imprensa e alguns desses se transformaram em pautas⁶¹ e matérias nos jornais.

À medida que a entrevista segue, Spada discorre a respeito da presença do conjunto norte-americano “Heritage Singers” no Teatro Guaíra, em meados da década de 1970, a repercussão na mídia e no meio evangélico. De repente, uma luz. Ele fala de outra matéria publicada na *Gazeta do Povo* de 25/3/1979, cujo título era “Mensagem adventista ressalta a esperança como necessidade”, na qual exaltava o

estilo de vida dos membros da Igreja e a possibilidade de outras pessoas acompanharem a mesma trajetória.

O adventista que incorpora o idealismo de sua missão não se contenta com a ociosidade e sequer deixa seu próximo sossegado. A mais viva lembrança de Spada se reporta à primeira greve mundial contra o tabagismo. No primeiro semestre de 1980, a Agência de Publicidade P.A.Z., de Curitiba, e a Secretaria Estadual da Saúde resolveram estreitar parceria numa campanha contra o vício do fumo. Porém, eles não tinham o *know-how* para trabalhar com a questão. Então, alguém do setor de criação da agência aludiu que havia “um pessoal experiente na Igreja da Carlos de Carvalho, que fazia milagres, orientando os viciados a deixarem de fumar em cinco dias”. Diante disso, a Igreja Adventista aceitou o convite para coordenar a campanha, chamada de “Greve do Fumo”, com data agendada para 29/8/1980.

Cartazes, camisetas com inscrições contra o cigarro, Clube de Desbravadores, Jovens Adventistas, Escolas Adventistas, universitários, todos unidos e mobilizados com mais 38 entidades da sociedade paranaense se prepararam para a campanha e anunciaram na mídia o “Manifesto grevista”:

Povo de Curitiba!

Os fabricantes de cigarros têm interesses óbvios em induzir a juventude ao vício. Mas é nossa obrigação defender a saúde de nossos filhos. Fumar não é um hábito normal ou elegante como sugere a propaganda. Ao contrário, é um vício antissocial e anti-higiênico. Fumar só faz bem aos que lucram com a venda de cigarros. Está na hora, portanto, de dar uma resposta aos que pensam que a população será eternamente passiva. Está na hora de fazer um protesto coletivo contra o fumo.

Faça a greve do fumo!

Paraná,

Um estado de alerta contra o fumo.

Com certeza, esta foi a primeira, única e, talvez, última vez na história, que a Igreja Adventista promoveu uma greve. As redações

relutaram em ceder espaço aos grevistas. Explica-se: o ambiente nas redações da imprensa é mais poluído e nojento do que muitas das grandes cidades brasileiras. O ar é empestado pela sufocante fumaça de cigarros, charutos e cachimbos. Ali não se respeita o não-fumante. Na manhã de 29/8, o jornal *O Estado do Paraná* noticiava a campanha nacional contra o fumo, extravasando o projeto para além das divisas estaduais. A matéria “Pobres são os que mais fumam” encorajava as pessoas a não fumarem das 10 às 11 horas daquela manhã de sexta-feira. Vinte anos antes, uma campanha semelhante, mas não tão abrangente, havia se desenvolvido no Rio Grande do Sul. A manchete do dia se baseava no manifesto “PARANÁ: UM ESTADO DE ALERTA CONTRA O FUMO”. Segundo a Associação Paranaense de Combate ao Fumo, criada em 6/8/1980, 200 mil pessoas participaram da jornada.

No sábado, o mesmo jornal expunha o título “Durante uma hora a greve do fumo”. Em centenas de faixas e cartazes se liam frases contra o mau hábito do fumo. Algumas chegavam à hilaridade, ironizando *slogans* semelhantes das publicidades de cigarro: “Saúde: uma preferência nacional” (“Hollywood, preferência nacional”); “Saúde: para quem sabe o que quer” (“Free: para quem sabe o que quer”); “Eu gosto de levar vantagem em tudo. Leve vantagem você também. Tenha mais saúde” (“Eu gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também. Fume Vila Rica. O fino que satisfaz”, estimulava o ex-jogador de futebol Gérson, garoto-propaganda da Souza Cruz). Entre tantas ideias, o governo proibiu e recolheu muitas faixas com sentenças irônicas, mas criativas, como “Fume o fino que satisfaz – ao câncer”, redigido pelos jovens adventistas da Igreja Central. A *Revista Adventista* de outubro de 1980 (p. 17 e 22) noticiava que “Adventistas fazem ‘greve’ em Curitiba”, com aspas, sinal da resistência existente na época e a preocupação com qualquer sintonia aos movimentos sindicais em processo de crescimento na ocasião. Na reportagem enviada à RA, os números indicavam a coleta de 130 mil assinaturas pelos adventistas e 33 mil contatos posteriores, resultados da campanha. A repercussão foi tão grande que a agência de publicidade P.A.Z. avisou que o consumo

no dia da greve contra o fumo sofreu uma queda de 10 a 15%, inclusive nas compras de cigarro. Quinze dias depois, as indústrias de cigarro, extremamente apavoradas, lideradas pela *Phillip Morris*, recém-instalada em Curitiba, exatamente no terreno que havia pertencido ao IAP, colocaram modelos em trajes sumários na Boca Maldita, Rua das Flores, distribuindo cigarros de graça para tentar recuperar o prestígio. A *Phillip Morris* achava que era vingança dos adventistas pela desapropriação do colégio.

Outra notícia publicada pela imprensa, mas sem qualquer exatidão quanto à data de publicação e jornal, falava da nova lancha adquirida pela Associação, em 1980, para auxiliar a Assistência Social no litoral do Paraná. Ela ficou em exposição em frente ao Palácio Iguaçu, sede do governo estadual, à disposição da mídia. Uma das mais interessantes reportagens a respeito do padrão saudável de vida dos adventistas saiu em cima da vitória do quase octogenário Alfredo Otto, filho dos primeiros batizados da igreja local, numa corrida ciclística. Otto percorreu do Palácio Iguaçu ao município de São José dos Pinhais, 20 quilômetros, deixando para trás cerca de quatro mil participantes. Não deu outra: manchete nos principais jornais da capital.

Demonstrando um pouco de resistência em comentar fatos negativos, Spada aponta os casos de crimes envolvendo membros da Igreja. Ele não deu detalhes, mas adventistas são citados em seis assassinatos, um suicídio, duas prisões por estelionato e falsificação, uma tentativa de furto, um assalto à mão armada e inúmeros acidentes de trânsito. Nenhum nome será identificado, nem todas as infrações, apenas os fatos que mais repercutiram na mídia, a fim de evitar constrangimentos.

Em alguns dos crimes, os adventistas se tornaram vítimas de bandidos, sem qualquer explicação, como o pastor baleado em Dois Vizinhos, Sudoeste do Estado, em meados da década de 1960. Sabe-se apenas que um pistoleiro o emboscou numa estrada e descarregou sua arma contra o responsável pelas igrejas daquela região. No início

dos anos de 1970, um advogado também foi fuzilado na porta de casa por um frustrado cliente. Depois tentaram dar outra versão explicando que se tratou de um assalto malssucedido. Em fevereiro de 1984, um jovem policial florestal, de família da classe média-alta, chegou em casa sob efeitos de drogas. Após discutir com a mãe e a irmã, partiu para cima delas com uma faca. O pai, ancião de uma das igrejas da capital, reagiu e tentou atraí-lo para fora da residência. Na rua, o pai sacou um revólver e disparou três tiros no peito do rapaz, que tombou morto. À exceção de uma emissora de TV, toda a imprensa defendeu o pai, seus princípios e sua religião, desprezados pelo filho. Pouco tempo depois deste fato, novo abalo na Igreja. Dois motoristas de veículos que conduziam crianças da Escola Adventista se desentenderam e um deles esfaqueou o outro, matando-o. As páginas policiais dos jornais exploraram com exagero a tragédia. Final do século e mais outro assassinato. Uma ex-professora da Escola Adventista, filha de pastor, diretora de colégio público, foi morta pelo marido que, em seguida, cometeu suicídio. Um dos casos de estelionato e tentativa de furto demonstrou o quão inocentes são os adventistas na prática do crime. Graduado em Teologia pelo IAE, um membro da Igreja Central também tinha diversos cursos técnicos. Numa madrugada, a Polícia Militar o flagrou sob o bondinho da Rua das Flores tentando furtar seu motor. Ao delegado, ele alegou “estar desenvolvendo um projeto para apresentar ao prefeito (da época) Jaime Lerner”. Nem assim ele aprendeu a lição. Novamente desfilou nas capas dos jornais após vender passagens falsas da Itapemirim para uma rota inexistente: Rio-Lima. Isso mesmo, Lima, capital peruana. Respondendo processo em liberdade, novamente a polícia o prendeu por vender passagens aéreas da Transbrasil para fora do país. Dizem que esta empresa de aviação se entusiasmou com a ideia e requereu autorização para viagens ao exterior. “É aquela velha hipocrisia. Se o bandido é católico, é só bandido. Se for evangélico, é preciso noticiar que é evangélico, se possível a exata denominação a que pertence”, protesta Guilherme Silva, redator da CPB.

São Paulo, Rio e Brasília

“Eu gostava muito do Ivo Cardoso, que passou na CPB. Muito eficiente na entrevista. Ele sabia fazer uma entrevista. Um indivíduo muito capaz”, admira o pastor Chagas. Com formação teológica pelo IAE, em 1970, Ivo Santos Cardoso se tornou o primeiro redator da CPB a se graduar em Jornalismo, em 1973.⁶² O editor da CPB, Ivacy de Oliveira, reconhece a fase em que Cardoso passou pela editora adventista, quando revolucionou a redação, implantando a pauta, técnicas para títulos mais jornalísticos e reestruturação gráfica das revistas. Ricardo Noblat, ex-diretor de redação do *Correio Braziliense*, concorda que “donos de jornal e jornalistas estão cansados de saber que os jornais devem: renovar sua pauta de assuntos para ganhar mais leitores... surpreender mais e mais os leitores com informações que eles desconheçam”.⁶³

Interessado em divulgar a proposta adventista de vida saudável, Cardoso criou em julho de 1982 o tabloide *Vida Integral*. Até este ano, o jornal se constituiu no único especializado em naturalismo no Brasil. Em um ano de existência, sua tiragem triplicou de cinco para 15 mil exemplares, animando Cardoso, inclusive a sair da CPB, a fim de investir no projeto. Em pouco tempo, *Vida Integral* se encontrava nas principais bancas de São Paulo, Grande ABC, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Campinas, Santos, Brasília e Porto Alegre, contando com serviço de assinantes até para o Canadá, Israel, países da América Hispânica e Estados Unidos. *Vida Integral* ainda existe e pode ser acessado no site www.vidaintegral.com.br.

Ninguém começou tão cedo sua carreira no universo da comunicação quanto Rogério Sorvillo Vieira, publicitário graduado pelo antigo Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Aos 15 anos de idade, em 1977, ele já atuava numa agência de publicidade do mesmo grupo a que pertencia o *Diário do Grande ABC*. De forma gradativa, Sorvillo principiou contatos e relacionamentos com a equipe de fotografia do jornal. Acompanhando os repórteres nas matérias, logo ele registrava suas

primeiras imagens no *Diário*. Tecendo outras amizades, passou a redigir textos publicitários, também, até receber espaço para uma coluna. Em 1978, o diretor de Comunicação da Associação era o pastor José Alfredo Torres (jornalista), que enviava a Sorvillo, membro da Igreja do Belém, artigos para publicar. Quando eles publicavam textos prontos, sobre assuntos religiosos, a leitura da coluna era uma. Mas quando eles abordavam as temáticas dentro de um conceito de estilo de vida, a leitura era outra. Eles escreviam sobre alimentação, saúde, paz e estresse da vida moderna. Era uma coluna bem vista no jornal. O próprio chefe de redação a incentivava. Quando chegava a quinta-feira e eles não haviam enviado a coluna, o jornalista ligava perguntando onde ela estava.⁶⁴

Seu gosto e experiência com fotojornalismo o transportaram para a CPB. Mas a coluna continuou a sair no *Diário*, cuja duração alcançou cinco anos, até 1984. Eles não colocavam o endereço da Igreja, contrariando a política adotada por Garcia e Campolongo. Sorvillo acredita que o bom relacionamento com a imprensa facilitava a aplicação de projetos pela Igreja de Santo André. A CPB tinha um bom relacionamento com o *Diário*. A Igreja nunca teve problema com a imprensa local. A cidade do Grande ABC era um dos centros da cultura adventista mais importantes do mundo. Ele recorda que a megaoperação coordenada pela União Sul-Brasileira de distribuição do Folhetão, em 1979, jogou a Igreja na mídia durante duas semanas.

No *Diário*, Sorvillo compreendeu que não adiantava dar a manchete “Adventistas fazem megaencontro”. O negócio era fazer trabalhos para a comunidade. Assim, eles dirigiam escolas para recuperação de alcoólatras e fumantes, ações sociais com o antigo Departamento das Dorcas, campanhas com a própria Escola Adventista de interesse da coletividade. Sorvillo descreve: “A partir daí aconteceu que nós tínhamos espaço em quase todos os eventos, desde que fossem de interesse da comunidade. Nessa época tínhamos uma projeção. Chegamos a ter uma escola de recuperação de alcoólatras e fumantes com mais de cem pessoas. Naquele tempo, o Ajax da Silveira era o grande ícone desse trabalho na Igreja.” Hoje, Sorvillo e seu cunhado, Sérgio Fernandes dos Santos,⁶⁵ dirigem a Agência e Editora Tempos, em São Paulo.

Filho do jornalista Tobias Pinheiro,⁶⁶ Paulo Pinheiro, editor da *Revista do Ancião*, da CPB, foi repórter de *O Paiz* em 1968, no Rio de Janeiro. O jornal não apoiava o comunismo, mas tinha tendências ideológicas de esquerda em oposição ao regime militar. Ali militavam jornalistas do quilate de Joel Silveira e Hélio Fernandes, irmão de Millôr Fernandes. Pinheiro permaneceu como foca durante seis meses. Depois partiu para São Paulo com o objetivo de cursar Teologia. No ano seguinte, não tolerando o posicionamento do jornal, o governo militar deu um basta na farra e encerrou suas atividades. Recordando esse tempo, Pinheiro diz que geralmente apurava reportagens de rua. Saía acompanhado do fotógrafo numa viatura do jornal para destino designado pelo chefe de reportagem. Ele fez algumas coberturas de manifestações de rua. Outras vezes, preparava notícias que vinham de agências.⁶⁷ Comentando as reportagens publicadas pelo pastor Azevedo sobre os índios carajás, Pinheiro confessa que elas o influenciaram mais tarde a escrever o livro “Missão Carajás”.

Na capital federal apareceu um jornalista adventista em 1978, Izair de Souza Costa, terceiro-sargento da Aeronáutica. Costa estudou na Universidade de Brasília e trabalhou pouco tempo na área gráfica do *Correio Braziliense*. Depois, abandonou as carreiras militar e jornalística para cursar Teologia no IAE. Brasília chama a atenção para o fato de que o número de adventistas citados na mídia se demonstrava considerável. Nomes como os dos deputados federais pelo Paraná, Luís e Igo Losso (pai e filho); da senadora amazonense, Eunice Michiles (a primeira brasileira no Senado); da funcionária do Ministério da Educação, doutora Eurides Brito (hoje deputada distrital); e do procurador-geral da República do governo Figueiredo, doutor João Batista Clayton Rossi (já falecido, o primeiro brasileiro entrevistado pela revista *Diálogo Universitário*), eram comuns e conhecidos em qualquer redação.

As mortes contíguas de Roberto Azevedo, Arthur Valle, Arnaldo Christianini e Kiyotaka Shirai, o afastamento de Ivan Schmidt e Odailson Spada para assessorias, longe das redações, a saída de Rogério Sorvillo do *Diário do Grande ABC* e a transferência da CPB para Tatuí, distante da grande imprensa, sepultaram um longo período de contato com a mídia impressa secular.

Valorização de meios massivos de comunicação como instrumentos de evangelização: (1984-1996)

Sua ousadia impressionou àqueles que conviveram com ele. Ele deu orgulho aos que presenciaram seu trabalho. Assad Bechara estava no Departamento de Jovens da sede sul-americana da Igreja quando Valle morreu. Como ele era doutor⁶⁸ em Comunicação Religiosa pela Universidade Andrews, a Igreja o nomeou à direção do Departamento de Comunicação. Os eventos eram o forte de Bechara, como os Dias das Mães, dos Pais e datas comemorativas. Ele trabalhou muito com grandes *outdoors*. O pastor Wolff relembra com satisfação haver levado esse material diversas vezes para a sede mundial, nos concílios anuais. A partir de sua gestão, a Igreja planeja investir mais nos meios de comunicação de massa como ferramentas evangelísticas. Assim, a televisão, o rádio e o alternativo *outdoor* passavam a centralizar o campo de trabalho da comunicação adventista.

Sorvillo acredita que existem pessoas que marcam a vida. Uma pessoa que o impressionou foi o pastor Assad Bechara. Ele conseguiu colocar cartazes, *outdoors* e comerciais da Igreja na Rede Globo. Nunca mais ninguém fez isso. Não tinham feito antes dele e não conseguiram fazer depois. Nos intervalos do Jornal Nacional havia uma chamada, uma propaganda da Igreja, de um evento. Na Vinte e Três de Maio, *outdoors* se espalhavam pelos lugares mais nobres de São Paulo. Sorvillo ficava fascinado. Bechara conseguia isso tudo com a cortesia das distribuidoras de mídia. Bechara deu a Sorvillo uma esperança como jovem de que ele poderia trabalhar na comunicação da Igreja. O publicitário sente saudades dessa época.

Segundo muitos daqueles que prestaram depoimento sobre esse período, Bechara era mais que um publicitário, era um homem de comunicação que sabia mobilizar uma situação e expor a Igreja na mídia. O projeto “Palmas pra você, mamãe”, de maio de 1984, foi o evento mais lembrado. “A primeira exposição que montamos na Igreja em Washington foi com o material sobre o ‘Palmas pra você, mamãe’. O Bechara foi o pioneiro, e talvez o único a lançar esses *outdoors* no continente”, sustenta Wolff.

As críticas que se dirigem à fase posterior ao pastor Azevedo sublinham a falta de interesse da Igreja em continuar o relacionamento com a mídia impressa secular. Na visão dos analistas desse momento de transição, a comunicação caminha de modo descompassado, sem rumo. A comunicação impressa transita, então, pela penumbra. “A mudança da CPB para Tatuí e o desligamento dos grandes centros diminuiu a presença da Igreja na mídia impressa. Ficou no ostracismo”, dispara Sorvillo. Enquanto a liderança tinha uma formação profissional específica, a base apalpava no escuro, sem sintonia, em desacordo com a dinâmica que se exige nessa área.

Mesmo levando-se em conta a ausência de profissionais atuando diretamente nos jornais e revistas e o envolvimento da liderança eclesial, a Igreja chegou a aparecer na mídia impressa. Spada aponta a repercussão do filme “Um Grito no Escuro”, de 1988, com a aclamada atriz Meryl Streep, no papel de Lindy, esposa do pastor australiano Michael Chamberlain (Sam Neill), cuja filha desapareceu num acampamento e lhes custou a condenação por ritual de magia negra. A respeito desses fatos, Spada concorda que a Igreja necessita de um serviço efetivo de assessoria de imprensa: “Há uma tendência nossa em tentar esconder essas coisas. Falta transparência. Isso piora a situação na opinião pública. Pega muito mal. A necessidade é a abordagem franca, consciente, mas sem falar qualquer coisa acima do necessário. Essa abordagem franca e consciente, traria uma recuperação da imagem da Igreja.” Orientando como a Igreja Católica trabalha com a mídia, monsenhor Arnaldo Beltrami explica:

A assessoria de imprensa é o departamento indispensável para realizar esta política de serviço aos comunicadores. Sua função é acompanhar o noticiário, pesquisar informações, viabilizar entrevista exclusiva, convocar para entrevista coletiva, preparar *release* necessário, atualizar listagem de profissionais e empresas de comunicação, organizar bancos de dados, estar sempre disponível para servir aos comunicadores com alegria, facilitando seu trabalho, com espírito evangelizador.⁶⁹

Em direção oposta ao modelo vigente, o jornalista Marcos Tosi, âncora e repórter da CBN Curitiba e assessor de imprensa da Federação dos Agricultores do Paraná (FAP), discorda da comunicação aplicada pela Igreja. Quando o conjunto norte-americano *Take Six* veio ao Brasil em 1995, a matéria de capa da Editoria Ilustrada da *Folha de S.Paulo* noticiou que por pouco o público do *Free Jazz Festival* não se converteu ao adventismo. Não houve necessidade de um *release* de assessoria. Pareceu até irônica a comparação com a história de Paulo tentando converter o rei Agripa, que respondeu: “Por pouco me persuades a me fazer cristão.” (Atos 26:28) Tosi, então, fuzila:

A Igreja como notícia é perseguir uma fábula. Você tem que primar pela sua imagem. Você não vai primar pela sua imagem enviando *release* o tempo todo. Você vai primar pela sua imagem melhorando a Igreja, corrigindo as distorções. Temos de mostrar que os nossos membros são a nossa notícia na comunidade. Pessoas íntegras, pessoas honestas. Essa deve ser a notícia. Dificilmente iremos emplacar a Igreja Adventista como matéria principal. Isso talvez um dia aconteça quando, por causa do sábado, a Igreja virar pauta. Ainda não somos pauta. Não tem como abrir caminho a fórceps.⁷⁰

Anísio Chagas: construtor de pontes

São 8h15 da manhã de 10 de agosto de 2004. Antes do início da entrevista com o pastor Anísio Chagas, ele atende uma chamada telefônica. É a Rádio Novo Tempo de Florianópolis e ele tem dois minutos para fazer a “Análise do Fato”. Em seu comentário, ele examina

a impunidade das autoridades diante de crimes sexuais. Há 48 anos trabalhando com comunicação nas mídias impressas, de rádio e televisão, Chagas só perde em tempo de trabalho para Elon Garcia (58 anos). Mesmo sendo contemporâneo de Azevedo e Valle, Chagas recebe citação apenas neste capítulo porque sua principal etapa de serviço com a mídia ocorreu de 1983 a 1988, como líder do Departamento de Comunicação da sede catarinense da Igreja Adventista. Aposentado desde então, Chagas nunca perdeu o contato com a imprensa secular nem com as autoridades públicas. Ele sempre procurou construir pontes e não levantar muros.

Graduado em Teologia na turma de 1961 do IAE, Chagas seguiu para o Recife. Na capital pernambucana, em 2/11/1962 levou um coral ao cemitério para cantar no Dia de Finados. Avisou a imprensa e uma emissora de TV cobriu o fato, convidando-o para dirigir um programa. Este foi o primeiro passo de Chagas pela comunicação. Na área impressa sempre escreveu artigos a respeito das necessidades do ser humano, relacionando-os aos interesses da comunidade. Chagas ainda procura estimular o leitor à reflexão. Após sete anos no Nordeste, Chagas recebeu novas responsabilidades no Rio de Janeiro, onde se tornou membro da Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP) em 2/8/1971. Ele não tinha formação superior na área, mas foi aceito com base em seu currículo e experiência. Um doutor da PUC do Rio que liberou sua filiação à ABRP, assinou o documento após dizer que “um pastor merece confiança”.

Chagas revela que não era só Azevedo a única vítima das críticas contra “esse negócio de publicar fotos e informar” a imprensa secular. Muitos ainda admitiam que isso poderia abrir caminho para a perseguição. Viver no anonimato era melhor do que precipitar retaliações do governo. No Rio de Janeiro, ele fazia os textos e Azevedo fotografava. Quando quis estudar Comunicação, a liderança da Igreja não permitiu. Era pecado estudar. Quando Chagas quis fazer um mestrado nos Estados Unidos, a Igreja indeferiu a solicitação por causa de sua idade. Então ele se agarrou ao autodidatismo em casa, com uma ponta de tristeza. “No passado, e ainda perdura hoje,

nem se falava em jornalismo. No meu ponto de vista, todo diretor de Comunicação, pelo menos das Uniões, deveria ser um jornalista. Aí sim! Mas enquanto perdurar o empirismo, nada de bom e especial acontecerá”, prevê Chagas.

Atualmente, Chagas é conselheiro da Associação Catarinense de Imprensa e escreve para o jornal de bairro *Fique Esperto*, de São José, na periferia de Florianópolis. Sua colaboração se resume a artigos sobre a família, drogas, datas comemorativas, antitabagismo, temas cristocêntricos e sociais. Regularmente se encontram artigos de Chagas em *O Estado*, *A Notícia Capital* ou no *Diário Catarinense*, jornais em que manteve uma coluna opinativa semanal por cinco anos, de 1986 a 1992, mesmo tempo de colaboração com a *Zero Hora* de Porto Alegre. Em 1989, ele recebeu uma carta do leitor Anderson Silva, de Florianópolis, que o elogiava:

Parabéns ao jornal *O Estado* pela frequência com que tem publicado artigos assinados pelo pastor Anísio Chagas, da Igreja Adventista em Santa Catarina... Não sou adventista, mas leio e admiro os artigos do pastor Anísio por sua mensagem inspiradora a mostrar que nem tudo está perdido e que a fé ainda pode tornar a vida suportável... Mais do que nunca, o mundo precisa ouvir a Palavra de Deus.

Ao especificar suas técnicas, Chagas repete que sempre escreveu no contexto das necessidades do presente, adequado à realidade social. Um dia ele escreveu sobre ecologia e um colega pastor o criticou, achando que falava a favor da nova era. Chagas lhe respondeu que a ecologia é bíblica, que Deus mandou preservar a natureza, os animais e a flora. Ele julga que por não conhecer certos assuntos, muitos se escandalizam. Ilustrando um artigo que repercutiu positivamente na mídia, Chagas narra que escreveu um texto, às vésperas das eleições de 1989, sobre o dever de todos votarem e que ninguém deveria se abster do voto:

Eu usava o seguinte pensamento: “Os maus políticos são eleitos pelos que não votam.” E citei um pensamento de Bertolt Brecht sobre o

analfabetismo político (é até um crime o indivíduo deixar de votar). O cristão tem de participar. O voto é uma arma que temos na mão. Este artigo foi lido nas vésperas das eleições e divulgado em todo o Estado. Ele foi lido nas rádios. Eles ficaram admirados de um pastor tratar de um assunto tão importante. Eu não fiz nenhum esforço para dar aquilo. Aquilo repercutiu bem na imprensa. Sempre evitei abordar temas que colocassem em cheque nossas doutrinas, que dessem uma ideia negativa da Igreja.

Em 7/8/2000, a comunidade expressou seu reconhecimento pelo papel de Chagas na sociedade catarinense. O deputado estadual Gilmar Knaesel, presidente da Assembleia Legislativa, lhe conferiu o Diploma de Honra ao Mérito, “homenagem da Assembleia Legislativa de Santa Catarina ao pastor Anísio Rocha Chagas, pelos relevantes serviços prestados nas áreas social, educacional e espiritual à sociedade catarinense”. Chagas destaca que redigiu para a imprensa catarinense mais de 400 artigos. Nova expressão de gratidão viria em novembro de 2003. Desta vez, das mãos do próprio governador Esperidião Amim, que lhe outorgou o “Relatório do Governador: Santa Catarina, o Bom Exemplo”. Nele, a seguinte dedicação: “Para o meu grande amigo e conselheiro pastor Anísio Chagas: aqui estão alguns dos resultados dos esforços que contaram, sempre, com seus conselhos.”

Vitrines da mídia

A ditadura chegou ao fim em 1985, e a abertura não se sucedeu apenas no campo político, mas também na imprensa. Não demorou muito para a Igreja se tornar vitrine do preconceito antirreligioso vindo das redações. Por ocasião das eleições de 1986, os adventistas receberam injúrias e a acusação de antipatriotismo por se recusarem a votar no sábado. O colunista Roberto Pompeu de Toledo, da revista *Veja*, teceu duras críticas à Igreja pela crença no advento de Cristo. Os pastores Assad Bechara e Davi Moróz (presidente da Associação Paranaense) rebateram as torpes considerações de Toledo enviando cartas à redação

da revista. Todavia, suas cartas receberam o crivo da edição leviana a fim de evitar o descontentamento da Igreja e sua resposta. O jornalista e escritor Elizeu Lira fica surpreso e deveras indignado com a ignorância obtusa de alguns setores da imprensa com relação à Igreja. “Até mesmo excelentes jornalistas como o Roberto Pompeu Toledo, da *Veja*, têm embarcado nessa canoa furada. Essa mania de nos rotularem de seita e de ‘catastrofistas’. Aquela matéria de Toledo, um ensaio em que ele nos agrediu sem piedade, está até hoje entalada na garganta”, revolta-se.⁷¹

Mas o fato que mais conquistou a atenção da grande imprensa se daria em 3/5/1987. Autores dos livros de Ciências da CPB, o doutor Admir Arrais de Matos e a professora Nair Ebling se tornaram alvos da mais vil e cruel difamação no caderno de Educação e Ciência da *Folha de S.Paulo* (A-27). Sob o título “ADVENTISTAS TÊM OBRA CRIACIONISTA DESTINADA AO ENSINO”, o repórter ironizava o fato de a “instituição” (CPB) considerar o evolucionismo um ato de “fé”. “Livro é uma mostra de fanatismo religioso”, atacava o professor Antonio Brito da Cunha, do curso de Biologia do Instituto de Biociências da USP. Na página A-26, duas matérias mais equilibradas, dando conta que “Assessoria da CNBB diz que evolução dos seres vivos é aceita pela Igreja”. Abaixo, uma pesquisa da própria *Folha* mostrava que 68% dos católicos entrevistados eram criacionistas, abalizada pela matéria “Maioria dos paulistanos não crê na teoria do evolucionismo”. Na edição de maio e junho deste ano da *Revista Ciência e Cultura*, os professores Matos e Cunha se digladiavam num debate em torno do livro. Diante das virulentas críticas de Cunha contra os criacionistas, Matos e Ebling não se intimidaram, devolvendo resposta à altura, fato que se repetiria em 2003 envolvendo o jornalista Michelson Borges, da CPB, no *site* do *Observatório da Imprensa*.

Retorno aos impressos e estruturação acadêmica: (1996-2003)

Segundo Alberto R. Timm⁷², a Igreja realizou grandes esforços para conservar a ordem missionária natural nos anos de 1970. Analisando as três últimas décadas do século XX, ele registra a presença crescente de debates polarizados entre liberais e conservadores dentro da Igreja Adventista. A geração de profissionais da imprensa que surgiu neste período sofreria a maior carga de preconceito, resultado de uma cultura que se estruturou durante os anos de repressão política. Tosi categoriza essa situação como reflexo da sociedade brasileira e compara:

Apesar de sermos numericamente significativos no Brasil, nós ainda funcionamos como se fôssemos uma pequena província, com meia dúzia de publicações, com pouco espaço para discussões. Nunca é ruim o debate e a pluralidade de ideias. É discutindo os problemas da Igreja que crescemos. A Igreja, no sentido editorial, é bastante conservadora no Brasil. Pelo menos no que ela publica. Não é só um reflexo da Igreja, é um reflexo da nossa sociedade, também.

A primeira vez em que o jornalista Ruben Holdorf presenciou uma manifestação de censura à imprensa ocorreu no pátio do Centro Educacional Adventista de Curitiba, porão da Igreja Central, em 1973. Ele jamais esqueceu a cena do diretor segurando um exemplar do jornal *Tribuna do Paraná* e proibindo sua leitura na escola. Dois alunos se

desentenderam com os professores de Língua Portuguesa e Geografia. Ambos procuraram a redação do jornal e denunciaram os professores. O repórter praticou o mau jornalismo, pois não consultou a outra parte e desferiu inverdades na matéria, sem qualquer prova. O jornal errou porque não apurou os fatos. A Igreja errou porque preferiu permanecer no anonimato. Não havia um trabalho efetivo de assessoria para defendê-la de injúria, difamação ou calúnia. Uma incoerência neste caso: o Departamento de Educação pressionou a escola para demitir os professores. A reportagem serviu de referencial para o proprietário do Colégio Barddal contratar o professor de Língua Portuguesa. Para o professor de Geografia foi a pá de cal na sua carreira na rede adventista. O professor de Língua Portuguesa morreu num acidente na Rodovia Régis Bittencourt. O professor de Geografia virou funcionário da Companhia Paranaense de Energia - Copel.

Na visão dos céticos do exercício profissional na imprensa, ser jornalista significava se colocar em oposição à liderança da Igreja. Sem qualquer apoio para estudar Jornalismo, sem fundamentação consistente para rebater as filosofias arraigadas nas universidades públicas, os estudantes adventistas singraram sem qualquer tipo de amparo e sustentação as vias acadêmicas e das redações. Três características de natureza secularista se distinguem nessa geração: o nacionalismo; o antiamericanismo e o espírito crítico em relação à liderança da Igreja; por outro lado, três facetas se fortaleceram com aquelas que mantiveram o senso de missão: a luta pela liberdade de expressão e consciência; o dever urgente de missão concorrendo com os poderes políticos contrários à Igreja; e o desejo de impedir que a Igreja se dilacere internamente. Citando Gilles Lipovetsky a respeito dos efeitos da sociedade pós-moderna sobre a Igreja, Carlos Cerdá ratifica que “a saúde moral da sociedade permanece sob o controle dos meios de comunicação de massa”.⁷³ Essa infinita gama de informações transforma os indivíduos em seres superficiais, indiferentes, moralmente vazios e permissivos. Cerdá assegura ainda que a cultura do consumo estimula a criação de pessoas egoístas, hedonistas. Daí os riscos do nacionalismo, já

apontados por Knight. O individualismo antissolidário promove a falta de confiança. Neste caso se verifica o crescente descrédito da imprensa diante da sociedade. Em outro sentido, ao invés de a mídia aproveitar essas críticas e tentar recuperar o espaço perdido, ela acentua a crise imputando a culpa pela decadência moral, social, econômica e política ao próprio cidadão. Diante desse quadro, avoluma-se o número de pessoas que boicotam a mídia.⁷⁴

Devido à forte influência de modelos técnicos dos Estados Unidos sobre as redações brasileiras, muitas das conclusões apresentadas em pesquisas realizadas lá podem ser contrastadas e aplicadas aqui. O jornalista e estudioso dos efeitos da comunicação de massa, James Fallows, descreve que “os americanos acham que o jornalismo se tornou arrogante, cínico, escandaloso e destrutivo”.⁷⁵ Outra particularidade defendida pelos jornalistas, e que as pessoas não compartilham, indica “que os repórteres mais reconhecidos são menos religiosos do que a maioria do público, são mais liberais”.⁷⁶ Conforme a análise inferida acima, os jornalistas com formação secularista correm sérios riscos do desprezo público e são mais suscetíveis às pressões externas. Noblat, por exemplo, lança dúvidas sobre a capacidade profissional de jornalistas com “crenças inabaláveis e rígidas posições diante da vida”, evidenciando discriminação e uma incoerência das mais estúpidas aos dedicar um capítulo de seu livro “em louvor a frei Damião”.⁷⁷ Kovach e Rosenstiel⁷⁸ expressam como desilusão pública um jornalismo que se concentra nos interesses especiais da elite. O jornalismo praticado pelos adventistas não é diferente. Se ele não partir do princípio de missão, não há sentido em empregar esforços e investir milhares de reais em uma tarefa sem objetivos e retorno.

Esta fase marca a volta da Igreja aos impressos. O pastor e jornalista Siloé de Almeida gerenciava a comunicação na América do Sul. Há mais de dez anos a Igreja se afastara das redações de impressos, a não ser pela ação isolada dos pastores Anísio Chagas, Ítalo Manzolli, José Alfredo Torres, Walter Streithorst e Derly Gorski, ou proprietários de pequenos jornais, como José Maria de Lima, de *A Cidade de Conchal*, desde 1980.

Almeida aprofundou os contatos e a conquista de novas fontes, dinamizando o trabalho de relações públicas, incentivando os pastores a cursar Comunicação Social. No entanto, sua preferência pelas mídias massivas de rádio e televisão continuou relegando pouco valor aos impressos. Deve-se considerar a importante participação de Almeida no processo de criação e autorização dos cursos de Jornalismo e Publicidade no Unasp. Outro colaborador foi Chagas, cuja amizade com autoridades estreitou o contato com o professor Lauro Ribas Zimmer, do Conselho Federal de Educação, que auxiliou no estabelecimento do Unasp como centro universitário. Ele advoga a tese que se deve ter uma Teologia da Comunicação. Quando as coisas são colocadas num plano teológico, o que consta nas Escrituras, as motivações são melhores. Calculando o poder da comunicação, White esclarece que “descobrir-se-ão meios para alcançar os corações. Alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram usados na mesma no passado”.⁷⁹

Holdorf considera 1.º/5/1996 a data do retorno da Igreja aos impressos, diante da repercussão de seu terceiro artigo no jornal *O Estado do Paraná*. Neste artigo, ele analisava as tendências políticas e econômicas que poderiam conduzir o governo dos Estados Unidos a legislar sobre questões religiosas, como a promulgação de uma possível lei dominical. A respeito deste assunto, pretende-se discorrer mais adiante. Dois fatos contribuíram para determinar este ano como o marco-zero da estruturação acadêmica e da volta aos impressos. No início do ano, o doutor Matos, diretor acadêmico do IAE, contactou Holdorf na Universidade Federal do Paraná, onde ele lecionava. Segundo Matos, Holdorf era o primeiro e talvez o único professor de Jornalismo no país. Ele solicitou seu currículo com o objetivo de enviar ao MEC o processo para abertura do curso de Comunicação Social. Prontamente Holdorf aceitou e lhe encaminhou os documentos. Aquele telefonema, atendido na Coordenação de Jornalismo, despertou a curiosidade da secretária. Ela confessou que estava afastada da Igreja há dez anos, mas tinha o desejo de voltar ao convívio com os irmãos de fé. O professor lhe perguntou o que ela estava esperando acontecer. Dois anos depois,

na Igreja do Pilarzinho, Holdorf teve o privilégio de cumprimentá-la, rebatizada e congregando naquela sede distrital. O segundo fato se tornou visível à comunidade curitibana com a maciça divulgação na imprensa dos 100 anos da educação adventista no Brasil.

Outro ponto a se considerar neste capítulo se refere ao nascimento da mídia internet. Em 1997 muitos já conheciam esta ferramenta de comunicação, mas pouquíssimos já a manipulavam de modo jornalístico. Assim, quando o diretor executivo do *site* dos jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná* designou a Holdorf a tarefa de assumir o *Paraná Online*, mal sabia ele que se tornaria o primeiro editor *online* da história da empresa e muito menos o primeiro adventista na função em todo o Brasil. Knight comenta esta nova etapa, calculando que “o fim dos anos 1990 viu a Igreja mover-se em direção a áreas estratégicas de expansão como a internet... Ainda não se divisaram todas as possibilidades, nem... o emprego criativo da tecnologia de computador e satélite”.⁸⁰ No *site*, ele instituiu três editorias: Arqueologia, Educação e Ciência. Em Arqueologia, artigos dos doutores Siegfried Schwantes, Paulo Bork, Rubén Aguilar, Lawrence Geraty e John Carter desfilavam pelo mundo inteiro. Em Educação, ele selecionava textos de White e os publicava com os devidos créditos e autorização da CPB. E em Ciência, ele usava os artigos da revista *Diálogo Universitário*. As colunas duraram o tempo em que ainda atuou no grupo. No início de 2003, eles o contataram para republicar a Editoria de Arqueologia.⁸¹ De março a novembro os artigos saíram com fotos e chamada na primeira página. “Aliado a esse esforço, a última parte da década de 1990 viu a denominação utilizar a tecnologia da internet para propagar sua mensagem”, afirma Knight.

Este artigo não está se desvirtuando de sua temática central ao analisar a internet. Esta mídia se conecta intimamente aos impressos. E a Igreja, em alguns lugares, já percebeu o potencial da internet. Pessinatti ressalta a importância da internet, apontando que “a luta maior, em escala planetária, tem como objetivo o domínio dos três grandes setores industriais: computadores, televisão e telefonia – que convergem, em última instância, na internet. A Igreja (*Católica*), como instituição

mundial, não poderá estar fora desta luta”.⁸² E muito menos os adventistas do sétimo dia, que têm a obrigação de perceber o grande valor da internet. Durante palestra no VII Fórum Nacional de Professores de Jornalismo,⁸³ o doutor Nelson Traquina, professor da Universidade Nova de Lisboa, salientou que 93% da informação no mundo se encontra armazenada na internet. Logo, Holdorf ressalta a importância do contato da Igreja com o ambiente digital. Em palestra proferida ao *Comunique-se*, o doutor Nilson Lage, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, respondeu à coletiva com os internautas, que falta ao jornalismo impresso no Brasil atualizar a tecnologia envolvida.⁸⁴

Geração 1990

Os anos de 1990 se iniciaram com outra surpresa, o batismo de estudantes de Jornalismo e de profissionais da imprensa.⁸⁵ Um dos casos mais notáveis, com certeza, é o do redator da CPB, Michelson Borges. Formado pela UFSC, sua primeira experiência aconteceu na Rádio Novo Tempo de Florianópolis e como editor do jornal acadêmico *Zero*. Orientado por Lage, seu projeto de conclusão de curso, em 1995, na categoria livro-reportagem logrou a nota máxima da banca e serviu de base para o livro “A Chegada do Adventismo ao Brasil”, da CPB.

A primeira oportunidade de escrever para a mídia impressa se divisou quando ele conheceu Holdorf no jornal *O Estado do Paraná*. Ele desejava trabalhar na CPB, mas não tinha nada publicado na imprensa. Holdorf lhe solicitou algum material e Borges lhe enviou dois artigos:

Na época, o Ruben (*Holdorf*) publicou, em duas páginas, no caderno Bom Domingo, um artigo de minha autoria sobre criacionismo. Algum tempo depois, no mesmo jornal, saiu um artigo meu comentando as fragilidades da astrologia. Recentemente, escrevi alguns artigos sobre a abordagem que os meios de comunicação fazem da Bíblia e de Jesus Cristo. Esses textos foram publicados no *site* www.observatoriodaimprensa.com.br.⁸⁶

No dia seguinte ao artigo criacionista, um leitor enviou uma mensagem elogiando o conteúdo. Normalmente um artigo desse calibre não seria publicado, mas Holdorf orou muito antes de entregá-lo ao editor. O texto abria com uma passagem bíblica e fechava com uma declaração de Ellen White. O editor mostrou o artigo ao setor de arte que providenciou uma ilustração, fazendo com que o material de Borges ocupasse duas páginas centrais inteiras. Meses depois, Borges se tornou o primeiro jornalista, sem o diploma de Teologia, convidado a fazer parte da equipe de redatores da CPB.

Quando Amarildo Augusto se graduou na Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes, em 1992, ele não era adventista. Após transitar pelas redações do *Diário de Mogi*, *Diário de Suzano*, *Diário Popular* de São Paulo, assessoria de imprensa do Sindicato dos Hospitais de São Paulo, Rádio CBN São Paulo e jornal *Mogi News*, Augusto conheceu o Evangelho pela sua filha que estudava na Escola Adventista e se batizou em 2000:

No último ano de *Mogi News*, em 2002, eu procurei testemunhar sempre com o meu trabalho. A cada pauta que eu recebia, procurava uma forma de fazer isso. Claro que nem sempre era possível, mas algumas vezes dava. De uma forma mais explícita, eu usava meus contatos para colocar matérias sobre eventos da Igreja. De modo mais sutil, eu procurava sempre abordar de forma especial os temas delicados que cobria.⁸⁷

Augusto se lembra de quando recebeu...

Uma pauta sobre o aparecimento de uma “santa” no vidro da janela de uma família de católicos. O assunto ganhou repercussão em todo o país e milhares de pessoas iam para a casa daquelas pessoas a fim de ver a tal santa. Fiz a matéria, procurando mostrar nas entrelinhas o erro que aquelas pessoas estavam cometendo ao adorar uma imagem. Orei muito antes de escrever o texto.

O pouco tempo de adventismo não impediu que Augusto percebesse o preconceito contra jornalistas. Ele cita como exemplo a ausência

de adventistas de algumas regiões do País durante o I Congresso Sul-Americano de Comunicação realizado em julho de 2003, no Unasp. No início de 2003, Augusto chegou ao Unasp para somar forças ao corpo docente do curso de Jornalismo. Sua esperança é a de que, a partir da formação de jornalistas-pastores ou pastores-jornalistas, “dentro de uns quatro ou cinco anos a visão da Igreja em relação aos jornalistas tenha mudado bastante”. A respeito do assunto, o jornalista Guilherme Silva não acredita que exista preconceito na Igreja, mas “talvez seja um grande desconhecimento da atividade jornalística. Esse desconhecimento, às vezes, leva a opiniões equivocadas sobre o papel da comunicação e os investimentos que devem ser feitos nessa área”.⁸⁸

Com um talento direcionado à imprensa correndo nas veias como nenhum outro, em 1981, Elizeu Corrêa Lira conseguiu aprovação para Jornalismo no vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo, mas preferiu cursar Teologia no ENA. Formou-se no IAE. De 1991 a 1996, foi editor na CPB. Detentor de um texto refinado e faro investigativo ímpar, ele perseguiu o diploma até conquistá-lo em 2002, na Faesa, em Vitória, Espírito Santo. Segundo Lira, seus vínculos com a imprensa escrita vêm de longa data, desde os 12 anos de idade, em 1969, quando participava ativamente do suplemento semanal infantil “*Gazetinha*”, do jornal *A Gazeta de Vitória*.

Durante sua graduação em Jornalismo, houve algumas ocasiões em que Lira teve uma atuação mais intensa junto à imprensa secular, como na época do lançamento de seu segundo livro (“Uma Nova Ordem Mundial - O Governo da Nova Era”, CPB, concorrente em 2000 ao Prêmio Jabuti) e, posteriormente, participando de debates com outros jornalistas e especialistas em diversas áreas numa rádio de Vitória. O telejornal local do SBT o entrevistou por quase cinco minutos, com perguntas sobre o conteúdo e implicações de seu livro. A âncora soube direcionar a pauta exatamente em cima dos aspectos atualíssimos abordados nesta obra e suas implicações com a nova ordem mundial, questões da política internacional, globalização econômica e religiosa. Como ele estava na metade do curso de Jornalismo, houve uma

repercussão muito positiva entre os colegas de faculdade. No tocante à Igreja, surgiram muitos comentários e elogios à referida reportagem. Logo após o 11 de setembro de 2001, Lira se tornou uma “referência local” no campo religioso, na abordagem dessas questões sob o molde profético, vindo assim a colaborar com revistas religiosas de outras denominações. O preconceito contra jornalistas provoca asco em Lira, e ele não titubeia em alertar que “infelizmente, dada a ignorância sobre esta área demonstrada por boa parte de nossos líderes, muitos dos pastores e membros de nossa Igreja ainda alimentam uma grande dose de preconceito contra os estudantes e profissionais desta área”. Lira demonstra otimismo com a criação do curso de Jornalismo do Unasp, “mas, de certa forma, creio que a Igreja não acordou ainda para a importância da Comunicação Social no cumprimento de sua missão”.

Santa Catarina vem se tornando um celeiro de novos jornalistas, animados com a experiência e testemunho de Chagas, Borges e de outro conterrâneo, Ivan Schmidt. Felipe Lemos se graduou no final de 2004 na Unisul, mas já carregava uma experiência de dez anos no currículo. Antes de se transferir para Florianópolis, Lemos exercia as funções de repórter e fotógrafo dos jornais *O Progresso* e *Ibiá*, de Montenegro, Rio Grande do Sul. Antes de ser contratado como assessor de imprensa da sede da Igreja para o Sul do Brasil, ele foi assessor de imprensa na área empresarial e colaborou com o *Observatório da Imprensa*. “Enquanto assessor de imprensa, obtive espaço em diversos veículos de comunicação de Santa Catarina para divulgar as atividades da Igreja com eventos de desbravadores, saúde, família e jovens”, expõe Lemos, animado.⁸⁹ No primeiro semestre de 2004, a imprensa cobriu os festejos dos cinquenta anos da Escola Adventista de Florianópolis. “É importante frisar que a divulgação não envolveu quaisquer custos adicionais à Igreja, pois transformamos o evento em notícia de interesse dos veículos”, garante. Lemos não acredita em preconceito contra jornalistas, mas adverte que “a liderança que ainda não reconhece a importância da comunicação vai contra Ellen White, Bíblia e contra Deus, que sempre se valeu de meios de comunicação para levar informação rápida e útil à humanidade”.

O nome mais comentado da geração 1990 em atividade no mercado jornalístico é, com certeza, Marcos Garcia Tosi, primo de segundo grau de Elon Garcia. Tosi se formou na UFPR em 1996, mas já tinha antecedentes num jornal de Joanesburgo, na África do Sul, e como editor-chefe da Rede OM de Comunicação, atual Central Nacional de Televisão (CNT), em Curitiba. Desde 1996 atua na CBN Curitiba e como assessor de imprensa da FAP.

Diversos nomes foram citados e pautados para serem pesquisados e apurados seus históricos. Porém, fica aqui apenas o registro dos nomes: Nádia Barata, que trabalhou no *Correio Fluminense* de Niterói, indicada pelo pastor Pinheiro; Patrícia Stabenow, ex-redatora da Voz da Profecia, cujo nome aparece numa notícia da *Revista Adventista*; José Luís Siqueira, ex-redator da CPB e graduado pela UFMG; Paulo Kol, ex-redator da CPB; Sérgio Antoniazzi, ex-redator da CPB, hoje no *Vida Integral*, em São Paulo; Sueli Parente, assessora de imprensa na capital bandeirante; Genival Mota, professor de Ética e Legislação em Jornalismo na Uniderp, Campo Grande, MS; Ellen Ramos, também de Campo Grande, atua com seu esposo, Daniel Gonçalves, em Florianópolis; Heron Santana, ex-repórter do *Jornal do Commercio*, ex-produtor da CBN do Recife, ex-assessor de imprensa do Incra, atualmente na assessoria de imprensa da União Nordeste-Brasileira; Ronaldo Nezo, âncora da CBN/Maringá; e Cristiano Stefenoni, do jornal *A Gazeta*, em Vitória.

Enaltecendo a necessidade de artigos serem escritos para publicação na imprensa secular, White admoesta quanto àqueles que não veem sentido nessa relação da Igreja com a mídia:

Os homens darão impressão errônea das doutrinas que cremos e ensinamos como verdade bíblica, e é necessário que sejam feitos sábios planos que nos assegurem o privilégio de inserir artigos na imprensa secular, pois isto será um meio de despertar almas, para que vejam a verdade. Deus suscitará homens que terão a capacidade de semear ao lado de todas as águas. Deus proporcionou grande luz sobre importantes verdades, e ela tem de ir ao mundo.⁹⁰

Em 1955, a Comissão Administrativa da Igreja Adventista no Norte do Brasil votou uma resolução na qual os pastores deveriam ser estimulados a publicar artigos, aproveitando todas as oportunidades para divulgar o trabalho desenvolvido pela organização.⁹¹

Novos rumos

Em dezembro de 1991, Holdorf havia concluído o segundo ano do curso de Jornalismo e era repórter do jornal *Folha da Vizinhança* e do *house organ Novo Comunicador*, da sede sul-paranaense da Igreja. Nesse mês ocorriam as reuniões trienais da Igreja e o pastor Luiz Alberto Nadaline, diretor de Comunicação, incumbiu-o de fazer a cobertura do evento. Durante a entrevista com o doutor Eliseu Menegusso, “relações públicas” do IAE, Holdorf lhe perguntou se a instituição pretendia abrir o curso de Comunicação. Ele lhe respondeu que isso dependia do seu apoio. Sete anos mais tarde, Bechara, Sorvillo e Holdorf participavam da comissão sabatinada pelos representantes do MEC para a autorização dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda no Unasp.

A estruturação dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp se baseou em critérios pouco profissionais e academicamente deficientes se contrastados com outros cursos e as exigências mínimas de mercado. Na realidade, não há explicação plausível para a autorização de um curso natimorto, cujas ementas estavam incoerentes, a grade curricular incompatível e defasada, sem qualquer estrutura física preparada para iniciar suas atividades. Pinheiro fez parte da comissão que avaliou a implantação de Comunicação e, na ocasião, achou “que os membros não tinham uma visão clara das implicações de um curso dessa natureza”. Até seu reconhecimento, com nota máxima, por mais cinco anos, em julho de 2004, parte dos redatores da CPB ainda duvidava que o curso pudesse continuar funcionando no Unasp.

A primeira vez em que Holdorf participa do processo seletivo da UFPR para Jornalismo, não logra êxito. O primeiro-ancião da Igreja de Vila Camargo,⁹² em Curitiba, aproximou-se dele e, sem rodeios,

admitiu estar feliz com o resultado do vestibular. Afinal, Jornalismo não era profissão para adventista. Era o ano de 1981.

Sua ascensão no jornalismo foi rápida. Visualizando o passado, ele tenta refletir a respeito dos fatos sucedidos com muita velocidade. Ficou dez anos sem seguir uma rota planejada. Ao mesmo tempo, ele acredita que essa demora solidificou sua experiência com a vida, com as pessoas, detalhes tão ausentes nos repórteres que saem das universidades para as redações. Ele cursava Língua Árabe na UFPR quando recebe um telefonema do jornal *O Estado do Paraná* para ocupar uma vaga na revisão, em 22/9/1994.

Mal chega e, em 22/11, já concorre ao Prêmio Esso de Jornalismo. “O repórter fotográfico Valterci Santos e o jornalista Ruben Dargã Holdorf, da *Tribuna* e *O Estado do Paraná*, foram pré-selecionados para o Prêmio Esso de Jornalismo 1994”, noticiava o jornal.⁹³ No dia seguinte, o vereador Mário Celso Cunha aprova uma Moção de Aplausos para ambos. Em seguida, Holdorf abre duas colunas sobre saúde e política com o jornalista Milton Soares. Mesmo sendo um revisor, em sua carteira profissional constava que ele era repórter do jornal. Assim, ele aproveita a oportunidade e produz matérias como “O Getsêmani curitibano”,⁹⁴ sobre o Jardim de Jesus, parque até então desconhecido na cidade; “Os enganadores, os omissos e os bobinhos”,⁹⁵ criticando o âncora do programa 25.^a Hora, da Record, por mentir ao afirmar que respeitava todos os Mandamentos de Êxodo 20; “Rock in Church”,⁹⁶ no qual apontava as contradições da presença do ritmo *gospel* nas igrejas evangélicas; “Aids, o problema é outro”, que preenche uma página inteira no caderno Bom Domingo; e “Adventistas torturados e mortos na Rússia”,⁹⁷ reportagem traduzida para a Editoria Exterior.

Holdorf permanece apenas um ano como professor do curso de Jornalismo na UFPR. No último dia de contrato, 28/3/1996, vai ao Teatro do Sesc da Esquina receber o Prêmio Sangue Novo do Jornalismo Paranaense. A *Revista Adventista* de maio de 1996 (p. 19) noticiou que “Adventista recebe prêmio jornalístico”. Os grandes trunfos muito bem-aproveitados no período em que trabalhou no Grupo

Paulo Pimentel sobreviveram quando o diretor de redação, Carlos Roberto Tavares (Charles), oportuniza-lhe a chance de assinar artigos na página 2, de Opinião. Seus textos expressavam análise e duras críticas aos executivos federal, estadual e municipal. Envolve-se também com assuntos internacionais, principalmente a respeito dos Estados Unidos, Vaticano e Israel. Ele sempre procurava variar as abordagens, ora caminhando pela educação, ora pela economia. Contudo, a mais importante bandeira de luta era em prol da liberdade de expressão e consciência. Ele policiava diariamente toda e qualquer matéria vinda das agências internacionais de notícias.

A primeira vez em que tocou um alerta em *O Estado do Paraná* sobre o poder norte-americano se deu em 3/3/1996, no artigo “Quintal dos ianques”. O segundo artigo chegava como um pedido especial do próprio Charles. “Lei Dominical nos EUA?” saiu em 1.º/5. Era uma quarta-feira, feriado e, muito provavelmente, ninguém iria adquirir o jornal nas bancas. E, por ser feriado, muitos dos assinantes não o leriam. A praia estava mais convidativa. Ledo engano. Na quinta-feira, centenas de leitores importunaram a redação. O telefone não parou um minuto sequer. Em cinco anos e três meses de jornal essa foi a única ocasião em que a edição se esgotou por completo. Não sobrou um único exemplar no arquivo. Desde o assassinato do presidente John F. Kennedy, em 1963, *O Estado do Paraná* não contabilizava cem por cento de circulação. No artigo, Holdorf analisava os contextos sociais, econômicos e políticos que forçariam os Estados Unidos a legislar em causas religiosas, maculando a Primeira Emenda. Em momento algum ele citou os adventistas ou criticou os católicos. Tratou-se de uma reflexão histórica.

A avalanche de contatos continuou por um ano, até maio de 1997, quando ele recebeu o derradeiro comentário sobre o artigo em um telefonema de Maceió. Antes, vários pedidos de cópia do texto chegavam de Florianópolis, São Paulo, interior do Paraná e até dos Estados Unidos. Dois meses depois, em 2/7, a coluna do leitor publicou uma carta, que mais parecia um artigo, de Pedro Martins Pereira. Ele usava na íntegra parte de seu artigo, sem citação, como se fosse o autor

original. Não foi difícil descobrir quem ele era. O secretário de redação entregou a Holdorf sua carta, na qual Pereira assinava como pastor adventista em Campo Mourão, Noroeste do Paraná. Então, Holdorf providenciou uma carta ao pastor Valdilho Quadrado, então presidente da Federação Norte-Paranaense da Igreja Adventista do Sétimo Dia:

Venho por intermédio desta protestar contra a atitude antiética do pastor da igreja de Campo Mourão, Pedro Martins Pereira, que enviou ao jornal *O Estado do Paraná* artigo de minha autoria, em seu próprio nome, sendo essa publicada na coluna do leitor “Mural”.

O senhor Pedro Pereira, como teólogo, deveria conhecer a extensão e a profundidade dos conceitos inseridos no oitavo Mandamento da Lei de Deus, que inclui o plágio. Ele poderia ter feito um comentário sobre o tema em evidência, o que teria repercutido muito melhor, mas nunca usar o editorial publicado dois meses antes, literalmente e em partes, e ainda assiná-lo como autor do artigo.

É bem verdade que o responsável pela seleção do material a ser publicado também falhou, mas como adventistas devemos dar exemplo de integridade em todos os sentidos. Isso me causou problemas e gerou deboches contra o pastorado de nossa Igreja, dentro da redação do jornal *O Estado*. Acabei sendo questionado quanto à honestidade de “um pastor adventista” que, indevidamente, não aprendeu como se relacionar com a imprensa secular.

Abaixo da assinatura, ele escreveu a observação de que “minhas fontes para esse assunto estão bem vivas, pois evito me basear só em provas bibliográficas”. Antes desse lamentável episódio, o pastor Melchíades Soares, diretor de Comunicação da União Sul-Brasileira, advertiu-o, frisando que Holdorf “estava cutucando a onça com vara curta”. Uns rotulavam o artigo como sensacionalista, outros como produção irresponsável. O apoio chegou dos membros da Igreja, professores da Escola Adventista e amigos jornalistas, inclusive não-adventistas. Spada e Schmidt aprovaram a iniciativa. Spada orientou e estimulou-o a aproveitar ao máximo essa oportunidade. O diretor de redação lhe perguntou se não havia “mais um desses no estoque”. Afinal, não era

sempre que se vendia toda uma tiragem. O jornalista Milton Soares, colega de coluna, segredou que sua visão escatológica indicava a China como futura potência, mas a leitura do artigo o fez refletir e renovar conceitos. A semente estava plantada.

Logo depois desses incidentes, Holdorf quase migrou em definitivo para a Editoria de Esportes, onde permaneceu meio ano como assistente do caderno preparatório para os Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos. Ele confessa que ficou assustado com a reação do pastorado. Tanto, que só voltou a escrever um texto inserindo os Estados Unidos num artigo em 23/12/1997. Aqui, ele redigiu uma resenha analítica sobre o livro “O Dia do Dragão”, de Clifford Goldstein, com o título “Estados Unidos, a Nova Roma”, capturando a frase do líder palestino Yasser Arafat reconhecendo “os Estados Unidos como superpotência” e chamando “a capital Washington, de a Nova Roma”.

Sob a direção de Mussa José Assis⁹⁸ em *O Estado*, Holdorf obteve mais liberdade de ação e mais dias na semana para escrever. Assis havia sido diretor de Schmidt e Spada, facilitando para ele os sábados livres sem entraves. E nessa etapa Holdorf já assumira a edição-geral dos jornais *O Estado* e *Tribuna* na mídia *online*, desde 16/6/1997. Em 27/1/1998, ele descreveu as dificuldades da vida de um médico (adventista) indiano, cuja amizade surgiu nas correspondências entre os leitores universitários da *Diálogo*. Um mês antes, Holdorf já ensaiava um artigo lembrando os duzentos anos da prisão do papa Pio VI. Arriscou no jornal. Deu certo. “Duzentos anos de liberdade” seria publicado exatamente em 20/2/1998. Ele crê que este se tornou o artigo mais duro contra o catolicismo. De origem libanesa, Assis não criaria impasse. E ele continuou prevalecendo.

Semanalmente, colaboradores enviavam à redação artigos. O do delegado substituto do MEC, Carlos Alberto Rodrigues Alves, registrava quanta ignorância em Bíblia e História ainda existe. Alves argumentava que o sétimo dia era o domingo. Se a Igreja tivesse um assessor de imprensa, muitas dessas barbaridades seriam evitadas. Lá

foi Holdorf novamente fazendo o papel de assessor de assuntos bíblicos. Respondeu-lhe:

Cavilosas inverdades foram lançadas nas linhas do texto de Carlos Alberto Rodrigues Alves, delegado substituto do MEC, ontem, nesta página. Primeiro, citando o profeta hebreu Zacarias no quarto século antes de Cristo, quando na realidade este foi contemporâneo de Ageu e Obadias, no início do domínio persa, no século VI a.C. Pior ainda foi tentar provar de modo tão venal e assombroso que o sétimo dia da criação foi um domingo e, ainda de quebra, utilizando o latim para a palavra “haja” – no sentido de criar (*fiat*; em hebraico *barah*) –, como se os textos sagrados tivessem sido escritos na língua dos romanos...

Nem sempre as ideias fluíam. Holdorf lia muitos livros, assistia diversos filmes, mas o cérebro não ajudava. Ele tinha apenas duas horas de sono por dia. Tudo para compensar o sábado de descanso. Aprendeu a se apropriar de frases, ilustrações ou a temática dos sermões de sábado para melhorar seus artigos. Em 8/4/1998, escreveu “Tumba vazia”, tendo como base uma ilustração proferida pelo pastor Ranieri Salles, da Igreja do Boqueirão (hoje atuando no Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho). Na semana seguinte, em 17/4, envolveu-se numa querela com os Sindicatos dos Empregados no Comércio de Curitiba e dos Professores de Escolas Particulares do Paraná. Em “Sindicatos e crise social” ele desvendava a face oculta dessas instituições classistas, acusando os sindicatos pela crise internacional que se avizinhava. No dia da formação do Estado de Israel, 14/5, ele enalteceu os princípios educacionais do povo judeu no artigo “*Shemá* Israel!”. Após entrevistar três adventistas de Angola e a professora Ana Paula Fonseca, filha de ex-missionária no Hospital do Bongo, Holdorf produz o artigo “Iminente turbulência”, descrevendo detalhes da guerra civil na ex-colônia lusitana, alertando as autoridades quanto aos riscos representados pelo Movimento dos Sem Terra à ordem pública.

Diante das contínuas críticas ao artigo de maio de 1996, ele sentia necessidade de dar uma resposta. Assim, escreveu “Nova ordem mundial

em marcha” em 4/9/1998. Em outubro, ele teve acesso ao livro “The Keys of this Blood” (“As Chaves deste Sangue”), de Malachi Martin. Animado com o tema, contrastou-o ao livro de Goldstein e produziu os artigos “Perigos da Nova Ordem Mundial”, em 15/10, e “Os ardis da intolerância”, em 16/10.

No início de dezembro, uma reportagem de *O Estado do Paraná* destacava os quadros pintados por uma artista maringense. Seu principal tema retratava Jesus sorrindo. No dia seguinte, um professor de Teologia da PUC-PR a estilhaçou, contrapondo-se à possibilidade de Jesus haver esboçado um sorriso em sua vida. Holdorf não suportou aquilo e solicitou autorização para escrever um artigo rebatendo o eminente doutor. O artigo “Jesus sorriu” saiu em 9/12 para 35 mil assinantes. Mais uma semente lançada ao solo fértil.

Holdorf voltou das férias confiante em mudanças. Havia passado janeiro de 1999 cursando o *lato-sensu* no IAE e, aproveitando uma história relatada pelo pastor Raimundo Cotrin, de Belém, fez o artigo “Síndrome do *bug* religioso”, em 12/2/1999, denunciando a intolerância contra os não-católicos em uma cidade do Pará. Na semana seguinte, em 18/2, após a publicação do artigo “Topetudo e bigodudo”, ele e sua família recebiam ameaças de um senador, nunca comprovada exatamente. A direção do jornal se posicionou ao seu lado.

Em maio aconteceria um dos fatos mais interessantes na sua passagem pela redação de *O Estado*. Uma série de reportagens anunciava a iminente falência do Hospital de Clínicas da UFPR por falta de recursos. Em 26/5, ele escreveu o artigo “Proagindo com o HC”, iluminado por uma aula de Filosofia com o professor Gérson Pires de Araújo, quatro meses antes, na pós-graduação. Nele, Holdorf instava para que ex-alunos, ex-professores e a comunidade impedissem a morte do HC. Uma semana depois, Assis Ihe revelava que o artigo havia rendido quatro milhões de reais ao HC, dos cofres da Prefeitura de Curitiba. O escritor e jornalista colombiano, Gabriel García Márquez, prêmio Nobel de Literatura, define que “o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e torná-lo humano por sua confrontação descarnada com a realidade”.⁹⁹

Dentre tantos artigos, dois ele sentiu imensa satisfação em redigir. O texto fluía na tela do computador. O primeiro deles foi “Antes dos outros”, de 9/6/1999, homenageando as personalidades da era cristã. Holdorf indicou Paulo de Tarso, Maomé Mafama, Mohamdas Mahatma Gandhi, Abraham Lincoln e Martinho Lutero, reformador alemão que “figura no mais elevado pedestal da galeria dos grandes homens destes últimos dois mil anos”. Em 16/6, sem perda de tempo, saiu a versão feminina sob o título “Mulheres que fizeram história”. Citava Agnes Gonxha Bojaxhiu (madre Teresa de Calcutá), Serpouhi Tavoukdjian (do livro “A Exilada”), Susana Wesley, Anne Frank, Zlata Filipovic, Golda Meir, Florence Nightingale, Ana Néri, Anita Garibaldi e Ellen G. White, esta ocupando dois dos nove parágrafos. Holdorf aproveitou o gancho das críticas proferidas pelo padre Marcelo Rossi no programa da Hebe Camargo para salientar a obra de White. O artigo finalizava assim: “Devido à extensa colaboração de seus escritos e aconselhamentos, bem como os resultados colhidos durante esses anos, a Câmara Municipal de Curitiba, na pessoa do vereador Jorge Bernardi, resolveu lhe prestar justa homenagem, semana passada, decretando a criação da Praça Ellen White, próxima ao Bosque do Papa.”

O deputado Robert Aderholt, do Alabama, apresentou uma emenda tentando garantir a exposição dos mandamentos nas escolas públicas dos Estados Unidos, e o papa João Paulo II orientou os fiéis poloneses a obedecerem aos mandamentos. Holdorf redigiu novo artigo em 23/6, cujo título “EUA violam a consciência” apimentava mais o tema. Reagindo positivamente ao artigo, um grupo de testemunhas de jeová lhe enviou uma série de denúncias contra países europeus onde a intolerância crescia. Outro artigo. “Liberdade individual sob ameaça” saiu em 21/7. A agência Associated Press enviou ao jornal uma matéria salientando a votação no Congresso dos Estados Unidos de uma lei obrigando a instalação de um *chip* subcutâneo em data ignorada. Holdorf não acredita que a AP fosse motivo de descrédito, como alguns julgam hoje em dia. Dessa forma, ele produziu o artigo “*Chip* subcutâneo”, em 18/8, aproveitando a ênfase da Editoria de Economia

na abertura de uma fábrica de *chips* em Pinhais, Região Metropolitana, para controle rodoviário de veículos.

Holdorf não se lembra a data exata, mas recebeu um telefonema *sui generis* na redação, no início de julho de 1999. Do outro lado da linha, o pastor Siloé de Almeida. Ele lhe solicitava intermediar a visita do diretor mundial de Comunicação, pastor Rajmund (Ray) Dabrowski, ao diretor-presidente Paulo Pimentel e ao diretor de redação, Mussa Assis. Holdorf escolheu a sexta-feira 16/7, às quatro horas da tarde, antes do *deadline*.¹⁰⁰ O encontro com Pimentel não se concretizou devido a compromissos dele no interior do Estado. No entanto, Assis recebeu os pastores Dabrowski, Almeida, o diretor de Comunicação para os Estados do Sul, Udolcy Zukowski, e um tradutor, filho da doutora Ofélia Wichert, estudante de Odontologia. O diretor delineou cronologicamente a história de *O Estado do Paraná*, sua postura ética e a linha política adotada, as relações com o poder público e econômico e o compromisso com a sociedade. Almeida teceu comentários a respeito do objetivo da presença de Dabrowski no Brasil e adiantou o projeto “Ponte da Esperança” de Florianópolis. Encerrada a visita, Almeida solicitou permissão para orar. “Mas o que é que ele está fazendo? Só pode ser louco!”, pensou Holdorf. O jornalista achava que pelo fato de Assis ser maronita, iria declinar da gentileza, mas ele assentiu e Almeida fez uma curtíssima e objetiva oração. A mais bela que alguém poderia fazer diante de uma pessoa como Assis. Assim, Holdorf tem certeza de que Almeida foi iluminado naquele instante. O jornalista chegou a levantar um pouco as pálpebras e viu Assis de olhos cerrados. Ao abri-los, Holdorf percebeu que ele se conteve para não chorar. “Vocês não podem ir embora sem antes um repórter os entrevistar. Precisamos de uma matéria sobre a Igreja Adventista”, surpreendeu Assis. A matéria saiu no domingo, 18/7, com o título, não-jornalístico, “Dabrowski visita os adventistas do Sul”. Ficaria bem melhor “Líder adventista mundial visita o Brasil”. A matéria apresentava o seguinte lide: “O diretor mundial de Comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o polonês Ray Dabrowski, está visitando

a Região Sul do Brasil, para implementar a visão de comunicação das igrejas locais. A Igreja Adventista do Sétimo Dia possui onze milhões de membros em 209 países, mas o Brasil é o país com o maior número de membros: um milhão.”

Algumas vezes, o sentimento de Assis de afeição pelos adventistas se expressava em defesa incondicional contra a difamação e a calúnia. O editorialista Desidério Peron, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas e editor de um jornal católico, insultava os pastores “evangélicos” e protestantes por sobreviverem à custa dos dízimos dos fiéis. Assis interrompeu a conversa de Peron com o repórter João de Santa e disparou: “Você pode falar de alguns, mas adventistas e batistas são pessoas sérias.” Quando Holdorf deixou o jornal para lecionar no Unasp, havia um operador de rotativa estudando a Bíblia e frequentando a Igreja do Jardim Iraty. Ele lhe disse que se entusiasmara com a leitura dos seus artigos, na chapa, pois se relacionavam com o livro que ele lia nas horas de folga: “O Grande Conflito”, de White. Ao voltar em 2000 para uma visita ao jornal com os alunos das primeiras turmas de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, um dos seguranças da entrada da *TV Iguaçu* e da Editora o recebeu com um forte abraço, expressando sua felicidade por ser adventista. Holdorf soube, também, que aquele operador se batizara e que o diretor executivo do *Paraná Online*, Marcos Paulo Assis, abandonara o tabagismo definitivamente. Segundo ele, “de tanto você e outro colega falarem mal do vício de fumar”. O professor tem por costume visitar a redação nas férias e distribuir literatura da CPB.

Era acadêmica

Nesta nova etapa da história da comunicação adventista, o curso de Jornalismo do Unasp coloca definitivamente a Igreja na mídia impressa. Com a estruturação de uma assessoria de imprensa, aliada à Agência IAE de Notícias,¹⁰¹ criada em 7/5/2000, a maior parte dos jornais e revistas da região começava a receber *releases* e reportagens produzidas pelos alunos do curso.

Insatisfeitos com a repercussão regional, os alunos passaram a avançar e revelar audácia, persistência e destemor. Artigos e reportagens atravessavam divisas e fronteiras, lançando tentáculos a vários Estados e alguns países, em jornais como *Zero Hora* e sites como *Observatório da Imprensa* e *Paraná Online*.

Com a chegada do pastor e jornalista Laerte Lanza para assumir a Coordenação de Comunicação Social, em substituição ao doutor Bechara, o curso de Jornalismo começou a investir no preparo de profissionais para todas as mídias. O primeiro passo se sucedeu com a modernização da grade curricular, a construção dos estúdios de rádio e televisão e a contratação de professores. Em setembro de 2003, o MEC enviou uma equipe para vistoriar o curso visando o reconhecimento, concedido ao final de julho de 2004, cujo conceito alcançado foi A.

Da pioneira turma de formandos, a primeira a aportar em uma redação impressa foi a gaúcha Fabiana Siqueira, ex-assessora de imprensa da sede da Igreja em Ijuí e repórter da *Yellow Magazine* em São Paulo. Fabiana iniciou a carreira como repórter e editora de Cultura e Educação do *Diário da Manhã* de Carazinho, Rio Grande do Sul, em fevereiro de 2004, sendo contratada depois pela *Revista Momento*, de agronegócios, em Não Me Toque, como editora. O primeiro graduado pelo Unasp a atuar em assessoria de imprensa na Igreja é o paranaense Lisandro Winckler Staut, que iniciou uma nova fase no Instituto Adventista Paranaense, em Ivatuba, próximo a Maringá. Em 2006, Staut retornou ao Unasp como responsável pelo *marketing* institucional e como professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, transferindo-se depois para a sede da Igreja em São José do Rio Preto. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, Alex Gonsalves de Oliveira cursou Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Teologia e um *lato-sensu* em Docência Superior. Em Curitiba, Patrícia Reichert, jornalista pela PUC-PR, quebrou um tabu, trabalhando durante o segundo semestre de 2003 na *Gazeta do Povo*. De Brasília surgem três nomes: a assessora de imprensa Luanna Mary Ramos Batista e os irmãos Karina Amorim de Almeida (hoje em São

Paulo) e Siloé João de Almeida. Na capital bandeirante, Evelyn Lüdtke se graduou na Unisa e atuou como produtora do programa “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”. Em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Evelise Morais graduou-se pela Unisinos em 2004, cujo trabalho de conclusão de curso abordou a história da comunicação adventista no Brasil. O goiano Walter dos Santos se graduou pela Universidade Federal de Goiás, é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e doutorando em Literatura Francesa pela USP. A jornalista Adriana Bernardes se graduou nas Faculdades Hoyer e é repórter do jornal *Mais*, de Holambra (SP). Acrescente-se, também, os nomes de Flávia Demartine, de Itu, e Flávia de Souza, apresentadora do telejornal da TV Bandeirantes em São José dos Campos.

Da nova geração de jornalistas do Unasp, graduaram-se Henrienne Barbosa Silva, doutora em Ciências da Comunicação pela Umesp e biógrafa da senadora Eunice Michilles;¹⁰² Allan Novaes, professor no Unasp, mestre em Ciências da Comunicação pela Umesp e editor-chefe da revista *Canal da Imprensa* (em 2005 e 2007, recebeu os Prêmios SET Universitário como melhor mídia acadêmica *online* do Mercosul) e diretor editorial da ABJ;¹⁰³ Ana Paula Ramos, assessora de imprensa da Associação Paulista Central em Campinas; Charlise do Carmo, diretora de Jornalismo da Rádio Novo Tempo de Nova Odessa; Isadora Schmitt, assessora em São Paulo; Leandro Oliveira e Rômulo Gomes, repórteres da TV Novo Tempo em Pindamonhangaba; Dina Karla Miranda, assessora de imprensa da Associação Norte-Paranaense em Maringá; Ruth Pimentel, assessora no Rio de Janeiro; Darley Melo, repórter em Fortaleza; Kettiely Bahia e Dayse Bezerra, assessoras em Manaus; Denise Martins, assessora de imprensa em Tocantins; Fabiana Bertotti, ex-repórter do SBT de Florianópolis, hoje em Curitiba, como *free lance* da revista *Vida e Saúde* e assessora de imprensa da sede da Igreja para o Sul do Brasil; Fernando Torres, ex-editor de revistas na Editora Ingá, em Maringá, e ex-redator da CPB, atualmente em uma revista de Belo Horizonte; Diogo Cavalcanti e Cígredey Borba, redatores na CPB; Paulo Henrique da Silva (Mondego), assessor de imprensa

da sede da Igreja em Cuiabá; Sergio Telles, chefe de produção na TV Novo Tempo; Victor Drummond, consultor de comunicação em São Paulo. Depois de sete graduações, a própria Igreja começa a reconhecer a necessidade desses profissionais. O chefe de redação da TV Novo Tempo em Pindamonhangaba, por exemplo, é o jornalista e pastor Fábio de Sá. Sandro Heringer assumiu a Assessoria de Imprensa da Missão do Vale do Paraíba. Ágatha Lemos está à frente da Assessoria da Associação Paulista Sul; André Leite, na Paulista Leste; Caroline Ferraz, na sede da Igreja para a Região Centro-Oeste, em Brasília; Guilherme Almeida da Silva, na sede da Igreja em Vitória; e o pastor Jairo Nunes, em Aracaju, como diretor de Comunicação da sede da Igreja. Outra aluna, Lêda Maria, aceitou a rara incumbência de ser chefe de redação do SBT numa cidade do interior do Maranhão. O Unasp também aproveitou o talento do jornalista Márcio Tonetti (ex-repórter da CBN Mogi Mirim) e lhe ofereceu a função de editor-chefe na ABJ e de professor. No início de 2009, Tonetti assumiu o jornal *Valor Regional*, de Guarapuava (PR), como editor-chefe, e no segundo semestre aceitou a responsabilidade de ser assessor do Departamento de Comunicação da sede da Igreja em Porto Alegre para a região sul do Estado. A primeira medida de Tonetti foi contratar como repórter e diagramadora a ex-colega de curso, Andréia Moura, cujo início de carreira ocorreu em Maringá, como diagramadora da Editora do Cesumar. Tales Tomaz, vencedor do Itaú Cultural e do SET Universitário 2007, ocupou a vaga de Tonetti na ABJ. Tomaz cursa o Mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

A nova geração já deu seu recado e os resultados começaram a aparecer. Na Intercom Sudeste de 2007, o Unasp conquistou o primeiro lugar com o melhor vídeo institucional e o vice na categoria Agência de Jornalismo. Em 2 de setembro, o Unasp arrebatou o primeiro lugar na Intercom Nacional. Por ocasião do SET Universitário, a ABJ carimbou três prêmios. Neste mesmo ano, os alunos receberam o conceito B no Enade (antigo Provão), deixando o curso de Jornalismo do Unasp em segundo lugar no Estado de São Paulo.

Comunicação entendida como comunhão – Necessidade de qualificação profissional: (2003 em diante)

Todos os entrevistados deste artigo sublinharam a necessidade de qualificação profissional da comunicação na Igreja Adventista. Este capítulo tem por objetivo apresentar uma análise do perfil comunicacional da Igreja compreendido tanto por aqueles que atuam na mídia secular como pelos pastores relacionados aos Departamentos de Comunicação.

Apontando os Cânones de Jornalismo da Sociedade Norte-Americana dos Redatores de Jornais, Kunczik define que “a principal função dos jornais é comunicar à raça humana o que seus membros fazem, sentem e pensam. Por isso o jornalismo exige de todos os profissionais o âmbito mais amplo de inteligência, conhecimento e experiência, assim como poderes de observação inatos e adquiridos”.¹⁰⁴

White reconhece o poder da comunicação e incentiva a que “lancemos mão da imprensa e ponhamos em ação toda propaganda que sirva para atrair a atenção do povo”.¹⁰⁵

Nos últimos anos, a Igreja multiplicou sua ação em todas as mídias. Mesmo assim, os profissionais não concordam que houve aperfeiçoamento da qualidade na comunicação. “De um modo geral, a inserção da Igreja na mídia é muito pobre. E hoje eu diria que ela nem existe mais. Praticamente não se vê mais nada da Igreja como instituição nos espaços da notícia. A Igreja é muito fechada”, avalia Schmidt. Ele

é favorável à Igreja ocupar os espaços na mídia como qualquer organização, não necessariamente religiosa. Schmidt acredita que “a Igreja tem potencial para isso. O que eu penso é que a Igreja não encontrou os homens, os profissionais para fazerem esse trabalho. Então, por isso, ela perde esse espaço”.

Tosi despeja sua dialética realista e irônica, acrescentando não haver percebido uma melhora no nível da comunicação. Segundo o âncora da CBN, “a comunicação ainda parece muito oficialista, da instituição, muitas vezes contagiada por um certo ufanismo”. Ele explica que as informações são subjetivas, pautadas num clima de constante celebração, quando deveriam ser mais objetivas: “O que interessa numa comunicação não é necessariamente pontuar que tal evento foi um sucesso, sempre com esse otimismo quase forçado na maneira de se colocar as notícias. Não estou falando que a linguagem da Igreja deva ser pessimista. Deve ser mais objetiva, tirando um pouco desses vícios básicos de comunicação, querendo colocar tudo com uma aura cor-de-rosa.”

Ao analisar o perfil dos “comunicadores” da Igreja, Tosi reclama da falta de profissionais. Como observador externo, ele rotula a comunicação da Igreja de amadorística. Faltam profissionais, pessoas qualificadas, que conheçam as premissas de se lidar com a informação e como transmiti-la. Tosi pontua que “os profissionais que fazem essa comunicação não têm nenhum preparo específico, não têm conhecimento dessas premissas de objetividade, de jornalismo, premissas de simplicidade, de clareza. Se nós seguirmos os princípios de Jesus, você verá que Ele sempre foi simples, objetivo e claro”.

Com autoridade, Tosi desconsidera jornalista aquele que apenas tem um diploma. Ele prioriza a vivência, a experiência, e “se você tirar um diploma só para justificar um cargo sem passar pelos meandros da vida dessa profissão, não vai acabar contribuindo muito para elevar o nível do veículo de comunicação que você vai gerenciar”. Mário Erbolato entende “que, embora teórica e praticamente haja muito a aprender, nas faculdades e escolas de Jornalismo, o universitário deve, ainda, ter vocação e fazer estágio em qualquer matutino ou vespertino.

Sem sentir o cheiro da tinta, ouvir o ruído das impressoras e o tilintar dos telefones nas redações, ninguém pode ter a vaidade de considerar-se jornalista”.¹⁰⁶

Schmidt adverte:

Não adianta você pegar um amador. “Então eu vou cursar Jornalismo na PUC, Tuiuti, etc.” Isso também não resolve nada. Se a pessoa não sabe, não adianta. Pode fazer mil cursos. Não adianta nada. Então entreguem esse serviço a profissionais. E esses profissionais já existem na Igreja. Agora, por que eles não são valorizados e convidados a trabalhar, é uma outra coisa que a gente não consegue entender. Mas isso seria um começo extraordinário. A Igreja poderia constituir um núcleo de profissionais da área de relações públicas, comunicação, etc., e esse núcleo é que iria produzir a política de comunicação da Igreja. Isso me parece que daria certo.

A questão mais polêmica discutida por Tosi se refere ao modo de se assessorar um departamento de comunicação na Igreja. Ele não concorda com o treinamento dado aos “leigos”, incentivando-os a enviar notícias aos meios de comunicação a fim de se fazer repercutir as iniciativas da Igreja.

Você não sai por aí fazendo uma ação, o bem com efeito calculado para cair na mídia. Você pode mandar um *release* (os desbravadores vão fazer uma doação de sangue) e informar, mas nós não podemos pautar as coisas da Igreja pensando como o empresário que contrata o assessor de imprensa e fica pressionando por que as notícias não estão saindo nos jornais. A Igreja vai sair nos jornais quando o assunto for interessante e quando couber na pauta do dia, o que raramente entra na pauta do dia quando envolve denominações religiosas.

Além de achar uma “bobagem” essa atitude dos “comunicadores”, ele lança suspeitas sobre os resultados dos *releases*. “Não vai ser enviando um *release* ou insistindo para ser notícia que você consegue ser notícia. Porque as pessoas conhecem os adventistas e seus princípios de saúde, é porque nós somos notícia? Duvido! É porque os adventistas

dão um testemunho!”, insiste Tosi, orientando como se deve trabalhar com assessoria. Ele emenda o assunto, acrescentando que o resultado da assessoria não deve ser medido pela quantidade de colunas publicadas em jornais. A assessoria deve procurar informar com qualidade, enviando os *releases* com informação relevante, sem pressionar a mídia para publicá-los.

Fallows aponta o estrelismo daqueles que trabalham com a mídia como um elemento dissonante no processo de comunicação: “O problema é que esse novo sucesso pessoal envolve um terrível compromisso. Quanto mais importante se torna uma estrela jornalística, mais ela é forçada a abrir mão da essência do verdadeiro jornalismo, que se resume na busca da informação a serviço do interesse público.”¹⁰⁷

O segundo defeito dos profissionais da imprensa indicado por Fallows debate a tendência de a mídia tratar a vida como um espetáculo, destacando apenas aspectos negativos: “Cada vez mais, a imprensa apresenta sobretudo a vida política atual como um espetáculo deprimente, em vez de apresentá-lo como uma atividade vital, na qual os cidadãos poderiam e deveriam estar engajados.”¹⁰⁸ A respeito deste tratamento dispensado à comunicação, Sorvillo declara que “ninguém sabe ainda dentro da Igreja o que significa realmente comunicação, porque o dia em que essa Igreja descobrir o verdadeiro poder da comunicação e a sua capacidade de se mobilizar em torno desse poder, ela vai fazer um estrago desgraçado nas fileiras do inimigo”.

A Igreja Adventista foi a primeira a usar os recursos da comunicação no país, mas parece que se perdeu no tempo e na história, apesar dos avanços. Sorvillo visualiza um amplo horizonte para se projetar a Igreja: “Nós somos subutilizadores desse potencial, haja vista toda a estrutura que temos hoje de comunicação na Igreja, que é a melhor estrutura de todos os tempos e a que usa mais pobremente os recursos que existem. Nunca tivemos tantas chances de imprimir. As máquinas de impressão são das melhores que existem no mundo. Mas nunca fizemos tão pouco.”

Contrastando as gerações, Pinheiro não vê diferença na ética jornalística dos adventistas, apenas na produção de matérias. No passado, as realizações da Igreja na área de assistência social e os grandes

eventos viravam reportagens. Hoje, os assuntos focam mais o estilo de vida, saúde, nutrição e educação. Lemos reconhece que os jornalistas do passado trabalhavam mais porque a Igreja dependia da mídia secular e precisava circular nas redações a fim de firmar contatos, e na atualidade o profissional deve se pautar pelo senso de oportunidade.

Jael Enéas de Araújo, diretor de Comunicação da União Este-Brasileira, insiste na mudança de paradigmas e na construção de novas visões de mundo para o aperfeiçoamento da comunicação. Guilherme Silva compartilha dessa ideia, adicionando a necessidade de refinamento cultural dos jornalistas da nova geração, pois esta característica se evidenciava nas gerações passadas. “Ele não deve ser um sujeito neutro ou imparcial diante da informação. Deve optar conscientemente por promover os valores denominacionais e deixar isso bem claro aos seus leitores”, reforça Silva. Koch complementa dizendo que os jornalistas mais jovens “não são muito chegados a leituras, conhecimento mais profundo dos fatos e da história. Por isso, pode parecer, às vezes, que eles não têm muito conteúdo”.

Borges detecta uma afinação maior dos novos jornalistas com a mídia secular e salienta: “Algumas matérias publicadas no passado, por adventistas, jamais o seriam hoje. A mídia está muito mais seletiva e preconceituosa quando o assunto é Bíblia e religião. Os jornalistas têm percebido essa dificuldade e sido mais prudentes em suas abordagens, aproveitando melhor as oportunidades de inserção nos diversos meios de comunicação.” Mais pessimista, Schmidt compara a Igreja aos movimentos do coração. “A história da comunicação da Igreja no Brasil tem sístoles e diástoles, aberturas e fechamentos, que dependeram sempre das pessoas indicadas para fazer aquele tipo de trabalho”, confronta. Transparente na crítica, Schmidt frisa que “estamos num período de fechamento total. Eu acho que nós estamos vivendo atualmente (me desculpe a expressão, ela pode ser chocante, meio escandalosa) a idade escura da comunicação adventista no Brasil, porque não se comunica nada”. Ratificando a importância do trabalho passado, Schmidt admite como “divisores das águas” os pastores Azevedo e Valle. Ele completa citando que indivíduos

desenvolveram, de forma isolada, algum trabalho interessante, mas não como resultado de uma política global da Igreja. “Roberto Azevedo e Arthur Valle se preocuparam com a imagem da Igreja e os posteriores se preocuparam com a sua imagem, e a Igreja desapareceu”, declara Schmidt, completando: “Se a pessoa não está preparada para responder por aquela atividade, é um fracasso. E me parece que a organização pecou muito nesse aspecto. Colocam qualquer pessoa sem habilitação só para preencher o organograma. Confundi-se durante muito tempo que relações públicas era o sujeito tirar fotografia, filmar.”

Chagas se harmoniza às observações de Schmidt ao complementar que “a comunicação cresceu para o comércio, para a indústria, para a política, para as artes e a Igreja foi recuando. Todo mundo usa a comunicação e a Igreja usa o mínimo”. Ele defende a ética como a bandeira de um jornalista adventista. Nada de radicalismo, intolerância, preconceito. No passado o jornalista adventista era vocacionado. Não havia curso, mas havia vocação. Chagas acentua que o jornalista adventista deve sentir este chamado e ser fiel a este ministério. Há um campo vasto e aberto para todos, pois a comunicação cresceu e precisa progredir mais ainda.

Os jornalistas devem se preparar para atuar como profissionais e testemunhar na mídia secular. Quem acredita que os patrões se mostram intransigentes quanto à presença de religiosos na redação, engana-se. Não são todos, haja vista o depoimento de Adolph Ochs, patriarca do jornal *The New York Times*, em fevereiro de 1933, por ocasião da comemoração dos seus 75 anos de vida: “A experiência trágica que vivemos resultará no aprendizado do povo de que cuidado, cautela e conservadorismo são tão necessários na economia quanto na saúde física e de que os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha não podem ser ignorados, não podem ser esquecidos. Eles devem continuar a ser nosso guia para uma filosofia de vida.”¹⁰⁹

Mais adiante, Talese registra a passagem do repórter McCandlish Phillips pela redação do jornal:

Como de hábito, havia uma Bíblia sobre sua escrivaninha, perto da máquina de escrever... Era um cristão evangélico... Ficava às vezes lendo sua Bíblia ou rezando... Orava habitualmente em igrejas... Phillips era um homem de dignidade calma e conhecimento. Tinha senso de humor, mas, mais do que isso, tinha um jeito tranquilo, uma serenidade que se baseava na sua fé absoluta em Deus e sua crença em que, acontecesse o que acontecesse, tudo era a vontade divina. Na redação, Phillips jamais pregava aos seus colegas repórteres... Jamais relutava em reclamar – embora o fizesse sempre com certo decoro e nunca com palavrões. Era apreciado e admirado pela equipe... Seus textos distinguiam-se invariavelmente pelo belo uso da língua, por sua precisão e concisão levemente arcaicas, quase bíblicas, com frequência pelo seu humor e sempre pela compaixão do autor por seu objeto...

“Precisa-se de *trainee* editorial. Dirigir-se ao Depto. de Pessoal NY Times”. Phillips ajoelhou-se e rezou. Depois, caminhou na direção do prédio do *Times*... Phillips era um homem do Senhor, porém fora um jornalista naquela manhã, totalmente profissional. Acreditava que era vontade de Deus que ele escrevesse a matéria, relembrando como recebera um sinal do Senhor exortando-o a não tirar quatro dias de folga... Phillips considerava-se um jornalista pela vontade de Deus. Às vezes, os julgamentos eram severos, mas estavam de acordo com a vontade do Senhor.¹¹⁰

Percebe-se nas linhas acima tudo aquilo que o jornalista adventista precisa conservar: estudo diário da Bíblia, relacionamento com Deus, comunhão com a Igreja, testemunho coerente, competência profissional, ética, fé, altruísmo e abnegação. Garcia concorda com essa possibilidade ao testemunhar que “hoje, ao contrário do que a maioria prega, pelo menos comigo é assim, se eu for a um evento onde sou convidado a falar e eu não falar da minha convicção religiosa, não falar da Bíblia, de Cristo, eles não vão gostar. Eu sou sempre convidado pra isso”. Fallows assinala:

Levar a sério esse poder significa levar a profissão a sério, o que, por sua vez, significa reconhecer o impacto da arma a sua disposição. Assim como professores, soldados, enfermeiras ou pais, jornalistas executam um trabalho, cujo valor total não é representado em seu trabalho. Quando fazem o seu trabalho com honestidade e competência, muitas pessoas se beneficiam. Quando

são negligentes e irresponsáveis em relação ao poder que têm nas mãos, os danos se espalham para muito mais longe do que eles próprios imaginam.¹¹¹

Na visão destes profissionais, não basta à Igreja investir num curso de Jornalismo se ela mesma se olvida de absorver esses indivíduos para suas mídias. Na Superbom tem engenheiro de alimentos, químicos e nutricionistas; nos hospitais se encontram médicos e enfermeiros; nas escolas há pedagogos e professores de várias áreas do conhecimento; nas igrejas, pastores; no entanto, na comunicação, pastores também, ou amadores. Ou a comunicação causa arrepios na liderança, ou a comunicação está sendo usada como ferramenta de interesses particulares. E comunicação não é isso. Não é assim que se faz jornalismo. Se para Fallows “o jornalismo existe para responder perguntas”,¹¹² para White “o mundo precisa de homens que pensem, homens de princípios, que estejam continuamente crescendo em compreensão e discernimento. Há grande necessidade de homens capazes de se servirem da imprensa com o melhor proveito, para que à verdade sejam dadas asas que a levem depressa a toda nação, e língua e povo”.¹¹³

Profissionalismo já!

Todos os profissionais entrevistados e as fontes pesquisadas enfatizam a necessidade urgente de profissionalização da comunicação. Eles reforçam a exigência de um estudo completo, uma reavaliação da comunicação na Igreja, um levantamento do que existe de potencial nesta área. “Coloquem profissionais da área para fazer esse trabalho. O trabalho até pode ser, e deve ser supervisionado por alguém da área da teologia pastoral, mas o trabalho tem de ser feito por profissionais”, sugere Schmidt. Wolff reconhece o crescimento das mídias eletrônicas, mas alega que tudo continua muito enlatado. Ele antecipa que as mudanças propostas só ocorrerão “quando a Igreja tiver homens com uma cabeça mais aberta, que tenham preparo acadêmico”.

Mais radical, Sorvillo é partidário que se tem de acabar com o conceito de que Departamento de Comunicação deve ser ocupado por um pastor:

É mais um sujeito que agita do que propriamente coordena a comunicação. Se quisermos colocar os pastores nos Departamentos de Comunicação, que antes de tudo eles sejam comunicadores formados. Essa é a grande diferença que vamos fazer. Temos que tirar essa questão de bairrismo, de guetos dentro da Igreja, de feudos dentro da Igreja, o que impede a comunicação.

Noblat incentiva os patrões a “investirem pesado na qualificação dos seus profissionais”.¹¹⁴

Augusto propõe a criação de uma publicação semanal e nacional exclusivamente voltada aos adventistas. Outros são mais ortodoxos na questão. Para os adventistas já existe a *Revista Adventista*. A sociedade

é que precisa de um jornal, editado por uma equipe de profissionais adventistas. A proposta de Lemos¹¹⁵ para a organização da classe jornalística adventista no Brasil, com o intuito de estreitar laços, trocar experiências e valorizar a profissão diante da Igreja, deve ser compartilhada. Silva apoia dizendo que outro desafio a vencer é o isolamento em que se encontram os jornalistas adventistas: “A atuação individual isolada não tem a mesma força que uma associação de jornalistas adventistas poderia ter. Isolados, somos fagulhas, tanto fora quanto dentro da Igreja. Unidos, em uma associação, poderíamos nos tornar pelo menos labaredas.” Lemos também defende que as Associações e Uniões deveriam ter um assessor de imprensa trabalhando junto ao Departamento de Comunicação a fim de operacionalizar as funções da área para os públicos externo e interno. Ele projeta a possibilidade de uma revista nacional produzida por jornalistas adventistas.

Ratifica-se, portanto, a importância da obra pioneira dos pastores Roberto Rodrigues de Azevedo e Arthur de Souza Valle na vanguarda da comunicação adventista. Reconhece-se, também, os esforços incontestáveis de Elon da Silva Garcia, Ivan Schmidt, Odailson Spada, Marcos Garcia Tosi, Sérgio Fernandes dos Santos e Rogério Sorvillo Vieira, profissionais que testemunharam nas redações e empresas jornalísticas, e continuam zelando pelo senso de missão conferido por Jesus Cristo a seus seguidores.

***Ruben Holdorf**, jornalista graduado pela UFPR, é doutorando em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e tem dois mestrados – um multidisciplinar em Comunicação, Administração e Educação (Unimarco, 2008), e outro em Educação (Unasp, 2005) –, é diretor de Jornalismo da Rádio Unasp FM, professor do curso de Jornalismo no Unasp e autor dos livros “No Olho do Furacão” (Tempos, 2005) e “Liberdade Vigida: questão de opinião” (Unaspres, 2002). Suas dissertações “Os Conflitos Árabe-Israelenses em Zero Hora e O Estado do Paraná” e “O Ombudsman na Educação” discorrem a respeito do papel editorial dos jornais em relação às notícias internacionais e sobre a necessidade de um mediador diante dos problemas de relacionamento entre a escola, os professores, os alunos e os pais.*

Notas

¹ Primeiro jornalista adventista titulado como mestre em Ciências da Comunicação (Umesp, 2004). Dorneles também obteve um Mestrado em Teologia pelo Unasp e é doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Atualmente, reside nos Estados Unidos, onde cursa o doutorado em Teologia na Universidade Andrews.

² KOCH, Irineo. Entrevista a Ruben Holdorf, por *e-mail*, em 28 de novembro de 2003.

³ DOENHERT, Roberto. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 7 de agosto de 2004.

⁴ DOEHNERT, Roberto E. *A vida de Emílio Doehnert*. Tatuí, SP: CPB, 1997, p. 12-3.

⁵ MARCASSA, João. *Curitiba, essa velha desconhecida*. Curitiba: Serena, 1989, p. 138-41.

⁶ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio: Mauad, 1999, p. XVII.

⁷ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. *Op. Cit.*, p. 11.

⁸ BRAGA, Teófilo. *Bocage*. Porto, 1902. In: SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio: Mauad, 4. ed., 1999, p. 266.

⁹ A professora Márcia Graff, doutora em História Social pela Universidade de Sorbonne (Paris IV) e ex-docente da UFPR, relata que, por ocasião da independência, o número de alfabetizados no Brasil alcançava a ridícula cifra de 0,25% da população.

¹⁰ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. *Op. Cit.*, p. XIII.

¹¹ *Ibid.*, p. XI.

¹² *Ibid.*, p. 389.

¹³ BARRETO, Lima. *Apud* Sodré, p. 338. Em 23/4/1921, Barreto critica o posicionamento tendencioso dos jornalistas Alcebiades da Gama, em *O Nacionalista*, e Jackson de Figueiredo, em *A Ordem*.

¹⁴ JORGE, Fernando. *Cale a boca, jornalista!* 4. ed. São Paulo: Vozes, 1992, p. 24.

¹⁵ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. *Op. Cit.*, p. IX.

¹⁶ PESSINATTI, Nivaldo L. *Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Unisal, 1998, p. 311.

¹⁷ PESSINATTI, Nivaldo L. *Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil*. *Op. Cit.*, p. 322.

¹⁸ LOPES, Dirceu F. *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989, p. 25.

¹⁹ WOLFF, João. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 9 de agosto de 2004.

²⁰ MCLUHAN, Herbert M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964, p. 234.

²¹ WEBER, Max. *Política como profissão*. Berlim Ocidental, 1964b. *Apud* KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2001, p. 59.

²² KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. Tatuí, SP: CPB, 2000, p. 144.

²³ WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. 2. ed. Tatuí, SP: CPB, 1993, p. 409.

²⁴ KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. *Op. Cit.*, p. 130.

²⁵ KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003, p. 33.

²⁶ MORAES JR., Noel C. Tropeiro, a aventura da integração sulista. In: *Tagarela*. Curitiba, nov. 1993, p. 3.

²⁷ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. *Op. Cit.*, p. 384 e 387.

²⁸ *Ibid.*, p. 385.

²⁹ *Ibid.*, p. 387.

³⁰ *Ibid.*, p. 395.

³¹ Ou *press-releases*, notícias distribuídas à imprensa pelas assessorias.

³² KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. *Op. Cit.*, p. 135.

³³ KÖHLER, Erlo. Entrevista a Ruben Holdorf, por telefone e *e-mail*, em 13 e 14 de setembro de 2004.

³⁴ AZEVEDO, Paulo. Entrevista a Ruben Holdorf, no Unasp, em 14 de dezembro de 2003.

³⁵ KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. *Op. Cit.*, p. 136.

³⁶ *Revista Adventista*, junho de 1980, p. 19.

³⁷ FLOSI, Edson. Por trás da notícia (p. 59-75). In: *Anuário de Jornalismo*. São Paulo: Revista da Coordenadoria do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, ano 1, n.º 1, 1999, p. 60.

³⁸ O pastor E. W. Thoman iniciou o trabalho com comunicação na Argentina em 1933, mas não obteve a abrangência e repercussão da obra de Roberto R. Azevedo.

³⁹ SPADA, Odailson E. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 6 de agosto de 2004.

⁴⁰ Na página 4, há a interessante coluna “Um Lugar ao Sol”, do padre Emir Caluf. Dez

anos depois, ninguém imaginava ver esse destacado clérigo cultuando na Igreja Central de Curitiba num sábado. Alguns até prediziam a mudança do nome de seu programa e coluna para “Um Lugar no Céu”. Ficou nisso. Ele recebia orientação do pastor Henrique Berg, preparando-se para o batismo, quando decidiu abandonar os estudos bíblicos ao não aceitar o modelo escriturístico de dízimos e ofertas.

⁴¹ Relato inicial da notícia, a síntese do texto, uma introdução à matéria que procura responder às perguntas: O quê? Quem? Como? Onde? Como? (alguns usam a forma anglófona *lead*).

⁴² KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. Op. Cit.*, p. 135.

⁴³ Bechara concluiu o curso no Rio de Janeiro; Costa e Silva cursou apenas o primeiro ano na PUC-PR e se transferiu para Nova York, onde faleceu num acidente de motocicleta; Patrícia se graduou em 2003 entre os melhores alunos, chegando a estagiar na *Gazeta do Povo*; Fabiana se graduou em 2004 pelo Unasp e concluiu na PUC-PR sua especialização em Comunicação Audiovisual.

⁴⁴ SCHMIDT, Ivan. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 7 de agosto de 2004.

⁴⁵ Na página 2, há uma foto do deputado estadual e também jornalista Arthur de Souza, produtor do programa “Revista Matinal”, que não deve ser confundido com a assinatura do pastor Arthur de Souza Valle. O primeiro se destacaria no rádio ao lado de Elon Garcia.

⁴⁶ KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. Op. Cit.*, p. 144.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil. Op. Cit.*, p. 388.

⁴⁸ *Revista Adventista* de novembro de 1984, p. 5 e 36.

⁴⁹ GARCIA, Elon. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 11 de agosto de 2004.

⁵⁰ Jornalista, atual diretor de Redação da *Gazeta do Povo*.

⁵¹ CHAGAS, Anísio Rocha. Entrevista a Ruben Holdorf, em São José (SC), em 10 de agosto de 2004.

⁵² KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. Op. Cit.*, p. 151.

⁵³ Elon Garcia (desde 1952), Ivan Schmidt (desde 1972), Pirajá Ferreira (desde 1969-?), Odailson Spada (desde 1973), Marcos Tosi (desde 1989), Ruben Holdorf (desde 1990), ? Chiarello (desde 1994-?), Sara Viana (desde 2000), Patrícia Reichert (desde 2003), Daniel Derevecki (desde 2006) e Edson Calixto Jr. (desde 2007). Guilherme Oro, Eduardo Teixeira, Fabiana Bertotti e Camila Barini atuam, ou atuaram, em assessorias e outras atividades.

⁵⁴ VIEIRA, Ruy C. C. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.* Tatuí, SP: CPB, 1995, p. 149.

⁵⁵ *Gazeta do Povo*, 28/3/1993, Curitiba: 300 anos de muitas histórias, p. 1, Suplemento Especial.

⁵⁶ KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia.* Op. Cit., p. 153.

⁵⁷ Autor dos livros “A ilusão das drogas”, “José Amador dos Reis” e “Edgar Allan Poe – nunca estive realmente louco”, e tradutor de “História da redenção”, de Ellen G. White.

⁵⁸ *Free lance*: jornalista autônomo, sem vínculo empregatício, contratado para a produção de reportagens, artigos, fotos, revisão, edição, diagramação, etc. Também conhecido como “frila”.

⁵⁹ *Revista Adventista*, 80 anos de educação no Brasil, jan. 1976, p. 15. O nome correto da instituição educacional era Collegio Internacional.

⁶⁰ Seu mentor intelectual, Roberto César de Azevedo, filho de Roberto Rodrigues de Azevedo, não era graduado em Comunicação Social, mas se tornou o primeiro adventista a obter um Mestrado em Ciências da Comunicação, pela USP, em meados da década de 1970.

⁶¹ Orientação minuciosa entregue ao repórter para o desenvolvimento de uma matéria ou artigo.

⁶² Alfredo Barbosa de Souza Filho foi o primeiro membro adventista (não-pastor) a se graduar em Comunicação Social no Brasil. Ele se formou em 1972, na USP, habilitando-se em Relações Públicas. Sua carreira se desenvolveu em Campo Grande (MS). Odailson Spada continua sendo o primeiro membro da Igreja Adventista diplomado em Jornalismo.

⁶³ NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 16.

⁶⁴ SORVILLO, Rogério. Entrevista a Ruben Holdorf, no Unasp, em 16 de setembro de 2004.

⁶⁵ Graduado e pós-graduado pela Fundação Getúlio Vargas. Na Editora Abril de 1976 a 1998, atuou mais de dez anos como um dos diretores de Publicidade para a América Latina.

⁶⁶ Tobias Pinheiro foi batizado em julho de 2006, no Rio de Janeiro.

⁶⁷ PINHEIRO, Paulo. Entrevista a Ruben Holdorf, por telefone e e-mail, em 1.º e 2 de setembro de 2004.

⁶⁸ Defendida em 1980, sua tese ressaltava a produção de *spots* para TV e peças publicitárias.

⁶⁹ BELTRAMI, Arnaldo. *Como falar com os meios de comunicação da igreja*.

Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 20.

⁷⁰ TOSI, Marcos Garcia. Entrevista a Ruben Holdorf, em Curitiba, em 9 de agosto de 2004.

⁷¹ LIRA, Elizeu Corrêa. Entrevista a Ruben Holdorf, por *e-mail*, em 12 de dezembro de 2003.

⁷² TIMM, Alberto R. Seventh-day adventist ecclesiology, 1844-2001: a brief historical overview (p. 283-302). In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NÚÑEZ, Miguel Ángel. *Pensar la Iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista*. Entre Ríos, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002, p. 297 e 300.

⁷³ CERDÁ, Carlos H. Relación entre Laodicea y la sociedad posmoderna: efectos en la Iglesia (p. 377-88). In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NÚÑEZ, Miguel Ángel. *Pensar la Iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista*. Entre Ríos, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002, p. 378 e 380-81.

⁷⁴ PERFIL do jornalista americano se distancia do público. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 1.º jun. 2004. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. O Projeto para Excelência em Jornalismo, parceria com a Universidade Columbia, apurou que 69% dos jornalistas do país não confiam nos eleitores e se julgam superiores aos leitores e telespectadores.

⁷⁵ FALLOWS, James. *Detonando a notícia: como a mídia corrói a democracia americana*. Rio: Civilização Brasileira, 1997, p. 9.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 63.

⁷⁷ NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. *Op. Cit.*, pp. 82 e 129-41.

⁷⁸ KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. *Op. Cit.*, p. 48.

⁷⁹ WHITE, Ellen G. *Evangelismo*. 3. ed. Tatuí, SP: CPB, 1997, p. 105.

⁸⁰ KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia*. *Op. Cit.*, p. 135.

⁸¹ Depois da demissão do gerente de conteúdo, Clemente Moreira Neto, em 2007, e com a reforma do *site*, a coluna Arqueologia e Ciência foi retirada. Segundo Moreira Neto, havia uma pressão de professores da UFPR sobre a diretoria do jornal *O Estado do Paraná* para expurgar a coluna do *Paraná Online*.

⁸² PESSINATTI, Nivaldo L. *Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil*. *Op. Cit.*, p. 330.

⁸³ Florianópolis, em 18/4/2004.

⁸⁴ www.comunique-se.com.br, em 20/7/2004.

⁸⁵ Os jornalistas Carlos Henrique Nunes, do *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre; Renato Groger, de São José do Rio Preto; Maria Eliana Monteiro (Lana), da assessoria da Petrobras; Camila Barini, assessora de imprensa em São Paulo;

Ronaldo Nezo e Patrícia Mascari, em Maringá; e Betina Bordin Pinto, ex-RBS (SC), são os exemplos mais recentes. A partir de 2005, Nunes e Groger optaram por cursar Teologia no Unasp. Nunes também lecionou no curso de Jornalismo e Groger atua como editor da Unaspress e professor.

⁸⁶ BORGES, Michelson. Entrevista a Ruben Holdorf, por *e-mail*, em 28 de novembro de 2003.

⁸⁷ AUGUSTO, Amarildo. Entrevista a Ruben Holdorf, no Unasp, em 18 de dezembro de 2003. Augusto voltou à redação do *Mogi News* em maio de 2007 e hoje é o diretor de Comunicação da Prefeitura de Arujá (SP).

⁸⁸ SILVA, Guilherme. Entrevista a Ruben Holdorf, por *e-mail*, em 9 de dezembro de 2003.

⁸⁹ LEMOS, Felipe. Entrevista a Ruben Holdorf, por *e-mail*, em 28 de novembro de 2003, e em Florianópolis, em 10 de agosto de 2004.

⁹⁰ WHITE, Ellen G. *Evangelismo. Op. Cit.*, p. 129.

⁹¹ RAMOS, Ana P. R. *O desafio das águas*. Projeto Experimental em Livro-Reportagem, apresentado no curso de Jornalismo do Unasp em 22/11/2004. Engenheiro Coelho, SP, p. 103.

⁹² Em 1986, Holdorf solicitou a mudança do nome de Vila Camargo para Cajuru, sendo o pedido indeferido pelo pastor Harry Bergold, então secretário da Associação, sob a justificativa de que o ancião desconhecia a Geografia e a História da capital paranaense. Holdorf atuou como professor de História e Geografia por nove anos (1991-1999). Em outubro de 2004, a Associação Sul-Paranaense determinou a mudança do nome da congregação para Igreja do Cajuru, nome também usado pela agência local do Banco do Brasil e pela prefeitura para designar a estação de ônibus mais próxima.

⁹³ *O Estado do Paraná*, 22/11/1994, p. 8.

⁹⁴ _____, 8/10/1995, Especial, p. 31.

⁹⁵ _____, 5/11/1995, Especial, p. 27.

⁹⁶ _____, 20/10/1996, Especial, p. 2.

⁹⁷ _____, 13/3/1997, p. 6.

⁹⁸ Corruptela de Khaziz.

⁹⁹ MÁRQUEZ, Gabriel G. *Apud* NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário. Op. Cit.*, 2002, p. 9.

¹⁰⁰ Horário de fechamento de um jornal.

¹⁰¹ A partir de 2/8/2000, passou a se chamar *Unaspress*, e, em setembro de 2002, *Agência Brasileira de Jornalismo (Abraior, hoje ABJ)*, incorporando o *Diário do Campus* – hoje *ABJ Notícias* (www.abjnoticias.com) -, a revista eletrônica *Canal da Imprensa* (www.canaldaimprensa.com.br) e o jornal *Tribunasap* (Holdorf *et alli*,

2002). O primeiro contato do professor Amarildo Augusto com o Unasp ocorreu via *Unasp* em 25/9/2001.

¹⁰² Graduada na primeira turma do curso de Jornalismo do Unasp, Henrienne se tornou a primeira jornalista adventista a alcançar o título de doutora em Ciências da Comunicação no Brasil. Com experiência na Agência Senado e na CPB, é professora no Unasp e pós-doutoranda.

¹⁰³ Allan Novaes substituiu o professor Ruben Holdorf (2000-2009), que assumiu a Rádio Unasp FM.

¹⁰⁴ KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2001, p. 109.

¹⁰⁵ WHITE, Ellen G. *Evangelismo*. *Op. Cit.*, p. 130.

¹⁰⁶ ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 18.

¹⁰⁷ FALLOWS, James. *Detonando a notícia*: como a mídia corrói a democracia americana. *Op. Cit.*, p. 13.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 14.

¹⁰⁹ TALESE, Gay. *O reino e o poder*: uma história do New York Times. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 189-90.

¹¹⁰ TALESE, Gay. *O reino e o poder*: uma história do New York Times. *Op. Cit.*, p. 361-71.

¹¹¹ FALLOWS, James. *Detonando a notícia*: como a mídia corrói a democracia americana. *Op. Cit.*, p. 16.

¹¹² *Ibid.*, p. 158.

¹¹³ WHITE, Ellen G. *Obreiros evangélicos*. 5. ed. Tatuí, SP: CPB, 1993, p. 25.

¹¹⁴ NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. *Op. Cit.*, p. 17.

¹¹⁵ Em março de 2009, Lemos se tornou o primeiro assessor de imprensa contratado pela sede sul-americana da Igreja.

Referências Bibliográficas

BELTRAMI, Arnaldo. Como falar com os meios de comunicação da igreja. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERDÁ, Carlos H. Relación entre Laodicea y la sociedad posmoderna: efectos en la Iglesia (p. 377-88). In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NÚÑEZ, Miguel Ángel. Pensar la Iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista. Entre Ríos, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002.

DOEHNERT, Roberto E. A vida de Emílio Doehnert. Tatuí, SP: CPB, 1997.

ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FALLOWS, James. Detonando a notícia: como a mídia corrói a democracia americana. Rio: Civilização Brasileira, 1997.

FLOSI, Edson. Por trás da notícia (p. 59-75). In: Anuário de Jornalismo. São Paulo: Revista da Coordenadoria do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, ano 1, n.º 1, 1999.

HOLDORF, Ruben D.; NOVAES, Allan M.; TORRES, Fernando M.; TELLES, Sergio M. Unaspress: ferramenta para a prática jornalística e divulgação institucional. In: Acta Científica/Humanas. Engenheiro Coelho, SP, n.º 2, maio 2002.

JORGE, Fernando. Cale a boca, jornalista! 4. ed. São Paulo: Vozes, 1992.

KNIGHT, George R. Uma Igreja mundial: breve histórico dos adventistas do sétimo dia. Tatuí, SP: CPB, 2000.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUNCZIK, Michael. Conceitos de jornalismo: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2001.

LOPES, Dirceu F. Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MARCASSA, João. Curitiba, essa velha desconhecida. Curitiba: Serena, 1989.

MCLUHAN, Herbert M. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix, 1964.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PERFIL do jornalista americano se distancia do público. Observatório da Imprensa, São Paulo, 1.º jun. 2004. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>.

PESSINATTI, Nivaldo L. Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Unisal, 1998.

SODRÉ, Nelson W. História da imprensa no Brasil. 4. ed. Rio: Mauad, 1999.

TALESE, Gay. O reino e o poder: uma história do New York Times. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

TIMM, Alberto R. Seventh-day adventist ecclesiology, 1844-2001: a brief historical overview (p. 283-302). In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NÚÑEZ, Miguel Ángel. Pensar la Iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista. Entre Ríos, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Os desafios do ensino de Jornalismo na transição tecnológica. In: VII FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 4, 2004, Florianópolis. Disponível em: www.7forum.ufsc.br.

VIEIRA, Ruy C. C. Vida e obra de Guilherme Stein Jr. Tatuí, SP: CPB, 1995.

WHITE, Ellen G. Evangelismo. 3. ed. Tatuí, SP: CPB, 1997.

_____. Fundamentos da educação cristã. 2. ed. Tatuí, SP: CPB, 1993.

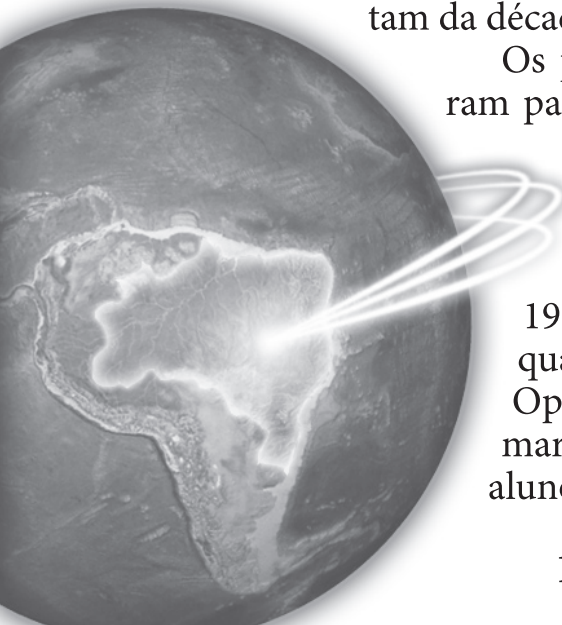
_____. Obreiros evangélicos. 5. ed. Tatuí, SP: CPB, 1993.

HISTÓRIA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO UNASP: UMA ABORDAGEM DENOMINACIONAL

Por Allan Novaes e Jefferson Paradello

A história do curso de Comunicação Social do Unasp começa pelo sonho de implantar cursos de nível superior em instituições adventistas no Brasil, além do tradicional bacharelado em Teologia¹. O primeiro deles a ser reconhecido oficialmente pelo Ministério da Educação (MEC) foi o de Enfermagem, que deu origem à Faculdade Adventista de Enfermagem (FAE), instalada no então Instituto Adventista de Ensino (IAE), em São Paulo, no ano de 1968. No entanto, as primeiras tentativas para que ele fosse aberto datam da década de 1940.

Os principais fatores que contribuíram para essa demora estão na falta de corpo docente qualificado e instalações apropriadas para o seu funcionamento. Quando este abriu suas portas, em julho de 1968, foram oferecidas 30 vagas, das quais apenas 13 foram preenchidas. Optou-se, então, por iniciá-lo em 2 de março de 1969, quando um total de 27 alunos integraram a primeira turma².



Cerca de duas décadas se passaram desde a iniciativa para a abertura do curso de Enfermagem e sua validação e reconhecimento por um órgão do governo. Com o curso de Comunicação Social a espera foi mais cruel: desde sua concepção até seu reconhecimento pelo MEC há uma janela de aproximadamente 30 anos.

Neste artigo, será apresentado um panorama da trajetória do curso de Comunicação do Unasp, enfatizando sua relação com o cumprimento da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, dividido em três períodos: 1) Aceitando a comunicação (da década de 70 até 1999), período no qual a Igreja no Brasil descobre o potencial denominacional da comunicação e gradualmente abandona o receio e a resistência em investir na área até idealizar a criação de um curso de Comunicação Social em uma instituição adventista de ensino; 2) Fazendo comunicação (2000 até o final da década), período que se inicia com a abertura do curso de Comunicação Social e que é marcado pelo esforço de se conseguir uma estrutura e um corpo docente com experiência profissional na área para alimentar os veículos da Igreja e formar mão-de-obra qualificada; 3) Pensando comunicação (final da década de 2000 em diante), período no qual o curso caminha para uma necessidade de se refletir sobre a comunicação com ênfase na pesquisa e produção científica que auxilie a Igreja.

Embora os autores não tenham a pretensão de narrar uma história definitiva do curso, com esta abordagem denominacional utilizada na divisão de períodos históricos pretende-se identificar de maneira didática os fatores e circunstâncias que determinaram as tendências ou ênfases no decorrer da história. Com isso, espera-se que, por meio da narrativa dos desafios, casos e análises de entrevistados e de pesquisadores, os leitores possam enxergar uma história do curso de Comunicação com enfoque nas suas mudanças de propósito, estratégia e auto-compreensão, sempre tendo em vista o compromisso com a missão da Igreja³.

Aceitando a comunicação (década de 1970 até 1999)

Longo trajeto

Durante a transição da década de 1960 para a de 1970, o IAE tinha apenas dois cursos superiores em funcionamento. Percebendo a necessidade de oferecer outras áreas de atuação, em 1973 o pastor Roger Wilcox, que ocupava a presidência da sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, encomendou ao pastor Nevil Gorski, diretor-geral do IAE, um plano de desenvolvimento educacional para os próximos 20 anos.

Gorski descreve que havia dissonância entre os obreiros da instituição em relação ao assunto. De um lado, parte deles acreditava que existia a necessidade de oferecer uma educação acadêmica baseada nas crenças adventistas. Do outro, os cursos superiores poderiam secularizar a juventude da Igreja. Decidiu-se dar continuidade ao plano, que fora aprovado pelo Conselho Deliberativo do IAE e registrado no voto nº 73-124. No documento, a comissão eleita para projetar os novos cursos definiu uma data para a abertura da Universidade Adventista do Brasil (UAB), que deveria ocorrer em 1980⁴. Porém, dois fatores comprometeram o processo. Por volta de 1975, o pastor Wilcox se aposentou e Gorski assumiu o Departamento de Educação na sede sul-americana da Igreja, mudança que prejudicou o andamento do plano.

O professor Roberto César de Azevedo, que serviu a educação adventista por 42 anos, lembra as dificuldades enfrentadas na década de 1970

para ampliar a atuação das instituições de ensino adventista no campo universitário⁵. Em 1973 ele assumiu o Departamento de Educação da sede sul-brasileira, que na ocasião abrange os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No mesmo ano, Azevedo prepara o Projeto Educação que, dentre outros pontos, propunha a expansão de cursos superiores entre 1974 e 1985. Dentre os objetivos descritos no documento⁶, estavam previstos a:

a) Construção em curto-prazo de vários edifícios (no IAE-SP) a fim de possibilitar o estabelecimento de mais cursos superiores; b) Construir um novo prédio para o setor de Comunicações, abrangendo uma biblioteca para 50 mil volumes; um estúdio para televisão e filmagem; um laboratório de línguas com salas especiais para projeções e produção de material audiovisual; e) Preparar um corpo docente universitário. (Obs. Na época, quase duas dezenas de professores já estavam fazendo suas pesquisas no Brasil e no exterior, e logo deveriam voltar para reforçar o quadro docente); f) Concretizar o sonho da Universidade Adventista do Brasil (UAB) até 1980.

Além disso, o plano apresentava 20 cursos previstos para implantação. Dentre eles constavam Serviço Social e Nutrição, que deveriam ser abertos em 1976, Medicina (1979), Odontologia (1984), Química (1985), Comunicações (1986) e Engenharia (1993).

“Nós usávamos tanto o rádio quanto a televisão de terceiros. Havia uma necessidade de ter algo próprio”, destaca Azevedo ao apontar que a Igreja precisava de veículos próprios para sua utilização. De acordo com ele, é provável que naquela época a tendência seria ter, inicialmente, apenas a habilitação em Jornalismo⁷.

Mas assim como ocorreu com o plano formulado pela comissão do IAE, opiniões controversas ocuparam a mente dos líderes da Igreja que avaliaram a proposta de Azevedo. E, no entanto, novas prioridades surgiram, os esforços foram direcionados para outro campo e o projeto permaneceu estacionado. Em 1977, Azevedo formulou um novo plano de expansão educacional para o sul do Brasil, batizado de Plano Educação – 81. Este, por sua vez, trouxe algumas

alterações relacionadas com a proposta de 1973, dentre elas a ordem de cursos a serem implementados e suas respectivas datas. Na ocasião, Comunicações foi reestruturado para Comunicação e Artes, e deveria ser implantado em 1984.

Este abrangeria diversas áreas. Assim como a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) que, além do curso de Comunicação Social e suas habilitações, oferecia, entre tantos outros, Música. A intenção era fazer o mesmo. A preocupação dos responsáveis em formular os cursos que integrariam a educação superior no IAE era de oferecer dentro desta esfera áreas de atuação que não fossem contra os princípios da Igreja. Nesse caso, mais tarde o curso de Artes poderia ser desmembrado da área de comunicação e ter autonomia para caminhar separadamente⁸.

Em 1978 o nome do pastor Walter Boger foi votado para assumir a direção do IAE. Ao iniciar a gestão, seus esforços foram direcionados para a busca de um local onde deveria ser instalado o novo IAE, um ambiente longe da cidade grande, já que o campus São Paulo estava sendo engolido pela expansão imobiliária desordenada. Em setembro de 1983, decidiu-se pela aquisição da Fazenda Lagoa Bonita, na cidade de Artur Nogueira e que hoje abriga o Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Artur Nogueira / Engenheiro Coelho⁹

Durante as construções do novo campus, em 1985, o pastor Boger viajou para os Estados Unidos a fim de realizar seu mestrado em Administração Escolar na Universidade Andrews, em Barrien Spring, Michigan. Durante sua ausência, o professor Roberto Azevedo é nomeado para ocupar a direção¹⁰. Com base em estudos feitos pelo professor José Iran Miguel, em 1986 Azevedo apresentou o Plano Quinquenal. Este se referia às necessidades de cada campus. Para o novo IAE fora planejado um cronograma para a implantação dos cursos que seriam oferecidos, começando pela 5ª série do ensino fundamental, em 1986, e finalizando em 2000 com mais de 20 opções entre ensino fundamental, médio e superior. Na proposta, o de Comunicações estava previsto para 1996.

Mas naquela época a implantação de cursos de nível superior consistia em um processo lento, complexo e burocrático. Azevedo recorda-se de que na ocasião em que foi diretor do IAE, de 1985 a 1990, não era possível solicitar ao MEC mais do que dois deles por vez. Havia uma demora de aproximadamente oito anos entre a aprovação e uma nova solicitação. “Nós não avançamos antes por falta de opção. A burocracia era monstruosa. A exigência era fora do normal. Uma vez foram enviados ao MEC 46 quilos de papel. Havia uma mentalidade de que as entidades privadas deveriam ser freadas¹¹”, explica. A demora na expansão educacional superior nesse período teve duas razões. A primeira pela falta de possibilidade de entrar com o pedido de abertura de vários cursos. E a segunda se referia ao fato de que quando isso era possível, não havia quadros preparados. A maior urgência era em relação às áreas de Letras e Matemática, já que os possíveis professores adventistas precisavam se formar fora do sistema educacional da Igreja.

De acordo com Azevedo, a situação começou a mudar no início da década de 1990. Foi durante a gestão do então ministro da Educação, Paulo Renato Souza, no governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), que ocorreu uma alavancada na aprovação de cursos superiores para o sistema educacional adventista.

Em 29 de maio de 1996, 14 pedidos do novo IAE e sete do campus São Paulo foram enviados ao MEC, dentre os quais a do curso de Comunicação Social¹². “Na época do Paulo Renato, enviamos várias solicitações e estas foram aprovadas, para a nossa surpresa”, sublinha Azevedo.

O professor Ruben Holdorf, que na época lecionava no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a mesma instituição em que se graduou, e atuava no jornal O Estado do Paraná, recebeu um telefonema no início deste mesmo ano. Do outro lado da linha falava o professor Admir Arrais de Matos, então diretor acadêmico do novo IAE. O contato foi feito para solicitar o currículo de Holdorf que seria encaminhado ao Ministério da Educação com o pedido de abertura do curso¹³.

Do mesmo modo, o professor Rogério Sorvillo Vieira, que atuava na área publicitária, foi convidado para acompanhar todo o processo.

“Na época, o professor Darci Garcia e também o pastor Assad Bechara, que eram pessoas que estavam bastante envolvidas com isso, nos convidaram, e eu fui acompanhando, fui sugerindo grade, laboratórios e as coisas foram indo num processo¹⁴.

Em 1998, os primeiros cursos começaram a ser aprovados, inclusive o de Comunicação Social. Em setembro de 1999, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, autorizou o Instituto Adventista de Ensino a atuar como Centro Universitário Adventista de São Paulo, integrando assim os campi São Paulo e Engenheiro Coelho. No segundo semestre de 2002, o Instituto Adventista de São Paulo (Iasp) adere à nomenclatura de campus Hortolândia, cidade onde se localiza.

Azevedo considera essa fase como um divisor de águas para a instituição e para o seu crescimento educacional de nível superior. “Nós demos passos gigantescos. Hoje já temos 20 cursos se você considerar os três campi do Unasp. Agora estabilizamos, e conseguir essa expansão final [que está prevista] não é tão difícil”, pontua¹⁵.

De olhos abertos

O curso de Comunicação surgiu em resposta a uma necessidade da Igreja. Nas décadas de 1950 e 1960 ele era visto por seus dirigentes como um campo de atuação de pouca relevância e que não deveria ser ocupado por adventistas. No entanto, foi na década de 1970 que essa situação começou a ganhar abertura ao se perceber o potencial que a área tinha, por meio do rádio, TV e da mídia impressa, para realizar o principal objetivo da organização. O pastor Assad Bechara, que se graduou em Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Jornalismo e depois fez seu mestrado e doutorado em Comunicação Religiosa, buscou formação específica a fim de projetar o nome da Igreja na mídia.

Antes disso, em 1973, no congresso de Belo Horizonte, o “Congressão”, foi a primeira vez que a organização investiu em outdoors de relevância. “Esse tipo de comunicação massiva foi implantada com muita dificuldade, e isso fez com que depois a Igreja desse mais

importância para essa área”, narra Bechara¹⁶ Ele acredita que a necessidade de se implantar um curso de nível superior na área partiu do pressuposto de que os líderes da Igreja começaram a perceber a importância de profissionalizarem sua comunicação, que desde os anos 1970 conquistava mais visibilidade com o auxílio da mídia.

Bechara descreve a ocasião em que, antes de obter seus títulos acadêmicos na área, conseguiu promover uma campanha televisiva para a Igreja na Rede Globo. De acordo com ele, havia várias inserções durante o dia na programação da emissora, inclusive nos intervalos do Jornal Nacional, um dos horários mais caros da televisão brasileira. E enfatiza: “Não pagamos nada por isso.”¹⁷

Azevedo relembra a visão da organização naquela época ao destacar que:

A mudança de pensamento por parte da Igreja na questão da profissionalização na área de comunicação ocorreu nas décadas de 1970 e 1980. Meu pai [o pastor Roberto Azevedo] foi um desbravador porque ele jogava muitos textos nos jornais. Páginas inteiras no Estadão e na Folha. Ele jogava isso e fazia uma boa reportagem para o jornal. Depois, o passo seguinte foi inserir isso também na televisão. A Igreja Adventista foi crescendo na mídia e aprendendo que era muito mais fácil fazer uma série evangelística depois que a instituição fosse muito mais bem vista na mídia¹⁸.

Em meados de 1996, quando a solicitação de abertura do curso de Comunicação Social foi enviada ao MEC, o novo IAE tinha o antigo sonho de implantar uma rádio universitária que tivesse sua programação produzida por seus alunos. Sob a orientação do pastor Walter Boger, em 1989 foi solicitado ao pastor Edilson Valiante, na época professor do curso de Teologia e secretário-geral da instituição, que se encarregasse de todo o procedimento para a viabilização do projeto. A professora Ângela Arraias, viúva do professor Admir Arrais de Matos, que faleceu em 1999, destaca que esse projeto seria uma novidade para a Igreja. “Na época não se tinha toda a estrutura de hoje, como a rádio e a TV Novo Tempo. A própria organização ia absorver os profissionais

dessa área”, enfatiza. Ela comenta que também havia intenção de, ao longo dos anos, expandir a atuação para uma TV, mas que este era um “sonho distante”¹⁹.

Para Sorvillo, o nascimento do curso foi ocasionado pela necessidade que a Igreja tinha em acompanhar o profissionalismo dos meios de comunicação da época. Apesar da existência de profissionais atuantes nessa área dentro da organização adventista, havia muito amadorismo, forma de trabalho que não trazia resultados eficientes.

Na década de 1980 a Igreja não tinha muita coisa em termos de comunicação. Naquela época um ou outro pensava em comunicação, como o pastor Assad Bechara, por exemplo. Alguns outros pensavam, mas eram ações soltas, não havia um planejamento. A Igreja nem sonhava em ter uma televisão, nem rádio. A igreja via, na verdade, a publicidade e propaganda, marketing, essas coisas, como uma coisa que os outros faziam e que não era pra ela. Quando se falava nessa área, era uma área que dava a sensação de que não seria no nosso tempo que veríamos a utilização disso. Na verdade não era essa a possibilidade, porque se tinha um potencial muito grande pela frente, mas o fato é que de alguma maneira ou outra a solução desse impasse foi aparecendo com a própria necessidade do mercado. A Igreja foi ampliando, crescendo a sua atuação em várias áreas, e lógico, profissionais desse nível precisam existir²⁰.

Depois de enviadas as solicitações ao Ministério da Educação, em 1998 uma comissão visitou o campus para conferir as instalações do curso de Comunicação Social a fim de comprovar se este tinha ou não condições de atender os alunos em sua jornada acadêmica. Sorvillo, que representava a habilitação em Publicidade e Propaganda, descreve que:

Visitando aqui [o campus] com o pessoal do MEC que daria autorização para o funcionamento da primeira turma, a gente mostrava as dependências e tudo mais e era muito interessante, porque ia se fazer, mas naquele momento em que eles estavam olhando não se tinha quase nada pronto. Por exemplo, o estúdio de fotografia. Lá tinha uma maquininha amadora no tripézinho. Umas coisas assim que a gente sabia que só pelo plano de Deus

mesmo, porque Deus abriu as portas e construiu o grande curso que é hoje. Mas foi um começo com muita disposição, pouca estrutura, mas com professores experientes, bem dispostos, com desejo de ver a coisa avançar²¹.

Na ocasião, Bechara também acompanhou a vistoria. Ele havia recebido o convite do pastor Lauro Grellman, então pró-reitor administrativo do campus, para mediar o encontro que visava aprovar a abertura do curso. Grellman alegou que havia necessidade em formar profissionais nas instituições adventistas que pudessem atuar na área de comunicação, principalmente nos órgãos da Igreja.

“Em detrimento de minha idade, na época com mais de 60 anos, e formação pastoral voltada para a comunicação, os avaliadores gostaram muito de mim e de minha formação, o que ajudou a abrir portas para que o curso fosse aprovado, pois eles já sabiam que se aprovado eu assumiria a coordenação”, destaca. “E o MEC gostou muito das instalações, das salas de aula e das promessas dos laboratórios que seriam construídos.”²²

Com a aprovação das duas habilitações, Jornalismo e Publicidade e Propaganda, foi solicitado a Bechara que mudasse para as proximidades do campus para assumir a coordenação do curso. Já aposentado, ele havia desenvolvido seu último trabalho durante 14 anos à frente do Departamento de Comunicação da sede sul-americana. Seu único projeto em andamento era a atuação na Comunidade Árabe Aberta, em São Paulo.

No processo seletivo de verão do IAE, em 1999, 136 candidatos prestaram o vestibular para o curso de Comunicação Social, que oferecia 120 vagas. E para oficializar o início das atividades, em 19 de fevereiro de 2000, o jornalista Hermano Henning, que na ocasião era âncora no Jornal do SBT, palestrou para os alunos.

Fazendo comunicação (2000 até o final da década)

Amassando barro

No início, a estrutura oferecida pelo novo IAE durante os primeiros anos não era a mais apropriada. Isso fez com que alguns alunos desistissem de seguir adiante na formação em uma das duas áreas oferecidas, enquanto outros decidiram aguardar por melhorias. A jornalista Fabiana Siqueira, que integrou a primeira turma, recorda as incertezas que permearam os primeiros meses de vida do curso.

Só depois do início das aulas é que meus colegas e eu nos demos conta de que estávamos estudando em uma fazenda de laranjas! Como ser jornalistas na era da tecnologia, estudando em um curso recém-criado, praticamente no meio rural? Foram as dúvidas iniciais, pois não havia laboratórios e para dizer a verdade, o que havia de concreto mesmo era muita vontade de que aquilo tudo desse certo²³.

No entanto, ao referir-se ao ensino oferecido nos anos em que passou pelo curso, ela enfatiza que participar da primeira turma não minimizou suas chances quanto ao mercado de trabalho. Na verdade, os desafios funcionaram como uma escola à parte na formação de profissionais com uma ampla visão na resolução de problemas.

Vandir Dorta Júnior, que cursou Publicidade e Propaganda no mesmo período, conta que, no início, sua classe contava com aproximadamente 50 alunos, mas que ao final dos quatro anos, apenas 16

deles chegaram à formatura. Um dos fatores para a desistência foi por se estar em um ambiente novo, que ainda estava em processo de estruturação. “Tinha professores novos quase a cada semestre. Mudanças de sala de aula eram frequentes. Mas até que ajudava a arejar a cabeça”, completa. A distância, para alguns, também pesou²⁴.

Lisandro Staut já sabia das condições que iria encontrar pela frente, e mesmo assim preferiu se matricular e integrar a primeira turma formada em Jornalismo. Ele complementa que por ser um curso novo, alguns professores foram aproveitados de outras áreas. Isso fez com que alunos desistissem ainda no primeiro semestre. “Entendíamos que os poucos professores especializados em comunicação tinham que levar sozinhos o peso de nossa formação inicial. As deficiências no corpo docente foram compensadas pelo exercício prático, dirigido por comunicadores como o professor Dargã”²⁵, defende.

Os locais físicos para que os alunos exercessem atividades práticas eram inexistentes. Assim, em 7 de maio de 2000 nasceu a Agência IAE de Notícias, que já nos primeiros meses de atividades começou a enviar aos veículos da região releases e reportagens produzidas pelos próprios alunos. Em agosto de 2000 esta foi rebatizada de Unaspess, mas em setembro de 2002 passou a atuar como Agência Brasileira de Jornalismo (Abrajour, hoje ABJ). Nesse contexto, surge o Diário do Campus, veículo responsável por noticiar os acontecimentos do campus e servir como ferramenta para o desenvolvimento profissional dos estudantes²⁶. Com a ajuda dos discentes, que integravam o segundo ano do curso, em 2001, e com o auxílio do professor Ruben Holdorf, é fundado o Canal da Imprensa, revista eletrônica de crítica de mídia que, por suas produções nos próximos anos viria a ser reconhecida por entidades acadêmicas²⁷, inclusive fora do Brasil.

Nós criamos nossas próprias oportunidades de experiência prática. Orientados pelos professores, claro. Nós reivindicamos junto à administração do Unasp a criação de laboratórios e, aos poucos, conseguimos criar duas agências de jornalismo: a Unaspess, que hoje é a ABJ e o Canal da Imprensa. Ali, era o nosso principal reduto de aprendizagem, onde nós sentíamos o

“cheiro da redação”, onde nós descobríamos a característica jornalística de cada um, onde nós discutíamos ideias e crescíamos em experiência.

A primeira sala de redação da Unasp (e eu queria muito que os alunos atuais pudessem visualizar isso) era um cantinho do almoxarifado na biblioteca do Unasp. Eu limpei o carpete, as paredes e a mesa do computador; o professor Ruben, o Staut, o Pieper, o Siloé²⁸ e o Tiago Ramos (vulgo Chapolin) fizeram funcionar o único computador que tínhamos e criaram o site. A princípio éramos só nós, depois o pessoal foi se organizando. Às vezes, a porta trancava por fora e não tinha telefone para chamar ninguém. A conexão caía toda hora, especialmente em fechamento de edição.

A gente brigava muito e sabia pouco sobre o que estávamos fazendo, mas mesmo sem reconhecer isso na época, até para ensinar a modéstia, o professor Ruben tinha muito orgulho de nós! Nós cobríamos os eventos locais e formávamos opinião sobre os eventos nacionais e internacionais. Depois veio a rádio e a TV, mas bem menos equipadas do que devem ser hoje. O primeiro VT para TV que eu gravei teve cinco horas de gravação, pois eu tive que decorar o texto, já que o curso não tinha TP²⁹ e também porque pequenos besouros invadiram o estúdio. Essas coisas marcaram todos nós e certamente contribuíram de alguma forma para nossa profissionalização³⁰.

Em busca de soluções

Em janeiro de 2002, o pastor e jornalista Laerte Lanza assumiu a coordenação do curso, que passava por turbulências. Seu interesse pela área surgiu quando, nos primeiros anos de seu ministério pastoral, percebeu que a comunicação era parte integrante da Igreja, mas que esta não era realizada de forma profissional. Em 1995, tentou cursar Jornalismo em Ribeirão Preto, onde morava, mas por decorrência de seus compromissos como pastor não o pôde.

Na ocasião em que foi pastor no Unasp, campus São Paulo, de 1998 a 2001, os administradores sabiam que ele tinha desejo e

interesse em cursar outra faculdade e lhe ofereceram a oportunidade de voltar a estudar. Ele, sem hesitar, optou por Jornalismo. No ano seguinte a graduação, Lanza foi convidado a assumir a coordenação de Comunicação Social para ajudar a “reerguer o curso, que estava perdendo popularidade”.

Quando o curso começou, não havia infra-estrutura, nem corpo docente. Apenas o Ruben e o Rogério. Não havia corpo qualificado. A Igreja ainda não entendia a diferença entre o curso de Publicidade, o que era propaganda, nem redação publicitária. De 120 alunos que começaram o curso, ficaram 34 na virada do primeiro para o segundo ano. Muitos filhos de obreiros saíram e surgiram comentários de que o curso era ruim e isso gerou um descrédito nacional.

O Unasp me perguntou se aceitava o desafio de dar uma guinada para corrigir esse problema, formar um corpo docente qualificado e construir os locais de prática. Não tinha rádio, estúdio, agências, só os laboratórios de informática. Resolvi aceitar o desafio. Falei que como eles me ajudaram a pagar meus estudos, eu disse que ajudaria intensamente durante quatro anos a melhorar o curso³¹.

Lanza destaca que dez meses depois de assumir a direção foram inaugurados os estúdios de TV, o laboratório de fotografia e a agência de jornalismo. De acordo com ele, a instituição investiu aproximadamente meio milhão de reais. Com os locais de prática o curso “levantou o bico e decolou”. “Já no final do meu primeiro ano a procura cresceu bastante. Ao final do meu terceiro ano, o nosso curso tornou-se o terceiro em procura. O primeiro era Teologia, e manteve-se esse padrão até a minha saída”, ressalta.

O crescimento aconteceu aos poucos. A contratação de professores especializados aumentou e as condições para oferecer melhor qualidade de ensino foram surgindo. Lanza alega quase ter chorado ao ver que os livros de comunicação praticamente não existiam na biblioteca. Com isso, priorizou-se também a compra do material. Em

setembro de 2003, ano em que a primeira turma se graduou, o MEC enviou uma equipe ao campus a fim de analisar as condições para que o curso fosse reconhecido, pois até aquele momento apenas o seu funcionamento estava autorizado. O resultado foi divulgado em julho de 2004. “Quando a primeira turma foi formada, tivemos uma avaliação extremamente positiva, com padrão A, que deu um alívio em todos”, orgulha-se.

Mesmo com o bom resultado obtido, havia a falta de atividades extracurriculares. No ano de 2004, o curso não tinha praticamente nenhum tipo de atividade prática em grande escala. Durante um fórum de professores de Jornalismo realizado na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, do qual participaram Holdorf, Lanza e Amarildo Augusto – na ocasião um dos professores do curso – diversos projetos de outras faculdades e universidades foram apresentados. “Alguns eram muito ruins, outros eram interessantes”, define Holdorf. “Dentro do ônibus da Catarinense³², no meio da madrugada, deu um estalo na mente do Amarildo. Começamos a discutir e depois a ideia foi amadurecendo. Menos de um mês depois surgiu a primeira Jornada de Jornalismo.”

Inicialmente, a proposta era voltada apenas para a habilitação em Jornalismo, visto que na época cada uma tinha seu próprio coordenador. “Nós dissemos que íamos parar nossas atividades [acadêmicas] durante uma semana. E eles fizeram o mesmo”, relembra Holdorf. A Jornada consiste em uma semana de atividades práticas do curso, em que um projeto é lançado para determinada mídia, seja ela rádio, TV, internet ou impresso. Os alunos se dividem em grupos e produzem seu próprio material, cujo resultado final é apresentado na última noite do evento, em que ocorre a premiação do melhor projeto, do aluno que mais se destacou, etc. Durante esse período as aulas são trocadas pela atividade. O objetivo central é fazer com que o estudante perceba a que velocidade trabalha uma agência ou uma redação no dia a dia com o cumprimento de prazos, problemas a serem resolvidos, além de ter a oportunidade de vivenciar essa realidade

ainda no ambiente acadêmico. “Se fôssemos todos doutores, ainda estaríamos discutindo a viabilidade, hipóteses, procurando referências bibliográficas. Esse é o motivo por que esse tipo de atividade não sai em nenhuma universidade”, brinca Holdorf.

Com o crescimento do curso, a administração do campus percebeu a necessidade de oferecer locais apropriados para as atividades práticas das habilitações e entendeu que estes poderiam contribuir com a comunicação da Igreja por meio dos alunos e profissionais que ali se concentravam. Assim, um antigo barracão localizado atrás do prédio do ensino superior tornou-se um centro de produção acadêmica. “O local onde hoje é a ABJ [e também a Agência Zoom] era uma serraria. Um dia descemos lá e sonhamos ter um núcleo de comunicação isolado. Quando eu saí daí [em janeiro de 2006], já estavam construindo, já tinham feito todo o piso, o telhado. Só não participei da inauguração”, conta Lanza³³.

Mas de acordo com ele, havia outros projetos práticos previstos para o curso.

O nosso sonho era de um dia ter a TV Novo Tempo e nós pensamos em ter isso bem atrás desse prédio, ligado a um corredor coberto que daria acesso a estúdios de rádio e TV. Se eu ficasse aí eu ia colocar toda a minha força nesse projeto. Mas naquela época havia uma negociação para a vinda da TV para Jacareí. Mas eu tenho total convicção de que essa televisão deveria estar no Unasp. Seria fonte de estágios para os nossos alunos, além de emprego para alguns. Naquela época, nós também trabalhamos com a rádio e definimos o local onde ficaria a antena. A rádio seria uma espécie de atividade transcurso. A ideia era envolver os demais cursos. Outro projeto era a transmissão dos cultos do Unasp. Cada campo ia comprar seu kit de transmissão. Isso seria enviado com uma pré-edição e esses cultos iriam todos os sábados para a TV Novo Tempo. O programa se chamaria Adorando com o Unasp e iria ao ar por volta do meio dia e meio. Notícias e flashes com o que aconteceu na semana, um clipe e um sermão do dia. Seria um rodízio dos campi. Fizemos um contrato com a Novo Tempo e a reitoria, mas este acabou morrendo³⁴.

O professor Roberto Azevedo que além de biólogo por formação possui mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), defende que uma das grandes perdas para o curso é que os veículos de comunicação da Igreja estejam longe do Unasp. Em sua visão, se estivessem a 30 ou 50 quilômetros de distância da instituição, seu conteúdo poderia ser mais rico com os materiais produzidos pela própria faculdade de comunicação e também pelo aproveitamento dos alunos, que poderiam atuar nesses locais, resultando em uma produção de qualidade com baixo custo³⁵.

“No fundo, o que faz a diferença na programação que temos lá [na TV Novo Tempo] é a qualidade dos oradores. Boa parte desse potencial nós temos aqui”, aponta. Sua opinião também se harmoniza com a de Lanza ao enfatizar que poderiam ser produzidos programas temáticos com a ajuda de alunos de outros cursos, os quais receberiam suporte dos comunicadores³⁶.

Primeiros resultados

Mesmo assim, os primeiros diplomados do curso mostraram sinais de que, apesar de estudarem em uma instituição até então sem reconhecimento regional e nacional, sem estrutura física ideal e com um corpo docente que estava em processo de estruturação, seus esforços enquanto alunos geraram resultados. Incerta de como seriam os anos de graduação, Fabiana Siqueira concluiu seus estudos e foi a primeira formada a atuar em uma redação de jornal. Em fevereiro de 2004, dois meses depois de obter o diploma e voltar para o Rio Grande do Sul, ingressou no Diário da Manhã, em Carazinho.

A editora-chefe fez um teste de texto comigo. Lembro que ela me deu um tema sobre o governo Lula e a questão dos bingos, que estava na mídia, na época. Eu fiz o texto em mais ou menos 20 minutos e quando fui entregar ela disse: “Já?”. Então ela leu o texto, chamou a chefe de redação para ler e depois o restante do pessoal. E eu fiquei apavorada, sentada no sofá,

esperando. Então todos saíram da sala dela, ela pegou o texto e colocou no mural da redação e disse: “Quando vocês conseguirem fazer um texto assim, em 20 minutos, eu volto a chamar vocês de repórteres.” Eu não conto isso por motivo de orgulho pessoal, mas porque sei que a habilidade de escrever com rapidez e precisão eu aprendi na faculdade de Jornalismo do Unasp desde o primeiro dia de aula. Meus professores não esperaram a criação de laboratórios para me ensinar a escrever. E seja qual for a área em que o jornalista atue, sempre precisará escrever bem. Esse fato e ter estudado em São Paulo foram os pontos que mais contribuíram para a aceitação no meu primeiro emprego³⁷.

Fabiana pensava constantemente sobre a questão do renome ou reconhecimento que o Unasp ainda não possuía, mas percebeu que a diferença está no corpo docente e no quanto cada aluno aproveita do curso.

Nos primeiros dias, eu tinha muito medo de cometer alguma gafe terrível, até pela diferença cultural de ter estudado em São Paulo, enquanto todos os meus colegas tinham se formado no Rio Grande do Sul. Mas com o passar do tempo eu não me cansava de rir sozinha e dizer: “Obrigada Senhor, porque me deu a oportunidade de estudar no Unasp. Obrigada porque eu prestei atenção naquela aula, daquele professor. Obrigada porque eu trabalhei na Agência de Jornalismo que nós criamos lá”. Porque meus colegas de trabalho, formados em faculdades reconhecidíssimas no Rio Grande do Sul, minha chefe de redação, primeira aluna do curso de uma das melhores faculdades gaúchas, cometiam erros tão primários do jornalismo que me fizeram crer que um nome às vezes não quer dizer muito³⁸.

No Rio Grande do Sul, depois de atuar no Diário da Manhã, Fabiana trabalhou como editora na Revista Momento, especializada em agronegócios, em Não-Me-Toque; na Prefeitura Municipal de Carazinho; e na sede da Igreja em Ijuí. Atualmente é free lance em São Paulo e acaba de concluir a pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Por outro lado, Vandir Dorta, que em 2003 ainda era aluno, já atuava na área publicitária. Desde sua formatura, no mesmo ano, trabalhou como designer gráfico no Departamento de Marketing do Unasp, passando em 2007 para a Agência Zoom Publicidade. Dorta permaneceu na instituição até fevereiro de 2009, quando foi contratado pela Casa Publicadora Brasileira (CPB) para trabalhar no Departamento de Artes da editora.

Os locais de prática também eram solicitados pelos alunos de Publicidade e Propaganda. Dorta lembra que esse espaço foi prometido várias vezes, mas sempre era adiado. “Lógico que estávamos cientes de que era o começo de tudo e que alguém tinha que viver aquilo. Vivi e tenho orgulho de fazer parte dessa história”, alegre-se. As atividades práticas do curso que surgiram ao longo dos anos foi outro fator importante que ele diz guardar consigo como uma fonte de sabedoria e aprendizado.

Na área de assessoria de imprensa, dos formados pelo Unasp, o paranaense Lisandro Staut foi o pioneiro. Após concluir o curso de Jornalismo, no ano de 2004 Staut foi contratado pelo Instituto Adventista Paranaense (IAP), em Ivatuba, onde permaneceu até 2005, cuidando também dos sites institucionais da União Sul-Brasileira (USB). Em 2006, retornou ao campus Engenheiro Coelho como Gerente de Marketing e professor de Fotografia e Editoração Eletrônica.

Em 2008, ele assumiu a direção da Rádio e TV Novo Tempo da sede da Igreja em São José do Rio Preto (SP), além de atuar como assessor de comunicação da presidência da instituição e diretor assistente do Departamento de Comunicação. “Sempre acreditei na formação básica como suporte principal para qualquer profissão. Nunca considereei a possibilidade de escolher uma instituição pela estrutura ou história. Sabia que perderíamos em alguns aspectos, mas que era possível compensar com esforço e preparo pessoal”³⁹, aponta. Staut defende que o aprendizado é um ciclo constante e que o trabalho ajuda a lapidar o conhecimento e estimula o crescimento profissional.

Com o avanço do curso e estabilidade em relação aos anos anteriores, no início de 2005, o professor Laerte Lanza começou a planejar

seu desligamento da instituição em cumprimento ao que tinha proposto aos administradores antes de vir para o campus. No entanto, desde o final de 2003, Lanza era responsável apenas pela habilitação em Jornalismo. Publicidade e Propaganda estava sob a coordenação do professor Martin Kuhn, que lecionava para a área desde 2001.

Quando entrei no quarto ano [2005], comecei a preparar minha saída sem comentar com ninguém. Acho que deixei uma contribuição. Eu deixei parte da minha vida aí, coisas que eu fiz e faria de novo com o maior prazer. Eu tenho um sentimento profundo pelo ministério, por isso saí. Durante quatro anos eu não fui pastor. Eu brigava com a reitoria para investir no curso, com professor para fazer com que o aluno crescesse. Mas meu coração estava quebrado, eu queria o ministério de volta. Quando ouço falar do curso de Comunicação o coração vem na boca. Foi uma decisão difícil, mas tive que optar. Eu fiz Comunicação para agregar valor no ministério e hoje eu uso aquilo que aprendi para melhorar o trabalho da Igreja⁴⁰.

Com a saída de Lanza, em janeiro de 2006, o professor Vanderlei Dorneles passou a responder pela habilitação em Jornalismo. Em consequência ao andamento de sua tese doutoral em Comunicação, ele permaneceu no cargo até o final do ano, e em 2007 assumiu a direção da Unaspess, editora de livros e revistas do Unasp. Assim, o professor Martin Kuhn tornou-se coordenador geral do curso de Comunicação Social. “Quando eu assumi, o desafio era definir um corpo docente. Tínhamos conquistado coisas importantes, tínhamos conquistado posições importantes sobre estúdios, etc. A tarefa mais importante naquele momento foi definir um corpo docente mais especializado”⁴¹, lembra Kuhn.

A ousadia dos alunos começou cedo. Logo nos primeiros anos do curso eles já tinham textos publicados não apenas nos veículos da região, mas também naqueles de destaque no Brasil, como o jornal Zero Hora e sites como Observatório da Imprensa e Paraná Online⁴². Em 2005, os primeiros prêmios do curso começam a aparecer. No 18º SET Universitário, maior prêmio na área de jornalismo acadêmico

do Mercosul, concedido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a revista eletrônica de crítica de mídia Canal da Imprensa obteve o primeiro lugar na categoria Jornalismo Online.

No ano seguinte, o curso alcança o 2º lugar em São Paulo, com o conceito “B”, no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), avaliação do Ministério da Educação que monitora a qualidade educacional em instituições de ensino superior. No entanto, em 2007, a ABJ conquista seis prêmios, dos quais três deles no Expocom Sudeste, programa ligado à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom). Com o primeiro lugar na categoria Vídeo, o projeto chegou ao Expocom Nacional, conquistando novamente o primeiro lugar. Ainda no mesmo ano, o aluno Tales Tomaz, hoje um dos professores do curso, ingressou no programa Rumos Jornalismo Cultural, do Instituto Itaú Cultural, mérito por uma de suas reportagens. E outra de suas produções enviada ao 20º SET Universitário conquista o título de melhor artigo.

Outra vitória surgiu em 2008, quando a habilitação em Jornalismo foi classificada como a segunda melhor do Estado de São Paulo, de acordo com o Indicador de Diferença Entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD), um dos métodos de avaliação do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). O IDD avalia o crescimento acadêmico de estudantes de diferentes instituições. Publicidade e Propaganda obteve o quarto lugar no mesmo índice, ficando à frente da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), uma das mais conceituadas do país.

Apesar das recorrentes evoluções conquistadas pelo curso e o reconhecimento perante o mundo acadêmico, Kuhn ressalta que esses são bons indícios da qualidade de ensino construída até aqui, mas que é preciso dar continuidade ao processo de aperfeiçoamento. “Esses resultados mostram a maturidade do curso com os frutos alcançados. Mas não devemos nos acomodar, precisamos acompanhar as tendências. O mundo muda. A tecnologia muda. Temos alcançado bons resultados, mas precisamos nos aperfeiçoar, senão afundamos”, destaca.

Os veículos e locais de prática desenvolvem um papel importante na formação dos futuros profissionais diplomados em Comunicação Social que saem da instituição. Kuhn revela que nos seus primórdios a administração acreditava que esses locais deveriam funcionar da maneira em que conseguissem. Mas a visão mudou quando notaram resultados em alguns investimentos que trouxeram retorno. “Hoje ela nos apoia irrestritamente, inclusive dando bolsas para que alunos trabalhem para o curso. Agora ela percebe que geramos visibilidade para a instituição”, compartilha.

A vivência prática da profissão foi fundamental para diversos trabalhos de conclusão de curso (TCC) realizados como exigência para a formação dos alunos. Em Jornalismo encontram-se videodocumentários, programas para rádio e TV, livros-reportagem, monografias, projetos de jornal impresso, entre outros. Destes, pelo menos dois resultaram em livros publicados, como o de Henrienne Barbosa, que abordou a vida de Eunice Michiles, a primeira senadora do Brasil, e o de Ana Paula Ramos, sobre o trabalho das lanchas médico-missionárias na Amazônia. Já em Publicidade, diversas campanhas foram desenvolvidas para empresas reais, das quais algumas acabaram comprando a ideia dos estudantes e veiculando seu projeto experimental. “Não é somente acadêmico, mas ganha um aspecto profissional. Muitos transformaram-se em produtos. Você tem campanhas que foram compradas, documentários disputados para passar em TVs. Sem dúvida isso é uma vitória não só para os alunos, mas para o curso”⁴³, frisa Martin Kuhn.

Laboratórios práticos

ABJ

Um desses ambientes auxiliares foi a Agência Brasileira de Jornalismo, que em 2006 foi transferida para um novo ambiente. O

núcleo multidisciplinar, como foi batizado o prédio que antes era uma serraria e foi um dos sonhos da administração Lanza para o curso, passou a ser o local para a realização das atividades práticas dos alunos da habilitação.

Na nova redação, além das notícias relacionadas ao campus, em 2007 nasce o portal ABJ Notícias, que se valia de reportagens aprofundadas sobre economia, educação, saúde, comportamento e religião. Dessa forma, a Agência Brasileira de Jornalismo administrava paralelamente três veículos, tendo como carro-chefe o Canal da Imprensa, seu projeto de maior visibilidade. Em março de 2008, uma reformulação visual é realizada no ABJ Notícias, que acopla o Diário do Campus como uma editoria, formando assim um único veículo.

Desde então, em pouco mais de um ano o ABJ Notícias mais de 900 produções entre notícias, reportagens e editoriais em texto, além de materiais em vídeo e comentários em áudio. Todo o seu conteúdo é produzido pelos alunos do primeiro e segundo ano do curso, tornando o veículo um laboratório para a aprendizagem e lapidação da escrita jornalística.

Já o renomado Canal da Imprensa, atualizado quinzenalmente desde 2002, produziu 91 edições e mais de dois mil textos entre artigos, reportagens e entrevistas sobre os mais polêmicos temas pautados pela mídia. Além disso, o Canal da Imprensa na TV conquistou as telas com o mesmo intuito: debater a atuação dos meios de comunicação. Atualmente o veículo passa por uma estruturação gráfica e editorial, e leva consigo um histórico de premiações. Sob a liderança do Observatório da Imprensa, Monitor de Mídia e SOS Imprensa, em 2005 o Canal participou da criação da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoj) e agora colabora com os projetos da rede⁴⁴.

Com textos criativos e opinativos, a produção de seu conteúdo é destinada aos alunos do terceiro e quarto ano da habilitação em Jornalismo, embora em alguns casos haja a participação de estudantes de Publicidade e Propaganda. Em sua nova estrutura, a proposta é de não apenas fiscalizar a mídia, mas também se voltar para a pesquisa acadêmica.

Em geral, os alunos e professores que atuam na Agência também produzem conteúdo para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, contribuindo com as sedes estaduais e regionais, além de enviar notícias e artigos para a Revista Adventista e demais periódicos da Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Agência Zoom

Recentemente fundada, a Agência de Publicidade Zoom nasceu em 2005 como uma extensão da agência iniciada pelo professor Rogério Sorvillo a fim de proporcionar uma experiência prática aos alunos da habilitação. Em 2006 suas atividades ficaram sob a responsabilidade dos professores Kenny Zukowsky e Célia Grace, que começaram a inserir os estudantes na participação de eventos promovidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, como lançamento de CDs, gravações de DVDs, entre outros.

Com um espaço físico limitado, em 2006 a Agência mudou-se para uma das salas que compõem o núcleo multidisciplinar, onde permanece até hoje. Nos últimos três anos mais de 40 clientes já foram atendidos, desde departamentos do Unasp à sede mundial da Igreja Adventista, em Washington. Mais de 300 *jobs* (trabalhos) foram produzidos pelos alunos sob orientação de três professores que supervisionam e dão suporte aos projetos.

Ao longo dos anos de atividades, mais de 200 alunos já passaram por ali e atualmente cerca de 22 estudantes atuam nas diversas áreas da publicidade e propaganda. O primeiro prêmio, no entanto, veio em 2008. O vídeo “Pedestres” venceu em primeiro lugar o *FestVideo*, festival de filmes publicitários realizado pela Associação dos Profissionais de Propaganda de Ribeirão Preto, na categoria universitário. O concurso reúne as principais agências e produtoras do interior paulista, e na esfera universitária concorrem faculdades de todo o Brasil. A produção integral foi realizada pela Zoom, por alunos do curso e o núcleo de comunicação do Unasp, que ficou responsável pela edição do material.

Rádio Unasp FM

Inaugurada em maio de 2007, a Rádio Unasp FM viabilizou um dos sonhos projetados pela instituição desde o seu início. A Solicitação de Outorga para a Execução de Serviços de Radiodifusão Educativa foi requisitada pelo pastor Edilson Valiante em 18 de abril de 2001. Esta, no entanto, só foi aprovada pela Câmara dos Deputados em 23 de março de 2005. Em 28 de julho do mesmo ano, o Congresso Nacional aprovou a Fundação Cultural de Radiodifusão Educativa Horizontes, com autonomia para atuar durante dez anos.

Valiante define o processo de legalização da rádio como “um desafio complexo e demorado”. “Essa é a primeira rádio da Igreja que estamos conseguindo a concessão. Todas as outras foram compradas já com as devidas permissões”, destaca.⁴⁵

A partir disso surge a Rádio Unasp FM, operando na frequência 91,3. Seu estúdio e administração foram instalados no mesmo ambiente que antes servia para a prática da disciplina de Radiojornalismo do curso de Comunicação. Milton Afonso, presidente da Golden Cross, patrocinou os equipamentos necessários para o seu funcionamento. Com as atividades iniciadas no primeiro semestre letivo de 2007, logo no segundo sua programação passou a ser feita ao vivo. Um teste de locução que fora realizado com alunos da instituição selecionou e capacitou alguns deles para atuar no veículo. Nesse período as notícias passaram a fazer parte de sua grade, dando início, também, a veiculação de programas de caráter jornalístico.

No entanto, o pastor Edilson Valiante, hoje diretor de departamento na sede paulista da Igreja, afirma que nunca foi plano que essa rádio fosse exclusiva do curso de Comunicação Social. “No papel ela não pertence ao curso, ela tem uma ligação indireta com ele. Na realidade ela pertence a uma fundação, uma entidade independente, mas que de alguma maneira está ligada à instituição. A rádio é um adendo para o curso, além dos seus departamentos. O projeto é que ela fosse uma rádio do Unasp e não da escola de Comunicação”, explica. “Pelo teor de ser um veículo de comunicação, ela tem essa aproximação e

até poderia ser conduzida pelo curso, mas deve haver participação de todos as outras faculdades.”⁴⁶

Hoje sua produção e conteúdo se encontram sob a responsabilidade de alunos tanto da habilitação em Jornalismo quanto em Publicidade e Propaganda, contando com a supervisão em tempo integral de professores com experiência e formação específica na área. O sinal da rádio atinge, principalmente, Engenheiro Coelho, Artur Nogueira e Cosmópolis, embora existam relatos de que sua programação atingiu parte da cidade de Campinas, a cerca de 50 quilômetros do Unasp.

Espero que ela cumpra seus objetivos de trazer informação, entretenimento e Cristo. Não precisa ser uma rádio evangélica para comunicar Cristo. O que queríamos é que essa rádio fosse como uma Eldorado, de pessoas com cabeça, que gostam de boa música, notícias. Existem muitas outras rádios universitárias, como a Uniara, de Araraquara, que são referências. É uma rádio interessante, fazem propagandas dos cursos, tocam muitas músicas. Era isso que queríamos para a nossa⁴⁷.

Desde o início de 2009, a nova grade contempla a participação de alunos de outros cursos. E, para quem não está nas proximidades do campus e gostaria de acompanhar a programação, a rádio está disponível também na internet⁴⁸, meio que põe suas produções em contato com o mundo.

Núcleo de Comunicação

O Núcleo de Comunicação foi inaugurado em julho de 2003 durante o Congresso Sul-Americano de Comunicação que ocorreu no campus. Este novo departamento visava dar espaço para os alunos exercerem a prática jornalística e publicitária na produção de videodocumentários, comerciais televisivos e para atender o Unasp nos projetos institucionais. “O maior objetivo foi dar um espaço de prática para os alunos. E é visível o seu crescimento desde que foi

inaugurado”⁴⁹, aponta o professor Martin Kuhn, atual coordenador do curso. De acordo com Kuhn, em primeiro lugar o Núcleo tem um compromisso de servir à Igreja. Suas produções visam não apenas o desenvolvimento profissional dos estudantes, mas também visam produzir materiais que auxiliem a comunicação adventista. Ele destaca que diversos programas e comerciais que são veiculados pela TV Novo Tempo são realizados pelos alunos e pelo departamento. E frisa que apesar desse ser um ambiente de prática, o padrão de qualidade dos conteúdos tem se elevado ao longo dos últimos anos. “Temos mais de 50 vídeos publicitários rodando na TV, além de documentários, clipes musicais e reportagens”, enumera⁵⁰.

O DVD do grupo Novo Tom, por exemplo, e diversos outros trabalhos foram resultados de produções do Núcleo. No total são mais de 200 criações ao longo dos últimos seis anos. “Tornou um ambiente profissional, onde o nível da atividade produzida atinge o mercado”⁵¹, conclui Kuhn.

O pastor Odailson Fonseca, diretor-geral da TV Novo Tempo, classifica a participação do curso de Comunicação Social como de extrema importância para o canal. Segundo ele, em cada intervalo da emissora um dos comerciais produzidos pelos alunos é veiculado. “Tínhamos comerciais de uma fundação quando começamos a utilizar as produções do curso e isso nos ajudou demais. Sem contar que ficamos eternamente gratos porque não tínhamos como bancar essa produção. Do ano passado para cá sentimos um apoio muito grande vindo do Unasp”⁵², sublinha. Uma das intenções da emissora é veicular os videodocumentários produzidos como projetos de TCC, mas por enquanto não houve possibilidades de encaixá-los na programação.

Fonseca elogia a qualidade dos materiais e estimula os alunos a darem continuidade a esse tipo de produção, que beneficia ambos os lados. “O Unasp é a estufa de preparação de conteúdo teórico para nós usarmos na prática”, filosofa. Ele reitera que existem portas abertas para qualquer proposta que a Instituição tiver condições de manter⁵³.

Unaspess

O Unasp, Campus São Paulo (antigo IAE) mantinha, desde os anos 1980, uma editora universitária adventista, com gráfica própria, e que dava conta de imprimir certos materiais, principalmente nas áreas de teologia e educação. Com a inauguração do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, transferiu-se a editora para a nova unidade, mas sem uma produção expressiva. Foi em 1994 que se adotou o nome Imprensa Universitária Adventista e, sob direção dos professores Admir Arrais e Renato Gross, revitalizou-se, mesmo que ainda modestamente, a editoração de livros. No início de 1997, por ocasião de um Congresso de Educação na Argentina, notou-se que o Unasp era a única instituição a não possuir nenhum periódico para apresentar no evento. Percebendo-se essa defasagem como intolerável, foi lançada em setembro daquele ano a *Revista da Escola Adventista* (hoje *Escola Adventista*), por sugestão do professor Renato Stencel, que assumiu tanto a produção do periódico, como a direção geral da editora. Em 1999, já em seu quarto número, a revista foi um importante fator para que o Unasp obtivesse do MEC o status de centro universitário. Foi também o passo inaugural de uma série de edições em áreas diversificadas como Teologia, Educação, Música, Comunicação, Criacionismo e integração entre Fé e Ensino. Dois outros periódicos importantes apareceram nos anos seguintes: em 2000, a revista teológica *Parousia e*, em 2001, a revista *Acta Científica, Ciências Humanas*. Esta última preencheu uma lacuna que havia no sentido da publicação da produção científica da instituição. O ano de 2001 foi muito significativo para a editora também por outras razões. Em primeiro lugar, nesse ano, por sugestão do professor Ruben Holdorf, adotou-se oficialmente o nome de Unaspess e, em segundo, o prestigiado professor George Knight veio ao Unasp para o lançamento em português de sua obra *Filosofia e Educação*. Duas outras traduções publicadas pela Unaspess também contaram com a presença de seus autores para o lançamento no Brasil: *O que Deus diz sobre a Música* (Euridice Ostermann) e *Música Sacra, Cultura e Adoração* (Wolfgang Stefani). No ano de 2003, a Unaspess passou para as mãos do professor Vanderlei Dorneles, que efetuou algumas mudanças importantes, como a melhoria da qualidade editorial, desde a concepção artística (capa, diagramação) dos livros até a escolha do serviço terceirizado de impressão.

No aspecto comercial, houve incremento das vendas, inclusive por meio da atividade de colportagem. A revista *Escola Adventista* ganhou uma nova roupagem, com um trabalho mais elaborado de diagramação e participação de estudantes de Jornalismo na elaboração das matérias. Neste ano (2009), em função da ida do professor Dorneles para os Estados Unidos, com finalidade de aperfeiçoamento acadêmico, a direção da Unaspres foi assumida por mim, que já trabalhava havia quatro anos na editora⁵⁴.

Apesar das produções de caráter cristão e teológico publicados pela Unaspres, não existe qualquer tipo de concorrência com a Casa Publicadora Brasileira (CPB), hoje a principal editora de livros e revistas da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Por estar ligada a uma instituição de ensino, seus principais trabalhos são de caráter acadêmico. Hoje ela possui cerca de 40 títulos publicados em áreas que variam entre filosofia, jornalismo, criacionismo, religião, música e liturgia e comunicação. Ainda é responsável pela publicação de quatro revistas de periodicidade semestral, sendo a *Libertas: estudos em Direito, Estado e Religião*, periódico do curso de Direito do Unasp, sua mais recente produção. O trabalho editorial é produzido pelos alunos do curso de Comunicação Social, tanto da habilitação em Jornalismo quanto em Publicidade e Propaganda.

Novos rumos

Mesmo com uma significativa abertura em relação ao assunto, até a formação das primeiras turmas a Comunicação era um das áreas vista com receio pela Organização Adventista no Brasil. “A Igreja tinha medo. Medo da falsa ideia de que a comunicação é subversiva por essência e de que os novos comunicadores pudessem quebrar os princípios e tomar o lugar daqueles que tinham assumido funções pertinentes por falta de pessoal qualificado”⁵⁵, destaca Fabiana Siqueira, que até sua formatura, em 2003, não via significativos interesses da Igreja Adventista pelos alunos formados nessa área.

No entanto, ela defende que, quase dez anos depois que o curso teve início, em alguns lugares ainda não se entendeu qual o papel de um comunicador, seja ele atuante em Jornalismo ou Publicidade e Propaganda. “Por exemplo, na sede administrativa em que trabalhei, precisei secretariar sete departamentos para poder exercer a função de assessora de imprensa e minha carteira de trabalho foi assinada como secretária. São funções incompatíveis e a própria Igreja sai perdendo com isto”, desabafa.

“Hoje você vê uma grande revolução nesse sentido. Quando visito as Associações vejo alunos que se formaram no Unasp e posso dizer que estão sendo formados comunicadores com alto nível de competência e ética, gente que está honrando esta casa de ensino”, aponta o pastor Bechara ao acreditar que a visão da Igreja em relação a esse campo está mudando. Mesmo com a lenta absorção, para ele a Igreja está percebendo o potencial desses diplomados e com as contratações tem ajudado a tornar a comunicação adventista mais significativa e profissional⁵⁶.

Lanza também constatou que praticamente todas as sedes da Igreja no Brasil já absorveram profissionais formados em Comunicação Social pelo Unasp. “Isso contribuiu de alguma forma para melhorar a qualidade da comunicação da Igreja. O curso cumpriu melhor o papel que a Igreja esperava”⁵⁷ relata.

Kuhn acredita que uma das formas de mostrar a qualidade e competência dos comunicadores é formar parcerias com a Igreja “que funcionam e dão certo” ainda durante o período de graduação dos estudantes, abrindo assim portas para os futuros profissionais⁵⁸.

Prestes a completar dez anos de atividades, o curso de Comunicação Social apresenta significativas melhoras em relação a seu corpo docente, locais de prática e número de alunos. Em 2009, dos 12 professores que compõem a área específica do curso, dois cursam o doutorado e três o mestrado. Os outros sete já possuem diploma de mestre ou alguma especialização na área. Até o momento estão matriculados 330 alunos⁵⁹, divididos entre o período matutino e noturno, vindos de diversos Estados do Brasil e países do mundo.

Até 2008, o número de graduados chegou a 263. A atuação destes profissionais não se resume apenas ao trabalho em órgãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas em veículos e instituições nacionais. A jornalista Fabiana Bertotti, por exemplo, atuou como repórter e apresentadora do SBT em Santa Catarina. Henrienne Barbosa tornou-se a primeira jornalista adventista no Brasil a obter o diploma de doutorado, defendendo em maio de 2009 sua tese, que recebeu nota máxima.

Os mais significativos projetos do curso, em curto prazo, se concentram na modificação da grade curricular, que dará mais autonomia para as habilitações e permitirá especializações em diversas áreas de atuação. Outro plano, também, é concluir a formação dos professores para que foquem na área de pesquisa acadêmica e produção científica. Espera-se, ainda, adicionar a habilitação em Rádio e TV visando outra necessidade da Igreja.

“O que mais me marca é ver os alunos chegando ao final, superando os objetivos, e vendo como eles se desenvolveram ao longo da graduação. Eu creio que o curso cresceu em várias frentes e continuará assim nos próximos anos”⁶⁰, finaliza Martin Kuhn.

Pensando a comunicação (final da década de 2000 em diante)

Projeções e expectativas

Após a abertura do curso, em um primeiro momento enfatizou-se o estabelecimento de uma estrutura adequada e a contratação de professores com experiência profissional para uma formação prática e técnica dos alunos de Comunicação. O objetivo desse enfoque era a formação qualificada de mão-de-obra para auxiliar a igreja em suas diversas frentes (departamentos de comunicação em associações e uniões e nos veículos de comunicação da igreja, como a Casa Publicadora Brasileira e a TV e Rádio Novo Tempo).

No momento, das 38 uniões, associações e missões da Iasd no Brasil, 17 tem em seu quadro de funcionários pelo menos um profissional de Jornalismo ou Publicidade e Propaganda formado no curso de Comunicação Social. Na Casa Publicadora Brasileira, dos 13 jornalistas que atuam na redação, três são ex-alunos⁶¹ do curso, enquanto dos 28 profissionais que trabalham no marketing ou na arte, três⁶² graduaram-se no curso de Comunicação. Na TV Novo Tempo⁶³, em Jacareí, dos oito profissionais em atuação, dois⁶⁴ são jornalistas formados no Unasp.

A ênfase na formação técnica do curso também se observa na imensa quantidade de projetos e parcerias entre os veículos e campos da Igreja e o curso de Comunicação. Além disso, uma das atividades previstas pelo curso de Comunicação Social também é o treinamento de profissionais que atuam na TV e Rádio Novo Tempo e na consolidação de um curso de pós-graduação em Comunicação Corporativa, em funcionamento desde 2008 e idealizado para

atender ao público adventista.

Assim, pode-se dizer que, mesmo após o êxito parcial em relação ao objetivo de capacitação prática dos alunos, tendo em vista a importância do curso para os campos e os veículos da Igreja, um dos grandes desafios do curso na próxima década é fazer parte do núcleo estruturante da comunicação na Igreja (DSA, CPB e Novo Tempo) na profissionalização e integração da comunicação na Iasd na América do Sul⁶⁵.

Com forte propósito denominacional⁶⁶, o curso de Comunicação encerra sua primeira década com uma conotação técnica e de produção de conteúdo para a Igreja. No entanto, a partir de 2010, aliada a excelência na formação de mão-de-obra, o curso de Comunicação parece estar caminhando para uma ênfase teórico-crítica a respeito da comunicação em sua relação com a sociedade, a cultura e a Iasd.

Para o ano de 2010, uma nova grade curricular trará diversas mudanças no curso, das quais as estruturais serão: a) a tentativa de conferir mais autonomia às habilitações desde o primeiro ano do curso⁶⁷; b) a consolidação de grupos de pesquisa em Comunicação criados em 2009⁶⁸ e que irão alimentar periódicos científicos de instituições adventistas, podendo gerar livros na área; c) a consolidação do EnaiCOM (Encontro Nacional de Iniciação Científica em Comunicação do Unasp) como importante evento de fomento à pesquisa discente⁶⁹; d) a criação de disciplinas específicas de análise crítica dos meios de comunicação intituladas “Leitura crítica da mídia” e “Educação para a mídia”.

Assim, em um segundo momento (a partir do final dos anos 2000), o curso de Comunicação somou à necessidade de formação técnica dos alunos a ênfase na necessidade de se estudar a mídia em seu impacto na cultura e na religião. Se em seu início o curso lutava por estrutura e contratação de professores com experiência profissional que pudessem capacitar os alunos nas competências do saber fazer, a fim de profissionalizar a comunicação da Igreja, estima-se que daqui para frente esse objetivo dividirá as atenções com a necessidade do curso em formar academicamente os professores e investir na pesquisa em

comunicação. Os novos rumos do curso apontam para uma preocupação cada vez maior em, além de manter o saber fazer, criar uma cultura do refletir sobre o que se faz.

Mais um grande desafio para a próxima década é a tarefa de conduzir, na Igreja Adventista no Brasil, estudos e pesquisas que pensem a comunicação à luz da nossa identidade bíblico-doutrinária. Uma ênfase na leitura crítica dos meios de comunicação e na educação crítica para a mídia⁷⁰ no curso permitirá formar profissionais que, além do domínio técnico, possam refletir sobre a comunicação e seus fatores, processos e ideologias e compartilhar esse conhecimento com a liderança e os membros da Igreja.

Em um período no qual pregadores leigos e amadores bem intencionados discursam nas igrejas sobre mensagens subliminares, criticam a presença da violência e do erotismo na televisão ou especulam sobre o papel da mídia no final dos tempos, o curso de Comunicação Social surge não somente como uma sólida coluna de formação técnica e prática, mas também como um potencial centro de crítica e reflexão sobre a relação entre os meios de comunicação e o adventismo.

Allan Novaes é graduado em Jornalismo e pós-graduado em Docência Universitária pelo Unasp e mestre em Comunicação Social pela Umesp, com a dissertação “Jornalismo de controvérsia: uma análise do tratamento jornalístico dado pela revista Superinteressante às incertezas científicas”. Professor do curso de Jornalismo no Unasp, atua nas áreas de crítica de mídia, jornalismo cultural, jornalismo científico e pesquisa em comunicação. Desde 2005 também contribui com a instituição na área de ensino religioso, como professor da disciplina Filosofia e Ética Cristã para os cursos de pós-graduação. Atualmente é diretor da ABJ, agência júnior do curso de jornalismo do Unasp, e diretor de redação da revista eletrônica de crítica de mídia Canal da Imprensa (www.canaldaimprensa.com.br).

Jefferson Paradello é aluno do terceiro ano do curso de Jornalismo do Unasp e editor-assistente da revista eletrônica de crítica de mídia Canal da Imprensa (www.canaldaimprensa.com.br).

Anexos

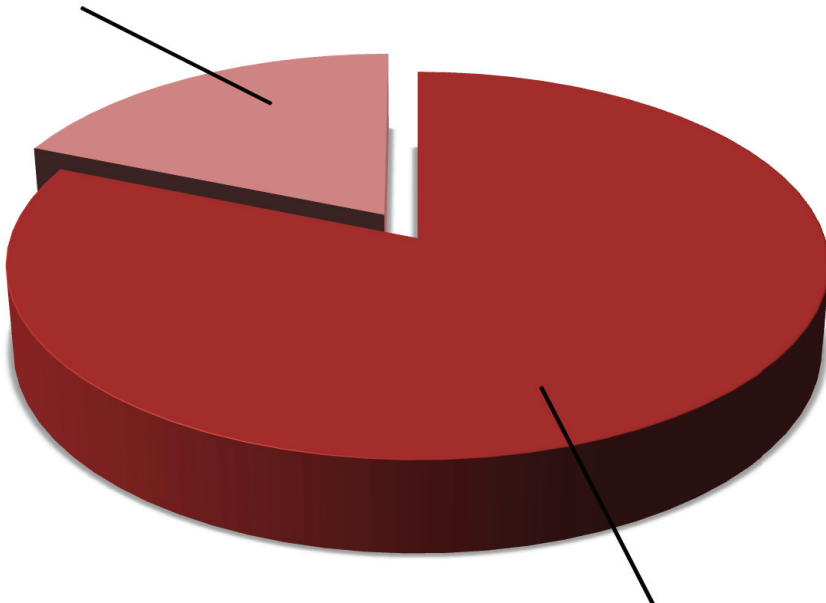
Anexo 1

Profissionais inseridos nas principais instituições da Igreja Adventista no Brasil

➤ Casa Publicadora Brasileira

Jornalistas que atuam na redação

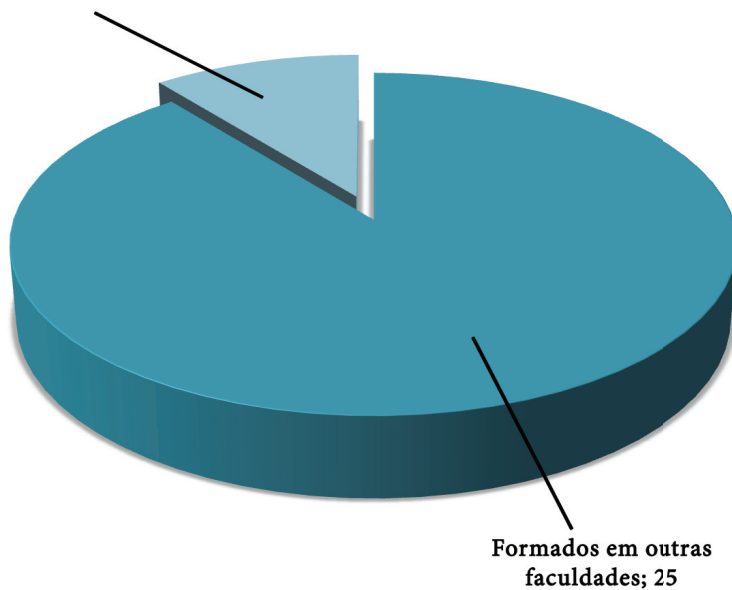
Jornalistas formados
pelo UNASP; 3



Jornalistas na
redação; 13

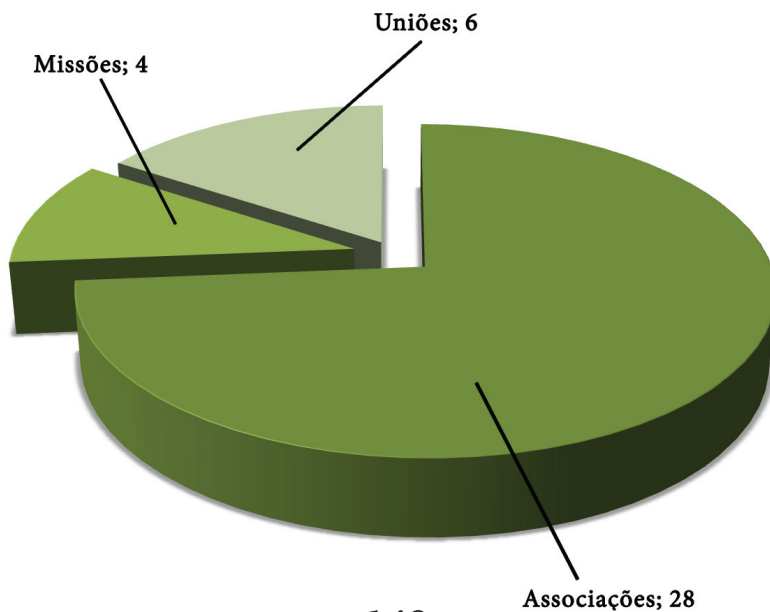
Publicitários que atuam nos departamentos de arte e marketing

Formados pelo
UNASP; 3

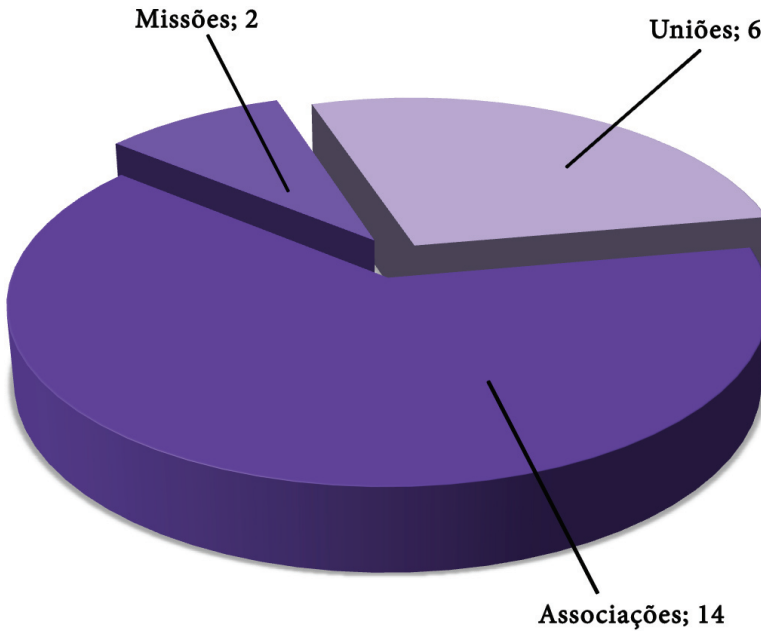


➤ Demais órgãos da Igreja

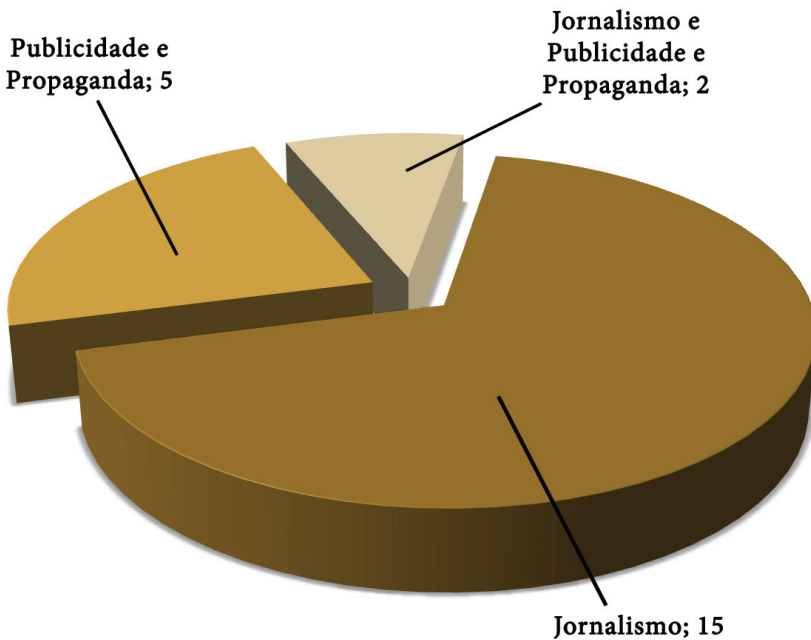
Número total de uniões, associações e missões em todo o território nacional.



Número de profissionais formados pelo curso de Comunicação Social que atuam nessas entidades.



Profissionais divididos por habilitação.



Anexo 2

Quadro de profissionais formados em Comunicação Social pelo Unasp atuantes em órgãos da Igreja⁷¹

Entidade: União Sul Brasileira

Profissionais: Fabiana Amaral Bertotti

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessora de Imprensa

Desde: Julho de 2009

Entidade: Associação Norte Paranaense

Profissionais: Dina Karla Miranda

Habilitação: Jornalismo e Publicidade e Propaganda

Função: Assessora de Imprensa

Desde: Fevereiro de 2007

Entidade: Associação Catarinense

Profissionais: Nélia Guimarães

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Secretária

Desde: Maio de 2007

Entidade: Associação Central Sul-Riograndense

Profissionais: Márcio Tonetti

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessor de comunicação

Desde: Agosto de 2009

Entidade: Missão Ocidental Sul-Riograndense

Profissionais: Ionara Wichinheski

⁷¹ Dados fornecidos pelas próprias instituições.

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessora de comunicação

Desde: Dezembro de 2008

Entidade: União Central Brasileira

Profissionais: Millena Viera da Silva

Habilitação: Jornalismo

Função: Auxiliar Administrativo

Desde: Março de 2009

Entidade: União Central Brasileira

Profissionais: Fabio Ferraz Lui

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Editor de vídeo

Desde: 2007

Entidade: Associação Paulista Central

Profissionais: Ana Paula Ramos

Habilitação: Jornalismo e Publicidade e Propaganda

Função: Assessora de imprensa

Desde: Março de 2008

Entidade: Associação Paulista Central

Profissionais: Rodrigo Baptista da Silveira

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Designer, webmaster e fotógrafo

Desde: Março de 2009

Entidade: Associação Paulista Central

Profissionais: Charlise Alves

Habilitação: Jornalismo

Função: Jornalista

Desde: Março de 2008

Entidade: Associação Paulista Oeste
Profissionais: Lisandro Winckler Staut
Habilitação: Jornalismo
Função: Gerente de comunicação
Desde: Janeiro de 2008

Entidade: Associação Paulista Leste
Profissionais: André Henrique Leite
Habilitação: Jornalismo
Função: Assessora de Imprensa
Desde: Janeiro de 2009

Entidade: Associação Paulista Leste
Profissionais: Geyvison Souto Ludugério
Habilitação: Publicidade e Propaganda
Função: Webdesigner
Desde: Janeiro de 2009

Entidade: Associação Paulista Sul
Profissionais: Agatha Dias Lemos
Habilitação: Jornalismo
Função: Assessora de Imprensa
Desde: Julho de 2008

Entidade: Missão Paulista do Vale
Profissionais: Sandro Gomes Ferreira
Habilitação: Jornalismo
Função: Jornalista
Desde: Maio de 2007

Entidade: União Centro-Oeste
Profissionais: Caroline Angélica Ferraz
Habilitação: Jornalismo
Função: Jornalista
Desde: Janeiro de 2008

Entidade: Associação Planalto Central

Profissionais: Jeanne Moura Damasio

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessora de Imprensa

Desde: Fevereiro de 2008

Entidade: AMT

Profissionais: Paulo Henrique Lopes da Silva

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessor de Imprensa

Desde: Setembro de 2008

Entidade: União Este Brasileira

Profissionais: Vivian de Lima Vergilio

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessora de imprensa

Desde: Maio de 2009

Entidade: União Este Brasileira

Profissionais: Jonathan Conceição

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Editor de áudio e vídeo

Desde: Maio de 2009

Entidade: Associação Espírito Santense

Profissionais: Guilherme da Silva Almeida

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessor de Imprensa

Desde: Maio de 2008

Entidade: Associação Amazonas - Roraima

Profissionais: Deise Barbosa Bezerra

Habilitação: Jornalismo

Função: Assessora de imprensa

Desde: Fevereiro de 2007

Entidade: TV Novo Tempo (Jacareí)

Profissionais: Ana Carolina Riguengo

Habilitação: Jornalismo

Função: Jornalista

Desde: Setembro de 2008

Entidade: TV Novo Tempo (Jacareí)

Profissionais: Franciele Mota da Silva

Habilitação: Jornalismo

Função: Jornalista

Desde: Fevereiro de 2008

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Cigredy Neves

Habilitação: Jornalismo

Função: Assistente da editoria de didáticos

Desde: Agosto de 2008

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Diogo Cavalcanti

Habilitação: Jornalismo

Função: Editor-assistente / didáticos

Desde: Julho de 2006

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Enio Scheffel Junior

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Designer gráfico

Desde: Setembro de 2008

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Fábio Borba

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Designer de criação publicitária

Desde: Janeiro de 2007

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Vandir Dorta Júnior

Habilitação: Publicidade e Propaganda

Função: Designer gráfico

Desde: Fevereiro de 2009

Entidade: Casa Publicadora Brasileira

Profissionais: Wendel Lima

Habilitação: Jornalismo

Função: Editor-assistente da Revista Adventista

Desde: Maio de 2009

Notas

¹ STENCEL, Renato. História da educação superior adventista: Brasil, 1969 a 1999. Piracicaba, 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, p. 284

² STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004, p. 71.

³ Embora aproximadamente metade dos alunos do curso de Comunicação Social não sejam adventistas e apesar da relevância do curso para os veículos da região e sua contribuição no mundo acadêmico, este artigo enfatizará a história do curso como parte integrante da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.

⁴ STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004, p. 76.

⁵ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 24 de junho de 2009.

⁶ STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004, p. 78.

⁷ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 21 de julho de 2009.

⁸ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 21 de julho de 2009.

⁹ STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004, p. 82.

¹⁰ Ibid., p. 83.

¹¹ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 21 de julho de 2009.

¹² STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004, p. 89.

¹³ HOLDORF, Ruben. História dos Jornalistas Adventistas no Brasil e sua relação com a mídia secular. In: *História da Comunicação Adventista no Brasil*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2009, p. 62.

¹⁴ SORVILLO, Rogério. Entrevista a Jefferson Paradello em 23 de junho de 2009.

¹⁵ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 21 de julho

de 2009.

¹⁶ BECHARA, Assad. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 14 de junho de 2009.

¹⁷ BECHARA, Assad. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 14 de junho de 2009.

¹⁸ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello em 24 de junho de 2009.

¹⁹ ARRAIS, Ângela. Entrevista a Jefferson Paradello em 14 de julho de 2009.

²⁰ SORVILLO, Rogério. Entrevista a Jefferson Paradello em 23 de junho de 2009.

²¹ Ibidem.

²² BECHARA, Assad. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 14 de junho de 2009.

²³ SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

²⁴ DORTA, Vandir. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 22 de julho de 2009.

²⁵ STAUT, Lisandro. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 16 de julho de 2009.

²⁶ HOLDORF, Ruben. História dos Jornalistas Adventistas no Brasil e sua relação com a mídia secular. In: *História da Comunicação Adventista no Brasil*. Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2009, p. 78-79.

²⁷ TIMM, S. E.; NOVAES, A. M. Canal da Imprensa: Revista eletrônica de crítica de mídia do curso de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. Anais do 13º. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/expocom/EX9-0095-1.pdf> > Acesso em 16 jul. 2009 >

²⁸ Nota de esclarecimento: professor Ruben Holdorf, Lisandro Staut, Kleiton Tavares Pieper, Siloé João de Almeida Júnior e Tiago Ramos Coelho.

²⁹ Teleprompter. Aparelho utilizado por apresentadores de TV para realizar a leitura textual.

³⁰ SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

³¹ LANZA, Laerte. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 1º de julho de 2009.

³² Empresa de transportes rodoviários.

³³ LANZA, Laerte. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 1º de julho de 2009.

³⁴ Ibidem.

³⁵ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 24 de

junho de 2009.

³⁶ AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 24 de junho de 2009.

³⁷ SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

³⁸ SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

³⁹ STAUT, Lisandro. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 16 de julho de 2009.

⁴⁰ LANZA, Laerte. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 1º de julho de 2009.

⁴¹ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 27 de julho de 2009.

⁴² HOLDORF, Ruben. História dos Jornalistas Adventistas no Brasil e sua relação com a mídia secular. In: *História da Comunicação Adventista no Brasil*. Engenheiro Coelho, SP: Unasp Press, 2009, p. 78-79.

⁴³ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

⁴⁴ TIMM, S. E.; NOVAES, A. M. Canal da Imprensa: Revista eletrônica de crítica de mídia do curso de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Congresso de Ciências da Comunicação na região Sudeste, 13., 2008, São Paulo. Anais do 13º. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/expocom/EX9-0095-1.pdf>> Acesso em 16 jul. 2009>

⁴⁵ VALIANTE, Edilson. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 4 de agosto de 2009.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ VALIANTE, Edilson. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 4 de agosto de 2009.

⁴⁸ A programação da rádio pode ser acessada pelo endereço <http://www.radiounasp.com.br/>

⁴⁹ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

⁵² FONSECA, Odailson. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ GROGER, Renato. Entrevista a Eduardo Teixeira, publicado originalmente na 9ª edi-

ção da revista eletrônica *Kerygma*, veículo semestral do curso de Teologia do Unasp.

⁵⁵ SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

⁵⁶ BECHARA, Assad. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 14 de junho de 2009.

⁵⁷ LANZA, Laerte. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 1º de julho de 2009.

⁵⁸ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 27 de julho de 2009.

⁵⁹ Informação divulgada pela coordenação do curso, relativa ao primeiro semestre de 2009.

⁶⁰ KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 27 de junho de 2009.

⁶¹ Cigredy Neves, assistente da editoria de didáticos; Diogo Cavalcanti, editor-assistente da editoria didáticos, e Wendel Lima, editor-assistente da Revista Adventista;

⁶² Enio Scheffel Júnior, designer gráfico; Fábio Borba, designer de criação publicitária e Vandir Dorta Júnior, designer gráfico.

⁶³ Dados fornecidos pela própria instituição. Até o fechamento deste material a TV não havia repassado o levantamento final com o número de profissionais formados pelo curso de Comunicação Social e que atuam em todos os setores da empresa.

⁶⁴ Ana Carolina Machado Riguengo dos Santos e Franciele Mota, ambas atuando como jornalistas.

⁶⁵ Até a data de confecção deste artigo, já estavam agendadas reuniões para a criação de uma espécie de projeto integrador entre a comunicação da Iasd entre a DSA, a CPB, a Novo Tempo e o curso de Comunicação do Unasp, idealizadas pelo atual assessor de comunicação da DSA, o jornalista Felipe Lemos.

⁶⁶ Além do envolvimento freqüente do curso na alimentação de conteúdo para os veículos da Iasd (produção de notícias para o portal ASN e *Revista Adventista*, gravação de programas informativos para a Rádio Novo Tempo e criação de VTs de intervalos comerciais para a TV Novo Tempo) e com projetos evangelísticos da Iasd (como o planejamento de assessoria de comunicação nos projetos Impacto Campinas e Impacto Esperança), é interessante notar que, dos 12 professores do curso específicos da área de Comunicação, três são pastores e um está terminando o bacharelado em Teologia.

⁶⁷ O curso de Comunicação Social baseia-se em um modelo de tronco comum, no qual os alunos das habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda estudam praticamente as mesmas matérias nos dois primeiros anos do curso, tendo a oportu-

nidade de receber aulas específicas da habilitação de sua escolha somente a partir do terceiro ano. A partir de 2010, a grade curricular irá incentivar uma independência entre as habilitações já no primeiro ano do curso, o que era uma solicitação antiga do corpo docente (ver HOLDORE, Ruben Dargã. Necessidade e vantagem da estruturação de cursos plenos de Jornalismo no Brasil *Acta científica: ciências humanas*, Engenheiro Coelho, número 1, 2001, 41-45, 2º semestre de 2001.)

⁶⁸ Os grupos , coordenados pelo professor Allan Novaes, trabalharão em duas frentes: mídia e religião.

⁶⁹ Com exceção da Jornada Bíblico-Teológica realizada pelo curso de Teologia, com quase dez anos de existência, o curso de Comunicação Social é o único no campus que possui um evento de iniciação científica específico da área e que prevê apenas a participação de seus próprios alunos.

⁷⁰ A educação para a mídia é uma área de estudos que faz a interface entre a comunicação e a educação e que prevê a necessidade de se conferir aos cidadãos do século 21, imersos em uma sociedade informatizada e midiática, uma segunda alfabetização, chamada de alfabetização midiática. Uma pessoa “educada para a mídia” seria capaz de conhecer os fatores econômicos, políticos, culturais e ideológicos que constroem o processo comunicacional e identificar criticamente qual é o impacto que a comunicação e seus produtos podem exercer sobre os valores, as crenças e o estilo de vida. Para saber mais, ver

CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga, (orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

POTTER, W. James. *Media Literacy*. 3. ed. Califórnia: Sage Publications Inc, 2005.

Referências Bibliográficas

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga, (orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

HOLDORF, Ruben Dargã. História dos jornalistas adventistas e sua relação com a mídia secular. In: *Simpósio da memória adventista*. 7., 2004, Engenheiro Coelho, SP.

HOLDORF, Ruben Dargã. *Necessidade e vantagem da estruturação de cursos plenos de Jornalismo no Brasil*, Acta científica: ciências humanas, Engenheiro Coelho, número 1, 2001, 41-45, 2º semestre de 2001.

STENCEL, Renato. Educação Adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Alberto R. *A educação adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004, p. 67-108.

STENCEL, Renato. *História da educação superior adventista: Brasil, 1969 a 1999*. Piracicaba, 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba.

POTTER, W. James. *Media Literacy*. 3. ed. Califórnia: Sage Publications Inc, 2005.

TIMM, S. E.; NOVAES, A. M. Canal da Imprensa: Revista eletrônica de crítica de mídia do curso de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Congresso de Ciências da Comunicação na região Sudeste, 13., 2008, São Paulo. Anais do 13º. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/expocom/EX9-0095-1.pdf> > Acesso em 16 jul. 2009.

BECHARA, Assad. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 14 de junho de 2009.

SIQUEIRA, Fabiana. Entrevista a Jefferson Paradello, por e-mail, em 21 de junho de 2009.

SORVILLO, Rogério. Entrevista a Jefferson Paradello, no Unasp, em 23 de junho de 2009.

AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 24 de junho de 2009.
LANZA, Laerte. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 1º de julho de 2009.

STAUT, Lisandro. Entrevista a Jefferson Paradello, por *e-mail*, em 16 de julho de 2009.

AZEVEDO, Roberto. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 21 de julho de 2009.

DORTA, Vandir. Entrevista a Jefferson Paradello, por *e-mail*, em 22 de julho de 2009.

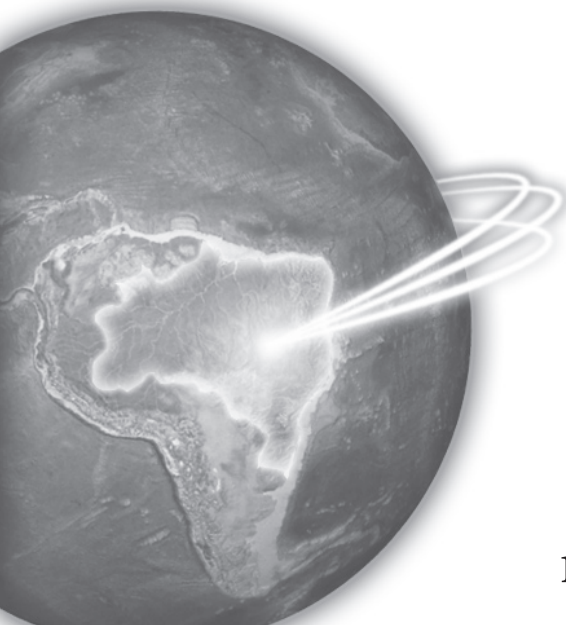
KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 27 de julho de 2009.

VALIANTE, Edilson. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 4 de agosto de 2009.

KUHN, Martin. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

FONSECA, Odailson. Entrevista a Jefferson Paradello, por telefone, em 6 de agosto de 2009.

BIOGRAFIAS



Primeiro assessor da Igreja

————— Roberto Rodrigues de Azevedo —————

Cristiane Luscher e Suellen Timm

Nas décadas de 1940 e 1950, a Igreja receava os meios de comunicação. O programa de rádio “A Voz da Profecia”, por exemplo, não revelava sua origem adventista. Diante desse preconceito, o pastor Roberto Rodrigues Azevedo assumiu um papel fundamental na divulgação da Igreja Adventista do Sétimo Dia na mídia secular. Na tentativa de mudar o conceito que os líderes adventistas possuíam da imprensa, Azevedo recortava seus artigos publicados em grandes jornais, e colocava-os em rolos de até 30 metros de comprimento distribuindo o material em reuniões administrativas da igreja.

Azevedo era conhecido em todo o Brasil por seus documentários, fotos e reportagens. Ele conservava amizade com os responsáveis pela comunicação no País, feito quase impossível para a época. Dentre os jornais que publicavam suas matérias, se destacam a Folha da Manhã, Folha da Tarde, Diário da Manhã, Diário de S.Paulo e O Estado de S.Paulo. Para que assuntos de interesse da Igreja fossem notícia nestes jornais, ele mostrava a relevância dos fatos e, ao final da reportagem, destacava os adventistas como mentores do projeto. As matérias chegavam a ocupar uma ou duas páginas dos jornais.

Nascido em Santo Antônio da Patrulha (RS), em 3 de março de 1916, desde pequeno Azevedo revelava habilidade e talento para a área de comunicação. Em 1940, graduou-se em Teologia no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Centro Universitário Adventista, Campus São

Paulo. No ano seguinte, casou-se com a professora Flora Azevedo. Do matrimônio nasceram cinco filhos: Júlio, Paulo, Roberto César, Eglon e Sérgio, sendo este o único a herdar a vocação de comunicador.

Azevedo exerceu o pastorado no Rio Grande do Sul e em São Paulo, onde também atuou no Departamento de Relações Públicas da Igreja Adventista dos dois Estados. Nos anos 1950, ele concluiu um curso na área de jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, obtendo a credencial, fato muito significativo, já que existiam poucos cursos de Comunicação na época. Preocupado em divulgar a Igreja nos meios de comunicação, Azevedo utilizava diversos recursos para mudar o conceito de “seita sabatista”. Um dos recursos foi espalhar cartazes e outdoors em grandes cidades com os dizeres: “Lembra-te do dia do sábado...”, seguido pelo nome da Igreja.

O jornalista produzia vídeos utilizando vários projetores de slides simultaneamente, que apresentavam a mesma imagem em diversos ângulos, formando uma sequência. Esse tipo de programa era realizado em muitas cidades e igrejas. Seu principal trabalho foi produzido na Ilha do Bananal, com os índios carajás, cujo assunto abasteceu muitas de suas reportagens. Azevedo gostava de empregar aspectos da natureza em suas produções. Ele chegou a trazer um cacique para a capital paulista a fim de que o índio fosse entrevistado pelas principais emissoras de televisão e, assim, divulgar o trabalho dos adventistas junto aos nativos.

Para desempenhar suas atividades, ele contou com o apoio dos pastores Arthur de Souza Valle e Kiyotaka Shirai. Azevedo conheceu Valle enquanto trabalhava na sede da Igreja Adventista na capital de São Paulo, onde atuaram em parceria. Quando exercera a comunicação na sede da Igreja na Região Sudeste do País, ele fez amizade com Shirai, pois residiam no mesmo edifício. Juntos, desenvolveram vários projetos. Azevedo ficava responsável pelos textos e Shirai pelas imagens. Eles chegaram a realizar congressos em parceria.

Apesar de Azevedo possuir uma aparência muito séria, mantinha um bom relacionamento com as pessoas. Era muito bem-humorado e

cômico. Como pastor, ele tinha um perfil muito perfeccionista e pragmático. Este estilo combinava muito bem com a personalidade de seus companheiros de trabalho, que o admiravam pela sua competência e constante dedicação.

Após atuar nas Regiões Sudeste e Sul, Azevedo foi transferido para a sede da Igreja Adventista na América do Sul. Neste período, ele liderou o Departamento de Comunicação e Relações Públicas. Uma de suas últimas obras foi uma série de livretos com fotos e textos de sua autoria. Vítima de deficiência cardíaca, morreu em 11 de maio de 1980, enquanto ainda exercia a comunicação em favor da Igreja.

Numa ocasião, seu filho Paulo visitou uma das igrejas que seu pai havia sido pastor. Depois do sermão, um dos membros perguntou a ele se era filho do pastor Azevedo. Em seguida, entregou-lhe uma bala como forma de demonstração do apreço que tinha pelo pai de Paulo. “Isto é tudo o que tenho, mas quero que leve como recordação”, disse com sinceridade. Para Paulo, o fato foi muito tocante. Por isso guarda o presente até hoje.

Cristiane Luscher e Suellen Timm , graduandas do curso de Jornalismo no Unasp.

Entrevistas

AZEVEDO, Paulo César. Entrevista a Cristiane Luscher e Suellen Timm, em 16 de agosto de 2006.

AZEVEDO, Roberto César. Entrevista a Cristiane Luscher e Suellen Timm, em 8 de agosto de 2006.

Senhor das câmeras e do microfone

Alcides Campolongo

Márcio Tonetti

O que se pode dizer de alguém que guarda num arquivo pessoal todos os scripts, de todos os programas que realizou? E não foram poucos. Só na televisão, 47 anos de trabalho. Alcides Campolongo deixou o ofício de alfaiate em São Carlos, interior paulista, e migrou para a área pastoral. Estudou até arqueologia, mas parou na comunicação. Ele fez história na tevê brasileira como apresentador do primeiro programa religioso da televisão de que se tem notícia no País: Fé Para Hoje.

A estreia do programa na TV Tupi Canal 4 está guardada em preto e branco na memória de Campolongo. A primeira edição foi ao ar em 25 de novembro de 1962. A televisão, nesta época, era um experimento novo não só no Brasil, mas na América Latina. Aparelhos de tevê não passavam de caixotes de madeira que projetavam imagens em baixa resolução. Os programas eram amadores e feitos em sua grande maioria por profissionais do rádio.

Campolongo também já havia atuado no rádio. A voz grave, típica dos locutores da época, ficou conhecida nas Rádios Marconi, Difusora, Piratininga e Mulher, que também veicularam o “Faith for Today”, versão brasileira do Fé Para Hoje. Na Rádio Mulher, por exemplo, o programa durou 20 anos.

Motivado, contudo, mais por uma necessidade financeira do que puramente por uma preferência pessoal, o comunicador migrou

para a tevê. “Conseguir recursos para manter programas na televisão e no rádio ao mesmo tempo era difícil, ainda mais em São Paulo, onde os preços eram os mais altos do País. Nós tínhamos que escolher um dos dois. Ficamos com a tevê”, conta.

A despeito da facilidade de se expressar diante de grandes plateias, devido às séries de evangelismo público que ministrava, Campolongo precisou aprender como se portar diante das câmeras e também a conquistar a simpatia dos telespectadores, além de superar, é claro, o nervosismo por estar diante de uma nova mídia. Geraldo Vietre foi seu professor. O diretor artístico da TV Tupi, um dos maiores novelistas da década de 1960 no Brasil, sugeriu que atores famosos na época, participassem de dramatizações a fim de aumentar a audiência do Fé Para Hoje. Vida Alves, Clenira Michel, João Monteiro e Tony Ramos, que iniciava a carreira artística, foram alguns dos nomes que chamaram a atenção do público do programa com encenações de histórias bíblicas e principalmente de temas relacionados à família. “O público gostava porque eles atuavam muito bem. Só que o trabalho desses atores não estava incluído na mensalidade. A tevê cobrava à parte o cachê deles, que era muito caro. Fizemos isso durante três anos”, recorda.

Outras emissoras

Com a cassação da TV Tupi pelo governo federal, em 1980, o apresentador se obrigou a buscar outras emissoras e patrocinadores a fim de manter o Fé Para Hoje no ar. Embora com abrangência menor – apenas para o interior paulista – as gravações passaram a ser transmitidas pela TV Morada do Sol, de Araraquara. Em 1984, o programa migrou para a Record, mas, paralelamente, Campolongo se apresentava também diariamente na Bandeirantes, de segunda à sexta durante um minuto. Pela TV Gazeta, o programa só foi veiculado a partir de 1987.

Nesse período, contudo, as filmagens não eram feitas em São Paulo. O “âncora” viajava toda semana para Curitiba, onde realizava as gravações juntamente com a equipe da Voz da Profecia. Durante cinco

anos, Campolongo fez este trajeto de ônibus. Além disso, cerca de 40 edições do Fé Para Hoje chegaram a ser gravadas por ele em países como Israel, Síria, Líbano e Egito. Com isso, o programa ganhou corpo. “O povo foi vendo que a gente apresentava um material de primeira qualidade e de interesse público”, enfatiza. “A nossa audiência nunca baixou de um ponto no Ibope”, complementa.

Uma pesquisa publicada na edição número 95 da Revista Imprensa classificou o Fé Para Hoje como o programa religioso mais assistido da TV Gazeta em meados da década de 1990. De acordo com o levantamento feito pelo Ibope, 24 mil aparelhos estavam sintonizados no programa.

O carisma e a boa comunicação do apresentador contribuíram para que se alcançasse este índice. Alcides Campolongo recebeu cartas até de autoridades judiciais, como foi o caso do desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Adriano Marrey:

Ouvi hoje, ocasionalmente, o programa Fé para Hoje, a cargo de um ministro religioso, que desde logo se percebe seja um espírito profundamente cristão, dotado de notável cultura, e que se tornou admirável pela maneira comovente com que se refere à figura de Jesus... Foi um momento feliz, este de estar ouvindo um desconhecido e simpático ministro religioso – não pregador, porque não estava fazendo sermão. Vou me tornar fã desse precioso programa. Terei, assim, a possibilidade de aproximar-me diretamente de Jesus. Muito obrigado pelo conforto que me proporcionou o programa Fé para Hoje.

Impresso e RP

O gosto e, sobretudo, a habilidade como comunicador é algo que Alcides Campolongo conquistou ao longo dos anos. Além de atuar no rádio e na tevê, ele trabalhou em departamentos de comunicação da Igreja Adventista, quando o setor ainda era chamado de Relações Públicas, Temperança e Rádio e TV. Face ao bom relacionamento que

manteve com a imprensa, a Igreja virou notícia em muitas ocasiões. Em 1992, a jornalista Margarida Izar, que participou das primeiras reuniões para a fundação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, acompanhou durante uma semana o trabalho de assistência médica realizado pela Lancha Luminar II nas comunidades às margens do Rio São Francisco. A repórter publicou reportagem no Diário de S.Paulo sobre o assunto.

Neste mesmo jornal, Campolongo escreveu durante dez anos. Todos os artigos estão guardados a sete chaves. Ele ainda lembra o assunto do primeiro texto deixado na redação do Diário, na Rua Sete de Abril, Centro de São Paulo, em maio de 1959. “Fiz amizade com o redator-chefe do jornal e levei um artigo que falava sobre o Dia das Mães. Ele gostou do artigo e disse que eu poderia continuar escrevendo toda semana. Fazia os textos e entregava para o Diário de S.Paulo na sexta. A publicação acontecia, então, todo domingo”, explica.

O compromisso e a competência lhe abriram muitas portas. Tanto, que a direção do impresso da capital lhe indicou à Associação Paulista de Imprensa. A carta de recomendação, que o qualificava como alguém que tem “pendores para a escrita”, lhe garantiu a carteira de jornalista.

O apresentador do primeiro programa religioso da tevê brasileira também foi destaque em matérias publicadas por veículos importantes do País. O caderno “TV Folha”, na edição de 10 de setembro de 2000, trouxe reportagem especial onde ele foi citado.

Apesar da idade, Campolongo não pensa em parar. Aos 83 anos, ele tem pelo menos três objetivos: um deles é lançar o Fé Para Hoje na TV NET; o outro, retomar o programa na Rádio Mulher. O último projeto é o mais difícil: transformar a sua história em livro. Ele vai ter muita história para contar.

Márcio Tonetti, graduado em Jornalismo pelo Unasp, obteve a Especialização em Docência Universitária e é assessor de comunicação da Igreja Adventista em Porto Alegre. Ex-editor-chefe do Valor Regional, em Guarapuava (PR), no Unasp foi professor do curso de Jornalismo e diretor de Redação da ABJ. Além de repórter da CBN Mogi-Mirim, Tonetti ancorou o principal programa jornalístico da Rádio Unasp FM.

Último recado

————— Arnaldo B. Christianini —————

Cristiane Luscher e Suellen Timm

“Não posso escrever mais nada. O meu recado (de vida) está dado. Estou apenas aguardando a minha transladação.” Ciente de seus problemas cardíacos, em 17 de setembro de 1984, Christianini redigiu uma carta de despedida a um amigo em Campinas, finalizando com essas palavras. Esta seria a provável data de seu falecimento, pois o corpo foi encontrado somente às 16 horas do dia seguinte.

Muito talentoso, Christianini era contador, escritor, historiador, jornalista, músico, pintor, professor, teólogo e tradutor. O filho de José e Clara Christianini nasceu em 5 de março de 1915, em Bariri, SP. Concluiu em Bebedouro o 1.º e 2.º graus, destacando-se por ser autodidata. Dedicado jornalista, começou sua carreira aos 18 anos, escrevendo em torno de oito mil textos para jornais e revistas em toda sua vida. Ele demonstrava credibilidade e segurança ao assinar seus textos, pois sempre podia provar suas afirmações.

Entre os jornais que receberam sua colaboração, destacam-se a Gazeta de Lins, Correio de Notícias, Correio Popular de Campinas, Diário do Povo, Estado de Minas e News Seller. Christianini fundou o Correio de Pirajuí e o Jornal Hoje. Até o momento em que conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), foi titular imortal da Academia Maçônica de Letras, publicando em 1945 o livro Síntese Histórica da Maçonaria Universal.

Casou-se em 31 de dezembro de 1938 com Inah Pulino. Do casamento nasceu Paulo Roberto, auditor e economista, e Vera Helena,

esposa do pastor Otávio Belz. Arnaldo Christianini lecionou na Escola Técnica e Ginásio de Pirajuí de 1947 até 1949. Aceitou a mensagem adventista por meio da leitura dos livros *A Vitória de Maria*, *O Raiar de um Novo Dia* e *Pelos Meandros do Mal*, sendo batizado em 1952 pelo pastor Itanel Ferraz. Anos depois, quando o pastor Ferraz foi estudar nos Estados Unidos, deixou com Christianini alguns livros de grego e hebraico. Quando Ferraz retornou, o jornalista havia aprendido os dois idiomas.

Como havia estudado inglês, hebraico e grego, recebeu licença para ministrar as disciplinas de Inglês, História Geral, Latim e Português para o então ginásial. Como possuía um estilo elegante e fluência na escrita e oratória, dedicou-se a defender a causa adventista e pesquisar sobre assuntos doutrinários. Utilizava adjetivos para rotular negativamente os seus oponentes, o que dava aos seus textos característica apologetica.

Iniciou suas atividades na Igreja Adventista, em 1958, como redator da Casa Publicadora Brasileira (CPB), encarregando-se das revistas *O Ministério Adventista*, *Nosso Amiguinho* e *Mocidade*. Na CPB, Christianini traduzia meditações matinais e era co-tradutor dos livros escritos por Ellen G. White. Além disso, ele foi professor do Ginásio Santo André, de 1959 a 1962. Por motivos pessoais, afastou-se da Casa Publicadora neste mesmo ano, trabalhando como economista e professor no Educandário Nordestino Adventista (ENA). Atuou na Missão Mineira nos anos seguintes (1964-1971) como responsável pelos Departamentos de Temperança, de Relações Públicas, de Educação, de Rádio e de Escola Sabatina, secretário-economista e atividades jurídicas.

Após trabalhar na Igreja de Concórdia, em Belo Horizonte, MG, retomou as atividades na Casa Publicadora em setembro de 1972. No ano seguinte, foi nomeado chefe de redação, responsabilizando-se pela *Revista Adventista* e prosseguindo com suas traduções. Christianini exerceu a profissão até sua aposentadoria em 30 de setembro de 1975, deixando o cargo por motivos de saúde. Seu sucessor foi Carlos Trezza, que já o havia substituído de 1965 a 1972. Mesmo aposentado, ele continuou escrevendo artigos e traduzindo livros em sua casa, em Campinas.

Além de artigos e reportagens, ele foi autor dos livros *A Tua Liberdade* (1940), o livro de poesias *Migalhas* (1945), *Subtilezas do Erro* (1965), *Radiografia do Jeovismo* (1966) - traduzido para o castelhano, o livro de poemas *Rosal de Saron* (1967) e *O Ídolo da Quarta-feira* (1967). Sua principal obra, *Subtilezas do Erro*, foi inicialmente publicada na *Revista Adventista* como série de 36 artigos, escritos em resposta ao livro *O Sabbatismo à Luz da Palavra de Deus*, de R. Petrowski. Mais tarde os artigos foram reunidos e publicados pela Casa Publicadora em um único exemplar.

Christianini participou de diversas sociedades no Brasil e no exterior, como a Associação Brasileira de Escritores, Associação Paulista de Imprensa, Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, Associação Brasileira de Tradutores, Comissão Permanente de Revisão e Consulta da Sociedade Bíblica do Brasil e Clube de Poesia de Santo André. Ele também foi membro honorário da Academia de Letras da Fronteira; Academia Internacional de Ciências Humanísticas; Academia Internacional de Letras “3 Fronteiras” e do Centro Literário, Cultura e Artístico de Felgueiras, em Portugal.

Referências Bibliográficas

CHRISTIANINI, Arnaldo B. *Curriculum Vitae*.

FERRAZ, Itanel. Carta a Alberto R. Timm, abril de 2006.

LESSA, Rubens S. Pastor Christianini aposenta-se. *Revista Adventista*, novembro de 1975.

_____. Falecimentos - Pastor Arnaldo B. Christianini. *Revista Adventista*, novembro de 1984.

SCHEFFEL, Rubem M. O último prefácio. *Revista Adventista*, novembro de 1984.

Comunicador quatro estrelas

Assad Bechara

Cristiane Luscher e Suellen Timm

O primeiro sermão do pastor Assad Bechara foi decisivo para o seu ingresso na área da comunicação. Enquanto pregava, ele percebeu que sua mensagem não interessava os membros, pois uma pessoa sentada à primeira fila adormeceu durante os quase 50 minutos de exposição. Decidido a aprimorar sua retórica e não enfrentar mais problemas semelhantes, Bechara resolveu cursar Comunicação Social, sendo o único adventista a possuir as três habilitações disponíveis na área.

A família Bechara, natural da Síria, chegou ao Brasil no final século XIX. O casal Helena e João Bechara passaram a residir em Santo Amaro, capital paulista. Em 31 de dezembro de 1933, em Pirajuí, interior de São Paulo, nasceu Assad Bechara, o filho do casal. Enquanto fazia um curso científico para aprimorar seu trabalho como dentista, decidido a seguir a carreira do pai, um membro da igreja em que frequentava sugeriu que exercesse o ministério pastoral. Impactado pela conversa, optou por cursar Teologia no mesmo dia.

Cumpriu o curso teológico em três anos, obtendo o título de bacharel em 1957. Depois de formado, atuou como auxiliar do pastor Geraldo de Oliveira nas conferências no bairro da Penha, em São Paulo. O casamento de Assad e Najla Demétrio ocorreu em 19 de maio de 1958, o memorial do dia escuro da profecia bíblica. No mesmo ano assumiu as 33 igrejas de Fernandópolis, SP. Não tendo automóvel, Bechara percorria os 330 quilômetros a pé, deparando-se até mesmo com uma vaca brava.

Durante uma série de conferências realizada em Urânia, em 1960, Bechara resolveu divulgar o trabalho por meio de caixas de alto-falantes à pilha adaptadas a uma charrete. A invenção não agradou o padre da cidade, que perdera muitos de seus fiéis para as conferências. Por isso o pároco uniu os membros e marcou data para atacar o salão onde a série era ministrada. O caso foi levado à Delegacia Regional, onde o responsável defendeu a liberdade religiosa. Não se contentando com a situação, Bechara resolveu contatar o proprietário da rádio de Fernandópolis, que resolveu ajudá-lo, ameaçando cortar a transmissão das “ave-marias”. Por fim, os fiéis católicos abandonaram as ameaças.

Após trabalhar como auxiliar, Bechara foi convidado a ministrar no distrito de Campinas, que naquela época incluía mais três municípios vizinhos. No ano seguinte, 1963, ele assumiu o Departamento de Jovens na Associação Paulistana, onde atuou por cinco anos. Bechara promoveu diversos eventos recreativos para os jovens e utilizou slogans em campanhas de divulgação dos adventistas. Nesta mesma época, ele se responsabilizou pelo Departamento de Educação, devido a uma necessidade momentânea. No segundo semestre de 1968, ele retornou ao cargo de distrital, desta vez na Central de Curitiba. Ali implantou o projeto Telepaz, mensagens telefônicas de conforto aos curitibanos, o que lhe rendeu profunda consideração da prefeitura local.

Em 1972, ele recebeu transferência para a sede da Igreja em Niterói, onde assumiu o Departamento de Jovens. Nesta época passou a utilizar os meios massivos de comunicação, especialmente num evento denominado “Congressão”, realizado em Belo Horizonte em 1973. Em parceria com o pastor Roberto Rodrigues de Azevedo, apresentaram filmes produzidos no Rio Araguaia, junto aos índios carajás. As emissoras de televisão, jornais de Minas Gerais e a Rede Globo abriram espaço para transmitir o material, fornecendo em troca anúncios gratuitos do Congresso Jovem em telejornais e na mídia impressa.

Na revista O Cruzeiro foram publicadas quatro páginas sobre o programa em edição nacional. Bechara utilizou outdoors para promover os jovens adventistas com os dizeres: “Um abraço a Belo

Horizonte dos jovens adventistas do sétimo dia.” À medida que eram promovidas mais atividades comunitárias, apenas eram sugeridas as pautas e os veículos de comunicação se responsabilizavam pela cobertura. Em 1974 foi idealizado um projeto para o Dia das Mães, vinculado três vezes por dia nos melhores horário da Rede Globo. Pouco antes desta data, a emissora passou a anunciar a mensagem da Igreja de dez a doze vezes por dia.

A fim de servir melhor os jovens, em 1977 ele se graduou também em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Afonso, quando obteve as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Em 1977, enquanto trabalhava como Relações Públicas do Hospital Silvestre no Rio de Janeiro, Bechara resolveu pedir auxílio da administração da Igreja para financiar seu Mestrado em Comunicação Religiosa na Universidade Andrews, Estados Unidos. Assim, ele aproveitou a ocasião para cursar o doutorado na mesma área, defendendo a apresentação de filmes de índole religiosa na televisão com apoio dos membros da Igreja para veiculação.

Bechara atuou desde 1980, durante seus estudos no exterior, no Departamento de Comunicação da sede sul-americana da Igreja Adventista, em Brasília. Quando ele voltou ao Brasil, em 1986, retomou as atividades de pastor distrital em Campinas com o objetivo de avaliar a imagem da Igreja Adventista. Sete meses depois voltou a seu cargo anterior na Divisão Sul-Americana, permanecendo até 1995.

Próximo de sua aposentadoria, Bechara solicitou à sede mundial da Igreja, a possibilidade de estudar língua árabe no Cairo, Egito, a fim de organizar um grupo de adventistas islâmicos. Com essa experiência, ele auxiliou a fundação da Comunidade Árabe Aberta na capital bandeirante. Sua principal obra, 27 doutrinas no Alcorão, publicada em 2006, é fruto de seu trabalho na comunidade. O doutor Bechara colaborou para a implantação dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, em Engenheiro Coelho, permanecendo como coordenador de 2000 a 2002.

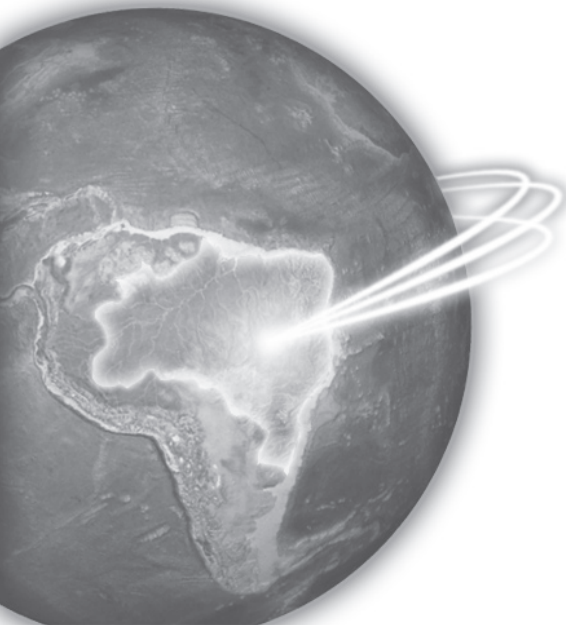
Referências Bibliográficas

BECHARA, Assad. Entrevista à Fabiana Bertotti, por e-mail, em 29 de setembro de 2004.

BROSSA, Carlos C. Biografia do pastor Assad Bechara. Engenheiro Coelho, SP, junho de 2001.

“Evangelismo e comunicação de massa”. Entrevista à Revista Adventista. Junho de 1983.

APÊNDICES



Crescimento de olho na missão

Felipe Lemos

O processo de implementação efetiva da atividade de assessoria de imprensa nas instituições adventistas brasileiras é recente e remonta aos anos 1990. Nas décadas de 1970 e 1980, a atividade começou a ganhar importância, principalmente por iniciativa de pastores que se identificavam com a área de comunicação e relações públicas. Embora não haja um documento histórico que ateste, o que se sabe é que, antes dos anos 1970, e até o início dos anos 1980, pioneiros como Roberto Rodrigues de Azevedo, Artur de Souza Valle, Anísio Chagas e Ítalo Manzolli mantinham relacionamento contínuo com donos de empresas de comunicação e editores de veículos das cidades em que eles atuavam.

Naquela época, era comum, inclusive, a utilização de fotografias e até vídeos sobre projetos interessantes realizados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia que eram levados ao conhecimento dos jornalistas. Assim, de uma maneira diferente, mas eficaz, ocorria a divulgação do que os adventistas faziam na imprensa. Obviamente práticas como o envio de *press releases*, organizações de entrevistas coletivas ou clipagem ainda não eram comuns no meio adventista e nem havia uma estruturação para desenvolvimento dessas atividades. Em 1979, conforme resgata o pastor e jornalista Siloé de Almeida, houve a criação de um primeiro trabalho organizado e sistemático que envolvia assessoria de imprensa, realizado pelo pastor José Alfredo Torres, também jornalista, na então Associação Paulista (hoje Associação Paulistana).

A partir dos anos 1980, Siloé de Almeida também começou a realizar trabalhos de divulgação junto à imprensa a partir do Hospital Adventista de São Paulo, em sintonia com Torres, e a atividade começou a se tornar mais conhecida nos meios adventistas. Nesse tempo foi dado o pontapé inicial para esse trabalho na União Nordeste, Associação Paulista Central e Associação Planalto Central. O ano de 1995 foi marcado como o início de um movimento com a intenção de

difundir entre as Associações e Uniões brasileiras e hispanas a necessidade de uma atuação profissional no relacionamento com a imprensa. Constantes treinamentos de comunicação e os próprios resultados advindos com a utilização de ferramentas corretas ao se lidar com os jornalistas em geral contribuíram de forma decisiva para que o trabalho se tornasse mais sólido.

Desde 2000, por conta, também, da globalização da informação em função da popularização do uso da internet no Brasil, a difusão de informações institucionais de organizações, inclusive a Igreja Adventista do Sétimo Dia, tornou-se uma necessidade e não uma opção apenas. Estar presente na mídia, não por meio de publicidade paga, mas por meios espontâneos (como notícia), começou a se tornar parte da estratégia comunicacional adventista. A era do conhecimento, em que muitos teóricos de gestão da informação afirmam que vivemos, pressupõe o uso inteligente e adequado das mídias espontâneas, das redes sociais e de todo e qualquer meio que chegue ao público-alvo. E a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, então, com algum *delay*, finalmente percebe essa relevância e dá passos mais significativos em direção a uma atuação consistente.

Impulso missionário

O trabalho de assessoria de imprensa recebeu um motivacional fundamentado na própria missão e objetivo geral dos adventistas: a pregação do Evangelho. A própria Igreja Adventista declara que sua razão de existência é difundir o Evangelho, tal como descrito e ensinado na Bíblia, a todas as nações, tribos, línguas e povos. Por isso o uso dos meios de comunicação se tornou, também, um aliado importante para a atividade final.

Quando se fala em pregação do Evangelho, é fundamental compreender que não se trata apenas das questões doutrinárias pertinentes à crença adventista, e, sim, aos valores e princípios que norteiam de modo geral a denominação. Áreas como a assistência social, a educação e o atendimento a mulheres, crianças e idosos adquirem um papel importante na demonstração de que os adventistas agem em favor da sociedade de maneira prática. E essa atividade, por meio da assessoria de imprensa, ganha destaque na mídia e cria uma empatia com o público em geral que enxerga nos adventistas parceiros das comunidades em que se inserem. E isso começa a ser encarado como evangelismo em essência e não apenas divulgação regular.

Desafios futuros

Em 2009, a Divisão Sul-Americana, sob a presidência do pastor Erton Köhler, e tendo como líder de Comunicação o pastor Edson Rosa, resolve investir de maneira direta e inicia a estruturação de um núcleo de assessoria de comunicação em Brasília, implantando a assessoria de imprensa. Une-se à jornalista Márcia Ebinger, que já atuava na Divisão com foco mais na agência de notícias e nas atividades de comunicação interna, o jornalista Felipe Lemos, com experiência em comunicação corporativa, que assume desafios interessantes para o futuro.

Uma das metas é consolidar a integração entre as assessorias de imprensa das instituições adventistas sul-americanas, incluindo a Novo Tempo, editoras e empresas alimentícias e de saúde. Outro desafio é dar visibilidade, na mídia, às ações, projetos e programas de interesse sul-americano e apresentar a opinião oficial da Igreja sempre que necessário e dentro de uma estratégia maior. O caminho da assessoria de imprensa na Igreja Adventista parece ser inevitável e a expectativa é que todas as Associações, Missões, Uniões e demais instituições, em curto, médio ou longo prazo, contratem ou comecem a se valer de serviços de profissionais de comunicação para se relacionar de forma técnica com os meios de comunicação.

Felipe Lemos é assessor de imprensa da sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Brasília.

Declaração de consenso

Aprovada no VII Simpósio da Memória Adventista no Brasil “História da Comunicação Adventista no Brasil” Unasp, Campus Engenheiro Coelho

O VII Simpósio da Memória Adventista, sob o tema “História da Comunicação Adventista no Brasil”, realizou-se entre os dias 17 e 24 de outubro de 2004, no Unasp, Campus Engenheiro Coelho. Representados pela Comissão proposta para redigir uma declaração conjunta, os participantes do evento expressam sua convicção e visão da comunicação relacionada à missão da Igreja no documento abaixo.

“Nós, os participantes do VII Simpósio da Memória Adventista, propomos que:

1. Os serviços prestados na área de comunicação – representada na Igreja por entidades como a Casa Publicadora Brasileira, TV e Rádio Novo Tempo, cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp e Departamentos de Comunicação – sejam executados por profissionais da mídia com curso superior, como jornalistas, publicitários, relações públicas, marqueteiros, editores de livros, radialistas e cineastas, que evidenciem um compromisso denominacional. Para isso, torna-se necessário investir na expansão tecnológica das mídias vigentes e na formação acadêmica, preparando os futuros profissionais para atuarem tanto na Igreja quanto na sociedade.

2. Os planos de ação nas mídias sejam elaborados por uma Comissão de Estratégia, estabelecendo um núcleo permanente de profissionais, cuja função visará estruturar uma política de comunicação para a Igreja.

3. A Igreja deva preparar o comunicador do futuro, criando Oficinas de Comunicação no ensino médio das Escolas Adventistas, oportunizando o desenvolvimento de novos talentos e esclarecendo a importância das mídias no contexto evangelístico.

4. A sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia promova outros congressos e simpósios entre profissionais, professores e estudantes de Comunicação, envolvendo, sobretudo, os Cursos de Comunicação Social do Brasil, Argentina e Peru, a fim de haver uma interatividade, apresentação e lançamento de projetos, e troca de experiências.

5. Mais canais de notícias sejam organizados, interligados à ASN (Agência Sul-Americana de Notícias), com o intuito de se realizar uma abordagem integrada da comunicação na Igreja, padronizando suas funções básicas de informar, interpretar, opinar e educar.

6. Os Departamentos de Comunicação estruturem relações com a mídia secular, tornando a mensagem bíblica relevante para a sociedade e, desse modo, acelerem o potencial evangelístico da Igreja.

7. A comunicação seja usada como ferramenta para resgatar e ressaltar os valores morais e éticos bíblicos abandonados pela sociedade contemporânea.

8. A sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em parceria com os cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp, redija sua Visão e sua Missão, conforme o padrão criado pela sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

9. O devido reconhecimento seja concedido ao trabalho de todos aqueles que contribuíram, colaboram e ainda se dedicarão à divulgação da mensagem da salvação em Cristo até que Ele volte.

10. O Centro de Pesquisas Ellen G. White, organizador deste Simpósio, registre o evento em forma de livro, contendo os textos referentes aos temas das palestras, resguardando a história da comunicação adventista em seus arquivos e disponibilizando sua leitura aos membros da Igreja.

Participaram da elaboração da Comissão Declaratória:

Dr. Alberto R. Timm (Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, Unasp) – Organizador e coordenador do evento.

Prof. Ruben Dargã Holdorf (curso de Jornalismo do Unasp) – Relator.

Pr. Ray Dabrowski (Diretor mundial de Comunicação da IASD).

Pr. Siloé de Almeida (Diretor de Comunicação da IASD para a América do Sul).

Prof. Laerte Lanza (Coordenador dos cursos de Comunicação Social/ Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp).

Unasp, Engenheiro Coelho, SP, 24/10/2004.

Cronograma histórico da comunicação adventista no Brasil

07/1900: Guilherme Stein Jr. inicia a publicação da revista O Arauto da Verdade, no Rio de Janeiro, o primeiro periódico adventista em língua portuguesa.

22/12/1942: Primeiro contato de Roberto Rodrigues de Azevedo com a imprensa. O artigo foi publicado pelo jornal O Rio Grande, de Rio Grande (RS).

23/09/1943: Primeiro programa de A Voz da Profecia, cujo orador Roberto Mendes Rabelo gravou os primeiros pilotos para o Brasil, em Glendale, na Califórnia.

1952: Elon Garcia se torna o primeiro comunicador adventista na mídia secular. Ele iniciou sua carreira como radialista e repórter na Rádio Guairacá, de Curitiba.

20/10/1960: Elon Garcia, primeira imagem e voz em tevê no Paraná. Seu pioneirismo começou na TV Paranaense, hoje Rede Paranaense de Comunicação.

25/11/1962: Primeiro programa adventista na tevê brasileira, com a direção do pastor Alcides Campolongo.

12/1966: Pastor Artur de Souza Valle, primeiro adventista graduado em Jornalismo no Brasil, pela Universidade Católica do Paraná, hoje PUC-PR.

26/03/1971: Inauguração da Telepaz, na Igreja Central de Curitiba, cuja primeira mensagem foi gravada por Elon Garcia.

12/1973: Odailson Spada, primeiro membro adventista graduado em Jornalismo no Brasil, pela Universidade Federal do Paraná.

Ivo Santos Cardoso, primeiro redator da Casa Publicadora Brasileira a se graduar em Jornalismo.

1977: Mais precoce comunicador adventista, Rogério Sorvillo Vieira iniciou carreira aos 15 anos de idade numa agência de publicidade do mesmo grupo do Diário do Grande ABC.

31/03/1979: Projeto Folhetão, idealizado pelo pastor Roberto César de Azevedo, filho de Roberto Rodrigues de Azevedo.

11/05/1980: Roberto R. Azevedo morre de insuficiência cardíaca no Hospital Adventista São Paulo. No dia seguinte, por ocasião da cerimônia fúnebre, um desconhecido o denomina de “Patriarca das Comunicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil”.

09/07/1980: Programa Encontro com a Vida, do pastor José Irajá da Costa e Silva e Elon Garcia.

07/1982: Ivo Santos Cardoso cria o tablóide Vida Integral.

25/01/1983: Morte de Artur de Souza Valle.

05/1984: Lançamento do projeto Palmas Pra Você Mamãe, do pastor Assad Bechara.

1985: Transferência da Casa Publicadora Brasileira, de Santo André para Tatuí (SP), inaugurada em janeiro de 1987.

20/08/1987: Inauguração dos estúdios do Encontro com a Vida, em Curitiba.

12/08/1989: Primeira Rádio Novo Tempo na América Latina, antiga Rádio Difusora Guanduense, em Afonso Cláudio (ES).

07/11/1996: Inauguração da TV Novo Tempo, em Nova Friburgo (RJ), transferida em junho de 2005 para Jacareí (SP).

31/01/2000: Início das aulas dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Publicidade e Propaganda no Unasp, Engenheiro Coelho (SP).

19/02/2000: Aula Magna dos cursos com a presença do jornalista Hermano Henning, do SBT.

07/05/2000: Ruben Holdorf cria a Agência IAE de Notícias, do curso de Jornalismo do Unasp, depois Unaspres, Abrajor e ABJ (Agência Brasileira de Jornalismo).

06/2000: “O Governo da Nova Era”, do pastor e jornalista Elizeu Corrêa Lira, único livro publicado pela CPB a ser indicado ao Prêmio Jabuti de Literatura.

07/2003: I Congresso Sul-Americano de Comunicação, realizado em Engenheiro Coelho, sob a direção-geral do pastor Siloé de Almeida.

03/2004: Transmissão pela TV Novo Tempo do primeiro telejornal (Semana em Foco) produzido pelo curso de Jornalismo do Unasp, ancorado por Laerte Lanza e Fabiana Bertotti.

07/2004: Portaria do Inep/MEC reconhece os cursos de Jornalismo e PP do Unasp com conceito A.

09/2005: A revista eletrônica Canal da Imprensa, do curso de Jornalismo do Unasp, vence o SET Universitário da PUC-RS como melhor mídia online do Mercosul.

19/05/2006: Aquisição da TV Setorial, em Pindamonhangaba (SP), ligada à Rede Novo Tempo.

10/2006: Os alunos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp obtêm o conceito B do Enade, deixando os cursos em segundo e quarto lugares, respectivamente, no Estado de São Paulo.

05/2007: A ABJ conquista o primeiro lugar na Intercom Sudeste com o melhor vídeo institucional e o vice na categoria Agência de Jornalismo.

02/09/2007: A ABJ conquista o primeiro lugar na Intercom Nacional com o melhor vídeo institucional, produzido por Márcio Tonetti e Rômulo Gomes.

10/2007: A ABJ conquista três primeiros lugares no SET Universitário da PUC-RS.++

2009: Betina Pinto assume a Chefia de Redação da TV Novo Tempo, em Jacaré.

07/2009: Felipe Lemos se torna assessor de imprensa da sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Brasília, e Fabiana Bertotti assume o mesmo cargo na sede da Igreja para o Sul do Brasil, em Curitiba.

08/2009: Ruben Holdorf assume a Diretoria de Jornalismo da Rádio Unasp FM depois de nove anos de gestão à frente da ABJ, cuja Diretoria Editorial se encontra sob a responsabilidade de Allan Novaes.

31/1/2010: Os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Unasp completam 10 anos de existência.